

CARAMURÚ.
POEMA EPICO
DO
DESCUBRIMENTO
DA
BAHIA,
COMPOSTO
POR
Fr. JOSÉ DE SANTA RITA
DURÃO,

Da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural da Cata-Preta nas Minas Geraes.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXI.

Com licença da Real Mesa Censoria.

A
B 269.10
D 951
1781

*Et quoniam Deus ora movet, sequar ora
moventem.*

Rite Deum.

Ovid. Metamorph. XV.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número

2343

do ano de

1974

REFLEXÕES PREVIAS,

E

ARGUMENTO.

OS successos do Brazil não merecião menos hum Poema, que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da Patria. Sei que a minha Profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos de hum Religioso, porque o não forão de Bispos, e Bispos Santos; e o que mais he, de Santos Padres, como S. Gregorio Nazianzeno, São Paulino, e outros; maiormente, sendo este Poema ordenado a pôr diante dos olhos aos Libertinos o que a natureza inspirou a homens, que vivião tão remotos das que elles chamão *preoccupações de espiritos debeis*. Opportunamente o insinuamos em algumas Notas: usamos sem escrupulo de nomes tão barbaros: os Alemães, Inglezes, e semelhantes não parecem menos duros aos nossos ouvidos; e os nossos aos seus. Não faço mais apologias da

Obra , porque espero as reprehensões , para , se for possível , emendar os defeitos , que me envergonho menos de commetter , que de desculpar.

A acção do Poema he o descobrimento da Bahia , feito quasi no meio do Seculo XVI. por Diogo Alvares Correa , nobre Vianez , comprehendendo em varios episodios a Historia do Brazil , os Ritos , Tradições , Milicias dos seus Indigenas , como tambem a Natural , e Politica das Colonias.

Diogo Alvares passava ao novo descobrimento da Capitania de S. Vicente , quando naufragou nos baixos de Boipebá , vizinhos á Bahia. Salvárão-se com elle feis dos seus companheiros , e forão devorados pelos Gentios Antropofagos , e elle esperado , por vir enfermo , para melhor nutrido servir-lhes de mais gostoso pasto. Encalhada a não , deixarão-no tirar della polvora , bala , armas , e outras especies , de que ignoravão o uso. Com huma espingarda matou elle caçando certa ave , de que espantados os Barbaros o acclamarão *Filho do trovão* , e *Caramuru* , isto he ; *Dragão do mar*. Combatendo com

os Gentios do Sertão , venceo-os , e fez-se dar obediencia daquellas Nações barbaras. Offerecêrão-lhe os Principaes do Brazil as suas filhas por mulheres ; mas de todas escolheo Paraguaçú , que depois conduzio comsigo á França ; occasião , em que outras cinco Brazilianas seguirão a náó Franceza a nado , por acompanhallo , até que huma se affogou ; e intimidadas as outras , se retirárão.

Salvou hum navio de Hespanhoês , que naufragárão , com o que mereceo , que lho agradecesse o Imperador Carlos V. com huma honrosa carta. Passou á França em náó , que alli abordou daquelle Reino , e foi ouvido com admiração de Henrique II. , que o convidava para em seu nome fazer aquella Conquista. Repugnou elle , dando aviso ao Senhor D. João III. por meio de Pero Fernandes Sardiha , primeiro Bispo da Bahia. Commetteo o Monarca a empreza a Francisco Pereira Coutinho , fazendo-o Donatario daquella Capitania. Mas este não podendo amangar os Tupinambás , que habitavão o Reconcavo , retirou-se á Capitania dos Ilheos ; e pacificado depois com os

Tupinambás , tornava á Bahia , quando alli infaustamente pereceo em hum naufragio. Em tanto Diogo Alvares assistio em París ao Baptismo de Paraguaçu sua esposa , nomeada nelle Catharina , por Catharina de Medicis , Rainha Christianissima , que lhe foi Madrinha , e tornou com ella para a Bahia , onde foi reconhecida dos Tupinambás , como herdeira do seu Principal , e Diogo recebido com o antigo respeito. Teve Catharina Alvares huma visão famosa , em que a Virgem Santissima manifestando-se-lhe cheia de gloria , lhe disse , que fizesse restituir huma Imagem sua roubada por hum Salvagem. Achou-se esta nas mãos de hum Barbaro ; e Catharina Alvares com exclamações de júbilo se lançou a abraçalla , clamando ser aquella a Imagem mesma , que lhe apparecêra : foi collocada com o titulo de Virgem Santissima da Graça em huma Igreja , que he hoje Mosteiro de S. Bento , célebre por esta tradição. Chegou em tanto de Portugal Thomé de Sousa com algumas náos , familias , e tropas para povoar a Bahia. Sebastião da Rócha Pitta , Author da Historia Brazilica , e natural da

da mesma Cidade, assevera que Catharina Alvares renunciára no Senhor D. João III. os direitos, que tinha sobre os Tupinambás, como herdeira dos seus maiores Principaes: elle mesmo attesta, que aquelle Monarca mandára aos seus Governadores, que honrassem, e attendessem Diogo Alvares Correa Caramurú pelos referidos serviços; e foi com effeito elle o tronco da Nobilissima Casa da Torre na Bahia; e Catharina Alvares sua mulher foi honrada por aquella Metropole com hum seu Retrato sobre a porta da casa da polvora ao lado das Armas Reaes. Lea-se Vasconcellos na Historia do Brazil, Francisco de Brito Freire, e Sebastião da Rócha Pitta.

da mesma Cidade, e a favor que Catharina
Alvarez renunciou ao Senhor D. João III.
os direitos, que tinha sobre os Tupiniam-
bas, como herdeira dos seus maiores Pri-
cipaes: elle he o mesmo que se achou Mo-
rães mandada aos seus Governadores, que
hontem, e a quem he o Sr. D. Diogo Alvarez
Gomes Caranum pelos referidos serviços;
e foi como effeito elle o tronco da Nobri-
lissima Casa da Torre na Bahia, e Catha-
rina Alvarez sua mulher foi herdada por
aquella Metropole com hum ter Real
sobre a porta da casa da polvera no Ja-
do das Amas Reaes, e a Sr. Valconcel-
los na Historia do Brasil, Francisco de
Brito Pereira, e Sebastião da Rocha Pitta.

C A R A M U R U .

POEMA EPICO.

C A N T O I .



I.

E hum Varão em mil casos agitado,
 Que as praias discorrendo do Occidente,
 Descubrio o Reconcavo affamado
 Da Capital Brazilica potente:
 Do Filho do Trovão denominado,
 Que o peito domar soube á fera gente;
 O valor cantarei na adversa sorte,
 Pois só conheço Heróe quem nella he forte.

II.

Santo Esplendor, que do grão Padre manas
 Ao seio intacto de huma Virgem bella;
 Se da enchente de luzes Soberanas
 Tudo dispensas pela Mái Donzella;
 Rompendo as sombras de illusões humanas,
 Tu do grão caso a pura luz revéla;
 Faze que em ti comece, e em ti conclua
 Esta grande Obra, que por fim foi tua.

III.

III

E vós, Príncipe excelso, do Ceo dado
 Para base immortal do Luso Throno;
 Vós, que do aureo Brazil no Principado
 Da Real successão sois alto abono:
 Em quanto o Imperio tendes descansado
 Sobre o seio da paz com doce sonno,
 Não queirais dedignar-vos no meu metro
 De pôr os olhos, e admiullo ao scetro.

IV.

Nelle vereis Nações desconhecidas,
 Que em meio dos Sertões a Fé não doma;
 E que pudéram ser-vos convertidas
 Maior Imperio, q̄ houve em Grecia, ou Ro-
 Gentes vereis, e Terras escondidas, (ma:
 Onde se hum raio da verdade affoma,
 Amanfando-as, tereis na turba immensa
 Outro Reino maior que a Europa extensa.

V.

Devora-se a infeliz misera Gente,
 E sempre reduzida a menos terra,
 Virá toda a extinguir-se infelizmente;
 Sendo em campo menor maior a guerra.
 Olhai, Senhor, com reflexão clemente
 Para tantos Mortaes, que a brenha encerra;
 E que, livrando desse abyssmo fundo,
 Vireis a ser Monarca de outro Mundo.

VI.

VI.

Principe do Brazil, futuro dono,
 A' Mãi da Patria, que administra o mando,
 Ponde, excelso Senhor, aos pés do Throno
 As desgraças do Povo miserando:
 Para tanta esperança he o justo abono,
 Vosso titulo, e nome, que invocando,
 Chamará, como a outro o Egyptio Povo,
 D. José Salvador de hum Mundo novo.

VII.

Nem podereis temer, que ao santo intento
 Não se nutirão Heróes no Luso povo,
 Que o antigo Portugal vos apresento
 No Brazil renascido, como em novo.
 Vereis do domador do Indico assento
 Nas guerras do Brazil alto renovo,
 E que os seguem nas bellicas idéas
 Os Vieiras, Barretos, e os Correas.

VIII.

Dai por tanto, Senhor, potente impulso,
 Com que possa entoar sonoro o metro
 Da Brazilica gente o invicto pulso,
 Que augmenta tanto Imperio ao vosso Scetro:
 E em quanto o Povo do Brazil convulso (1)
 Em nova lyra canto, em novo plectro;
 Fazei que fidelissimo se veja
 O vosso Throno em propagar-se a Igreja.

IX.

Da nova Lusitania o vasto espaço
 Hia a povoar Diogo, a quem bisonho
 Chama o Brazil, temendo o forte braço,
 Horrivel filho do trovão medonho:
 Quando do abyssmo por cortar-lhe o passo
 Essa Furia sahio, como supponho,
 A quem do Inferno o Paganismo aluno,
 Dando o Imperio das aguas, fez Neptuno.

X.

O grão Tridente, com que o mar commove,
 Cravou dos Orgãos na montanha horrêda, (2)
 E na escura caverna, adonde Jove
 (Outro espirito) espalha a luz tremenda,
 Relampagos mil faz, coriscos chove;
 Bate-se o vento em horrida contenda:
 Arde o Ceo, zune o ar, treme a montanha,
 E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

XI.

O Filho do trovão, que em baixel hia
 Por passadas tormentas ruinoso,
 Vê que do grosso mar na travellia
 Se sorve o lenho pelo pégo undoso;
 Bem que constante, a morte não temia,
 Invoca no perigo o Ceo piedoso;
 Ao ver que a furia horrivel da procélla
 Rompe a não, quebra o leme, e arranca a véla.

XII.

XII.

Lança-se ao fundo o ignivomo instrumento,
 Todo o pezo se alija; o passageiro,
 Para nadar no tumido Elemento,
 A taboa abraça, que encontrou primeiro:
 Quem se atroja no mar temendo o vento;
 Qual se fia a hum batel; quem a hũ madeiro,
 Até que sobre a penha, que a embaraça,
 A quilha bate, e a não se despedaça.

XIII.

Sete sómente do batel perdido
 Vem á praia cruel, luctando a nado;
 Offerece-lhe hum foccorro fementido
 Barbara multidão, que acode ao brado:
 E ao ver na praia o Bemfeitor fingido,
 Rende-lhe as mãos o naufrago enganado:
 Tristes! que a ver algum, qual fim o espera
 Com quanta fede a morte não bebêra!

XIV.

Já estava em terra o infausto naufragante,
 Rodeado da turba Americana;
 Vem-se com pasmo ao pôrem-se diante,
 E huns aos outros não crem da especie huma.
 Os cabellos, a côr, barba, e semblante (na:
 Fazião crer aquella Gente insana,
 Que alguma especie de animal feria
 Desses, que no seu seio o mar trazia.

XV.

Algun chegando aos miseros, que a arêa
 O mar arroja extintos, nota o vulto;
 Ora o tenta despir, e ora recea
 Não seja astucia, com que o assalte occulto.
 Outros do Jacaré tomando a idéa (3)
 Temem que acorde com violento insulto;
 Ou que o somno fingindo os arrebate,
 E entre as prezas crueis no fundo os mate.

XVI.

Mas vendo a Sancho, hum naufrago que espira,
 Rota a cabeça n'hum penha aguda,
 Que hia tremulo a erguer-se, e que cahira,
 Que com voz lastimosa implora ajuda:
 E vendo os olhos, que elle em branco vira;
 Cadaverica a face, a boca muda,
 Pela experiencia da commua forte
 Reconhecem tambem que aquillo he morte.

XVII.

Correm depois de crello ao pasto horrendo;
 E retalhando o corpo em mil pedaços,
 Vai cada hum famelico trazendo,
 Qual hum pé, qual a mão, qual outro os bra-
 Outros da crua carne hião comendo; (ços:
 Tanto na infame gula erão devassos:
 Taes ha, que as assão nos ardentes fossos,
 Alguns torrando estão na chamma os ossos.

XVIII.

XVIII.

Que horror da Humanidade! ver tragada
 Da propria especie a carne já corrupta!
 Quanto não deve a Europa abençoada
 A' Fé do Redemptor, que humilde escuta?
 Não era aquella infamia praticada
 Só dessa gente miseranda, e bruta;
 Roma, e Carthago o fabe no nocturno
 Horrivel sacrificio de Saturno. (4)

XIX.

Os sete em tanto, que do mar com vida
 Chegárão a tocar na infame arêa,
 Pasmão de ver na turba recrescida
 A brutal catadura, horrída, e fea:
 A côr vermelha em si, mostrão tingida
 De outra côr differente, que os affea:
 Pedras, e páos de embiras enfiados, (5)
 Que na face, e nariz trazem furados.

XX.

Na boca em carne humana ensanguentada
 Anda o beijo inferior todo cahido;
 Porque a tem toda em roda esburacada,
 E o labro de vis pedras embutido:
 Os dentes (que he belleza que lhe agrada)
 Hum sobre outro desponha recrescido:
 Nem se lhe vê nascer na barba o pello,
 Chata a cara, e nariz, rijo o cabello.

XXI.

XXI.

Vê-se no sexo recatado o pejo,
 Sem mais que a antiga gala que Eva usava,
 Quando por pena de hum voraz desejo
 Da fêa a desnudez se envergonhava:
 Vão sem pudor com barbaro despejo
 Os homens, como Adão sem culpa andava;
 Mas vê-se, alma Natura, o que lhe ordenas;
 Porque no Sacrificio usão de penas.

XXII.

Qual das bellas Araras traz vistosas
 Louras, brancas, purpureas, verdes plumas:
 Outros põem, como tunicas lustrosas,
 Hum verníz de balsamicas escumas:
 Nem temem nelle as chuvas procellosas,
 Nem o frio rigor de asperas brumas;
 Nem se receão do mordaz bisfouro,
 Qual Anta, ou qual Tatú dentro em seu cou-
 (ro. (6)

XXIII.

Por armas, fréchas, arcos, pedras, béstas;
 A espada do páo ferro, e por escudo
 As redes de algodão nada molestas,
 Onde a ponta se embace ao dardo agudo:
 Por capacete nas guerreiras testas
 Cintos de pennas com galhardo estudo;
 Mas o vulgo no belico ameaço (braço.
 Não tem mais q̄ unha ou dente, ou punho ou
 XXIV.

XXIV.

Desta arte armada a multidão confusa
 Investe o naufragante enfraquecido,
 Que ao ver-se despojar, nada recusa;
 Porque se enxugue o madido vestido:
 Tanto mais pelo mimo, que se lhe usa,
 Quando a barbara gente o vê rendido:
 Trouxerão-lhe abatata, o coco, o inhame; (7)
 Mas o que crem piedade he gula infame.

XXV.

Cevavão desta fôrma os desditosos
 Das fadigas maritimas desfeitos;
 Por pingues ter os pastos horrorosos,
 Sendo nas carnes miseras refeitos:
 Feras! mas feras não; que mais monstruosos
 São da nossa alma os barbaros effeitos;
 E em corrupta razão mais furor cabe,
 Que tanto hum bruto imaginar não sabe.

XXVI.

Não mui longe do mar na penha dura
 A boca está de hum antro mal aberta,
 Que horrivel dentro pela sombra escura,
 Toda he fóra de ramas encuberta:
 Alli com guarda á vista se clausura
 A infeliz companhia, estando alerta,
 E por cevallos mais, dão-lhe o recreio
 De ir pela praia em placido passeio.

XXVII.

Diogo então, que á gente miseranda,
 Por ser de nobre sangue precedia,
 Vendó que nada entende a turba infanda,
 Nem do ferreo mosquete usar sabia;
 Da rota não, que se descobre á banda,
 Polvora, e bala em copia recolhia;
 E como enfermo, que no passo tarda,
 Servio-se por bastão de huma espingarda.

XXVIII.

Forte sim, mas de temprá delicada,
 Aguda febre traz desde a tormenta;
 Pállido o rosto, e a côr toda mudada;
 A carne sobre os ossos macilenta:
 Mas foi-lhe aquella doença affortunada,
 Porque a gente cruel guardallo intenta,
 Até que sendo a si restituído,
 Como os mais vão comer, seja comido.

XXIX.

Barbarie foi (se crê) da antiga idade
 A propria prole devorar nascida;
 Desde que essa cruel voracidade
 Fora ao velho Saturno attribuida:
 Fingimento por fim, mas he em verdade
 Invenção do diabolico homicida,
 Que huns cá se matão, e outros lá se comem:
 Tanto aborrece aquella furia ao homem.

XXX.

Mas já tres vezes tinha a Lua enchido
 Do vasto globo o luminoso aspecto,
 Quando o Chefe dos barbaros temido
 Fulmina contra os feis o atroz decreto:
 Ordena que no altar seja offrecido
 O brutal sacrificio em sangue infecto, (8)
 Sendo a cabeça ás viçtimas quebrada,
 E a gula infanda de os comer faciada.

XXXI.

Em tanto que se ordena a brutal festa,
 Nada sabião na marinha gruta
 Os habitantes da prizão funesta;
 Que ardilosa lho esconde a gente bruta:
 E em quanto a feral pompa já se apresta,
 Toda a pena em favor se lhe commuta;
 Nem parecem ter dado a menor ordem,
 Senão que comão, e comendo engordem.

XXXII.

Mimosas carnes mandão, doces frutas
 O araçás, o cajú, coco, e mangaba;
 Do bom maracujá lhe enchem as grutas
 Sobre rimas, e rimas de Guaiaba:
 Vasilhas põem de vinho nunca enxutas,
 E a immunda catimpoeira, que da baba (9)
 Fazer costuma a barbara patrolha,
 Que só de ouvillo o estomago se embrulha,

XXXIII.

Hum dia pois que á sombra desejada
 Se repousão, passando a calma ardente,
 Por dar allivio á dor reconcentrada,
 De ver-se escravos de tão fera gente;
 Fernando, hum delles, diz, que aos mais agrada
 (8) Por cantigas, que entoa docemente,
 Que em cithara, que o mar na terra lança,
 Se divertão da funebre lembrança.

XXXIV.

Mancebo era Fernando mui polido,
 Douto em Letras, e em prendas celebrado,
 Que nas Ilhas do Atlantico nascido,
 Tinha muito co'as Musas conversado:
 Tinha elle os rumos do Brazil seguido,
 Por ver o monumento celebrado
 De huma Estatua famosa, q' n'hum pico (10)
 Aponta do Brazil ao Paiz rico.

XXXV.

Pedira-lhe Luiz, que isto escutára,
 Da profetica Estatua o conto inteiro,
 Se foi verdade, se invenção foi clara
 De gente rude, ou povo noveleiro:
 Fernando então, que em metro já cantára
 O successo, que attesta verdadeiro,
 Toma nas mãos a cithara suave,
 E entoando, começa em canto grave.

XXXVI.

Occulto o tempo foi, incerta a era,
 Em que o grão caso contão succedido;
 Mas em parte he sem dúvida sincera
 A bella Historia, que a escutar convido;
 Felis foi o ditoso, e feliz era,
 Quem tanto foi do Ceo favorecido,
 Pois em meio ao corrupto Gentilismo
 Merecer soube a Deos o seu Baptismo.

XXXVII.

Incerto pelas brenhas caminhava
 Hum Varão santo, que perdêra a via,
 Quando pelos cabellos o elevava
 O Anjo, adonde o Sol já se escondia;
 E hum salvagem lhe mostra, q̄ se achava, (II)
 Quasi luctando em ultima agonía:
 Ouve (lhe diz) o justo agonizante,
 E huma estrada de luz tomou brilhante.

XXXVIII.

Auréo (que assim se chama o Sacro Enviado)
 Encostando-se ao Velho titubante,
 Por ignorar-lhe o idioma não fallado,
 No seu diz, de que o enfermo era ignorante:
 E ouve-se responder (caso admirado!)
 N'huma lingua de todo extravagante,
 Que sendo em tudo extraordinaria, e bruta,
 Faz-se entender, e entende-o no que escuta.

XXXIX.

XXXIX.

Do grande Creador por mensageiro,
 A benção (diz) te offereço, homem ditoso;
 Neste Mundo ignorado em o primeiro,
 Quer que o seu Nome escutes glorioso:
 Do Eterno Pai, de hum Filho verdadeiro,
 Do Espirito tambem, laço amoroso,
 Quer que o Mysterio saibas da Verdade:
 São tres Pessoas n'hum só Unidade.

XL.

Hum só Senhor, que todo o ser governa,
 Que só com dizer *seja* o fez de nada;
 Que á Natureza desde a idade eterna,
 Certa época fixou de ser ercada:
 Que abrindo liberal a mão paterna,
 Toda a cousa abençoa, que he animada:
 Que sua imagem nos fez; e sem segundo,
 Quer q' o homem reine sobre o vasto Mundo.

XLI.

Que havendo em mil delicias collocado
 Nossos primeiros Pais n'hum Paraíso,
 Por homenagem desse Imperio dado,
 Privou de hum pomo com severo aviso:
 Que vendo o seu respeito profanado,
 E igual satisfação sendo preciso,
 No duro lenho a poz, no ferreo cravo,
 E deo o Filho por salvar o escravo.

XLII.

XLII.

Este do seio pois de Virgem pura,
 Invocada no nome de Maria,
 Redemptor, Mestre, e Luz da Creatura,
 Nasceo, prégou, morreo na Cruz impia:
 Rompeo do abyssmo a immovel fechadura;
 Depois refurge no terceiro dia;
 E ao Ceo subindo em fim, donde commanda,
 Aos fins da Terra os mensageiros manda.

XLIII.

Hum destes venho a ti: lavar-te intento,
 Se queres aceitar meu Catecismo;
 E servindo de porta o Sacramento,
 Incorporar-te ao santo Christianismo.
 Purga o teu coração, teu pensamento,
 Por chegar puro ás aguas do Baptismo,
 Onde se entras com dor do mal primeiro,
 De Jesus Christo morrerás coherdeiro.

XLIV.

Aos primeiros accentos, que escutára,
 Guaçú (q̃ este he seu nome) a frente empena;
 Attenta ao que ouve a orelha, e fixa a cara,
 Senão que co'a cabeça a tudo acena:
 Dos olhos mal se serve, que cegára,
 Bem que a vista pareça ter serena;
 As mãos de quando em quando estende, e to-
 E pendente attento da Sagrada boca.

(ca,
 XLV.

XLV.

Bom Ministro (responde) do Piedoso
 Excelso grão Tupá, que o Ceo modera, (12)
 Não me vens novo, não: que tive o gozo
 De ouvir-te em sonho já; quem ver pudera!
 Se a imagem tens, que o sono fabuloso
 Ha muito, que de ti na mente gera!
 Serás, disse, (e na barba o vai tocando)
 Homem com barbas, branco, e venerando.

XLVI.

Louvores a Tupá, que em fim chegaste;
 Que o caminho me ensinas, donde elejo
 Buscar logo o Graão Deos, que m'annunciaste,
 Que desde a infancia com ardor desejo:
 Nunca soube, assim he, quanto contaste;
 Mas não sei, como o que ouço, e quasi vejo
 Sentia, como em sombra mal formada;
 Não que o cresse ainda assim, mas por toada.

XLVII.

Vendo desse Universo a mole immensa,
 Sem ser de ainda maior entendimento
 Fabricada a não cri: que elle o dispensa,
 Tem, rege, e guarda, infere o pensamento:
 Que repugna á creatura estar suspensa,
 Sem ultimo fim ter notava attento:
 E este Ente, que me fez hum Deos segundo,
 He o grão Tupá, fabricante do Mundo.

XLVIII.

XLVIII.

Vi as chagas da propria Natureza,
 A ignorancia, a malicia, a variedade,
 E bem reconheci, que esta torpeza
 Nascer não pode da eternal bondade.
 Onde, sem o saber, cri, que era acceza
 Neste incendio commum da humanidade
 Antiga chamma, donde o mal nos veio;
 Crer que taes nos fez Deos. . eu tal não creio.

XLIX.

Tambem vi q̄ o Gráo Deos, q̄ o Mundo cria,
 Deixar nunca quizera em tanto estrago
 A humana Natureza; e que a mão pia
 De taes miserias ao profundo lago
 Havia de estender; como o faria?
 Suspenso fiquei sempre incerto, e vago;
 Mas nunca duvidei que alguém se visse,
 Que de tantas miserias nos remisse.

L.

E como era a maior, que experimentava,
 O ver que livremente o mal seguia;
 Que a Suprema Bondade se aggravava,
 Donde hum homem de bem se aggravaria:
 Vendo que a affronta, que esta acção causava,
 Só se houvera outro Deos, se pagaria;
 E impossivel mais de hum reconhecendo. . .
 Daqui não passo, e cêgo me suspenso. (13)

LI.

Agora fim, que entendo a grã verdade,
 Que hum só Deos se fez homem sem defeito;
 E sendo tres Pessoas na Unidade,
 Do Filho ao Pai podia haver respeito:
 A Pessoa segunda da Trindade,
 Novo homem, como nós, de terra feito,
 A paz do homem com Deos fundar procura;
 Redemptor pio da mortal creatura.

LII.

Este creio, este adoro, este confesso;
 E esta santa mensagem venerando,
 Por meu Deos, e Senhor firme o conheço,
 A quem da Terra, e Ceo pertence o mando:
 Deste o Baptismo santo hoje te peço,
 Onde na porta Celestial entrando,
 Suba o espirito á gloria que deseja,
 E com estes meus olhos ainda o veja.

LIII.

Disse o ditoso Velho; e acompanhando
 Com devoto suspiro a voz que exprime,
 Bem mostra que no peito o está tocando
 A occulta unção do Espirito sublime:
 As mãos ao Ceo levanta lagrimando;
 E tanto ardor na face se lhe imprime,
 Que acompanhar parece o humilde rogo
 Hum diluyio de agoa, e outro de fogo.

LIV.

LIV.

Então o bom Ministro: He justo, amigo,
 Que chores (lhe dizia) o teu peccado;
 Por não amar a Deos; fer-lhe inimigo,
 Se o blasfemaste; de o não ter honrado;
 De não servir teus Pais; de hum odio antigo;
 E senão foste honesto, ou tens roubado;
 Se em mulher, bens, ou fama em caso feio
 Fizeste damno, ou cubiçaste o alheio.

LV.

Esta a Lei santa he, que em nós impressa
 Ninguém offende, que mereça escusa;
 Onde no que faltaste a Deos confessa,
 Que tanto deve quem peccando abusa:
 Quer-se a satisfação com a promessa
 De melhor vida, no que a Lei te accusa:
 Pois quem quer q̄ peccou, q̄ assim não faça,
 Recebe o Sacramento, mas não graça.

LVI.

Eu, disse o Americano, antes de tudo
 Amei do coração quem fer me dera:
 Seu nome ignoro, mas honrallo estudo;
 E com fé o adorei sempre sincera:
 Em certos dias recolhido, e mudo
 Cuidava em venerar quem tudo impera,
 Matar não quiz, nem morto algum comia,
 Pois que a mim mo fizesssem não queria.

LVII.

LVII.

Mulher tive, mas huma, persuadido
 Que com huma se póde; acção impura
 Metteo-me sempre horror; tendo entendido,
 Que só no Matrimonio era segura:
 Qualquer outro prazer fora prohibido,
 Porque se em tanto abuso se conjura;
 Quem seguindo esse instincto do Demonio,
 Se pudera lembrar do Matrimonio?

LVIII.

Nunca roubei, temendo ser roubado:
 Por conservar a fama, honrei a alheia:
 Não me lembra de ter calumniado,
 Nem de outrem disse mal, que he cousa fea;
 E quem houvesse de outros murmurado,
 Que outro tanto lhe fação certo crêa;
 Não tive inveja do que alguém configa,
 Por ver que quem a tem, seu mal castiga.

LIX.

Em fim, corri meus annos desde a infancia
 Sem offender (que eu saiba) esta Lei justa,
 Sem ter a cousa boa repugnancia,
 Tudo mercê da mão de Deos Augusta.
 Nos meus males sómente a tolerancia
 Mos fazia passar a menor custa:
 Esta a minha ansia foi, este o meu zelo,
 Saber quem era Deos; tratallo, e velo.

LX.

Dizendo o Velho assim, tanto se accende,
 Como se n'alma se lhe atára hum fogo:
 Reclina a humilde frente, e a voz suspende;
 E cahindo em deliquio neste affogo,
 Corre o Ministro, que ao successo attende,
 E buscando agoa, que o baptize logo;
 Apenas Felis diz, eu te baptizo,
 Partio feliz d'hum voo ao Paraizo.

LXI.

Cuidava em sepultallo Auréo faudoso;
 Porém de espessa nevoa, que o ar condensa,
 Ouve hum coro entoando harmonioso
 Louvor eterno á Magestade immensa:
 E na athmosfera alli do ar nebuloso,
 Luz arraiando, que a allumia intensa;
 Vio Felis, que na gloria, que o vestia,
 A Graça Baptismal lhe agradecia.

LXII.

Que te conceda Deos, Ministro justo,
 (Diz-lhe a Alma venturosa) o premio eterno;
 Pois vens do antigo Mundo a tanto custo
 A libertar-me do poder do Inferno,
 Dos Ceos em tanto o Dominante augusto,
 Que tornes manda ao ninho teu Paterno;
 E sobre a nevoa em nuvem levantada
 Vás navegando pela aerea estrada.

LXIII.

LXIII.

É quer na nuvem propria, que te indico,
 Que esse cadaver meu vá transportado,
 E na Ilha do Corvo, de alto pico
 O vejão n'humã ponta collocado;
 Onde acene ao paiz do metal rico,
 Que o ambicioso Europeo vendo indicado,
 Dará lugar, que ouvida nelle seja
 A doutrina do Ceo, e a voz da Igreja.

LXIV.

Disse; e cessando a voz, e a visão bella,
 Vio da nuvem Auréo, que o rodeava,
 Trásformar-se a bella Alma em clara estrella,
 E vio que a nuvem sobre o mar voava:
 O cadaver tambem sublime nella,
 Ao cume do grão pico já chegava;
 Onde a nevoa, que no alto se sublima,
 Depõe como humã Estatua o corpo em sima.

LXV.

Alli batido do nevado vento,
 De Sol, de gelo, e chuva penetrado,
 Efeito natural, e não portento
 He vello, qual se vê, petrificado.
 Hum arco tem por bellico instrumento, (14)
 De pluma hum cinto sobre a frente ornado:
 Outro onde era decente: em côr vermelho,
 Sem pello a barba tem; no aspecto he velho.

LXVI.

LXVI.

Voltado estava ás partes do Occidente,
 Donde o aureo Brazil mostrava a dedo,
 Como ensinando a Lusitana Gente,
 Que alli devia navegar bem cedo:
 Destino foi do Ceo Omnipotente,
 A fim que sem receio, ou torpe medo
 A' piedosa empreza o povo corra;
 E que quem morrer nella, alegre morra.

LXVII.

Calou então Fernando, mas não cala
 Na cithara dourada outra harmonia,
 Onde parece a mão, que tambem falla,
 E que quanto a voz disse, repetia:
 Sahira em tanto hum barbaro a escutalla,
 Que encantado da doce melodia,
 Toma nas mãos o Musico Instrumento,
 Toca-o sem arte, e falta de contento.

LXVIII.

Não póde ver dos nossos o congresso
 Tanta rudeza sem tentar-se a riso;
 Que por mais q' hum pezar se tenha impresso,
 Não dá lugar a prevenção ao siso:
 E sendo inopinado algum successo,
 Onde he nos homens quasi o rir preciso,
 Tal pessoa ha que chora apaixonada,
 E passa do gemido a huma risada.

LXIX.

LXIX.

Diogo então que dentro em si media
 Da cruel Gente a condição danosa,
 Não focega de noite, nem de dia,
 Antevendo a desgraça lastimosa:
 E vendo rir os mais com alegria,
 Pela acção do salvagem graciosa,
 Estranhou-lhe o prazer mal concebido,
 Arrancando do peito este gemido.

LXX.

Oh triste condição da humana vida!
 Que tanto em breve do seu mal se esquece;
 Pois vendo a liberdade em fim perdida,
 Sentimos menos, quando a dor mais crece:
 Vemos desd'a agoa ás praias despedida
 A infeliz gente, que no mar perece;
 E que o brutal Gentio na mesm' hora,
 Ainda bem os não vê, logo os devora.

LXXI.

Quem sabe, se o cuidado, que destina
 Pôr-nos assim mimosos de sustento,
 Não he por ter de nós grata chacina
 Nesse horrivel barbarico alimento?
 Tanta attenção que tem, mal se combina,
 Sem mostrar-se o maligno pensamento;
 Que quem os proprios mortos brutal come,
 Como he crível que aos vivos mate a fome?

LXXII.

LXXII.

Tempo fora, affligidos companheiros,
 De levantar dos Ceos ao Rei Supremo
 Humildes vozes, votos verdadeiros,
 Como quem lucta no perigo extremo:
 Mas vós, que agora rides prafenteiros,
 Oh quanto, amigos meus, oh quanto temo,
 Que essa gente cruel só nos namore,
 Por cevar mais a preza, que devore!

LXXIII.

Voltemos antes com fervor piedoso
 Os tristes olhos ao ethereo espaço;
 Esperando de Deos hum fim ditoso,
 Onde a morte se avista a cada passo.
 Contrito o peito, o coração choroso,
 Implore a protecção do excelfo braço;
 Que o coração me diz, que por deſdita
 O cruel sacrificio se medita.

LXXIV.

Em quanto affim dizia o Heróe prudente,
 Commovido qualquer do temor juſto,
 Levanta humilde as mãos ao Ceo clemente,
 Vendo o futuro com prefago fuſto:
 Já cuida a cruel morte ver presente;
 Já vê sobre a cabeça o golpe injuſto:
 Batem no peito; e levantando as palmas,
 Fazem victima a Deos das proprias almas.

C

LXXV.

LXXV.

Já numerosa turba ás praias vinha,
 E os feis levão ao corro miserando,
 Onde a plebe cruel formada tinha
 A pompa do espectáculo execrando:
 E mal a gente bruta se continha,
 Que emquanto as tristes mãos lhe vão ligando
 No humano corpo pelo fusto exsangue
 Não vão vivo forvendo o infeliz sangue.

LXXVI.

Qual se da Libya pelo campo estende
 O Mouro caçador hum leão vasto,
 Em longa nuvem devorallo emprende
 O sagaz corvo sempre attento ao pasto:
 Negro parece o chão; negra, onde pende
 A planta, em que do sangue explora o rasto;
 Até que avista a preza, e em chusma voa,
 Nem deixa parte, que voraz não rôa.

LXXVII.

Tal do Caboclo foi a furia infanda,
 E o fanatismo, que na mente o cega,
 Faz que tendo esta acção por veneranda,
 Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
 No meio vê-se que em mil voltas anda,
 O eleito marador, como quem préga
 A brados, exhortando o povo infano
 A' enfiar toda a mão no sangue humano.

LXXVIII.

LXXVIII.

A' roda á roda a multidão fremente
 Com gritos corresponde á infame idéa ;
 Em quanto o fero em gesto de valente
 Bate o pé, fere o ar, e hum pão meneia :
 Ergue-se hum, e outro lenho, onde o paciente
 Entre prizões d'embira se encadea ;
 Fogo se accende nos profundos fossos,
 Em que se torrem com a carne os ossos.

LXXIX.

Dentro de huma estacada extensa, e vasta,
 Que a numerosa plebe em torno borda,
 Entrão os Principaes de cada casta
 Com bellas plumas, onde a cõr discorda :
 Outros, que a grenha tem com feral pasta
 Do sangue humano, que ao matar trasborda ;
 Os Nigromantes são ; que em vão conjuro
 Chamão as Sombras delde o Averno escuro.

LXXX.

Companheiras de officio tão nefando
 Seguem de hũ cabo a turma, e de outro cabo
 Seis turpissimas velhas, aparando
 O sangue sem hum leve menos-cabo :
 Tão feas são, que a face está pintando
 A imagem propriissima do Diabo ;
 Tinto o corpo em verníz todo amarello,
 Rosto tal, que a Medusa o faz ter bello.

LXXXI.

Tem no collo as crueis Sacerdotifas,
 Por conta dos funestos sacrificios,
 Fios de dentes, que lhe são divisas,
 De mais, ou menos tempo em taes officios:
 Gratas ao Ceo se crem, de que indivisas
 Se inculcão por Tartareos maleficios;
 E em testemunho do mister nefando,
 Nos seus cocos com facas vem tocando.

LXXXII.

Quem pôde reputar, que dor traspassa
 A miseranda infaulta companhia,
 Vendo taes feras rodear a praça,
 Que o fangue com os olhos lhe bebia?
 Ver que os dentes lhe range por negaça,
 Senão he que os agita a fome impia,
 E disser lá consigo: *Em poucas horas*
Sou pasto destas feras tragadoras.

LXXXIII.

Mas põe-lhe a vista o Padre Omnipotente,
 Da desgraça cruel compadecido;
 E envia hum Anjo desde o Ceo clemente,
 Que deixe tanto horror desvanecido;
 E faça que o espectaculo presente
 Venha por fim a ser sonho fingido;
 Que quem recorre ao Ceo no mal que geme,
 Logo que teme a Deos, nada mais teme.

LXXXIV.

LXXXIV.

Seis então dos infames Nigromantes
 Lançarão mão das victimas pacientes,
 E a feis lenhos fataes, que erguêrão dantes,
 Atão crueis as mãos dos innocentes:
 Póstos no Ceo os olhos lagrimantes
 Com lembrar-se das penas vehementes,
 Que soffreo Deos na Cruz, nelle fiados
 Pedião-lhe o perdão dos seus peccados.

LXXXV.

Fernando allí, que em discrição precede,
 Com voz sonora a companhia anima:
 Cheio de viva fé foccorro pede;
 E quanto a dor permite, que se exprima:
 Grá Senhor (diz) de quem tudo procede
 A gloria, a pena, a confusão, e a estima,
 Que justo dás as graças, e os castigos,
 Na dor allivio, amparo nos perigos.

LXXXVI.

Vida não peço aqui, morte não temo,
 Nem menos choro o caso desgraçado:
 O que me doe, que sinto, o que só gemo
 He, piedoso Deos, o meu peccado:
 Feliz ferei, Gráo Padre, se no extremo
 For da tua bondade perdoado;
 Pelo Calis amargo, que aqui bebo,
 Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII:

LXXXVII.

Mas, grande Deos, que vês nossa fraqueza
 No duro transe desta cruel hora,
 Não soffras que essas feras com crueza
 Hajão de devorar a quem te adora:
 Porque estremece a fragil natureza,
 Vendo a gula brutal, que emprende agora
 Sacrificio fazer ao torpe abyímo
 Destas carnes tingidas no Baptismo.

LXXXVIII.

Ouvio o Ceo piedoso a infeliz gente;
 E quando o fero a maça já levanta,
 Que esmague a fronte ao misero paciente,
 Trovão se ouve fatal, que tudo espanta:
 Treme a montanha, e cahe a roca ingente,
 E na ruina as arvores quebranta;
 Mas o que mais os brutos confundia,
 Era o rumor Marcial, que então se ouvia.

LXXXIX.

Pedras, fréchas, e dardos de arremesso
 Cubrião todo o ar; porque o inimigo,
 Que atrás se poz de hum proximo cabeça,
 Aguarda expressamente aquelle artigo:
 De hum lado, e outro desde hum mato espesso
 Ameaça o furor, cerca o perigo;
 E a gente crua transformada a sorte,
 Quando cuidou matar, padece a morte.

XC.

Era Sergipe o Principe valente
 Na esquadra valerosa, que atacava ;
 Varão entre os seus bom, manso, e prudente,
 Que com Justiça os povos commandava :
 Armava o forte Chefe de presente
 Contra Gupeva, que cruel reinava,
 Sobre as aldêas, que em tal tempo havia
 No reconcavo ameno da Bahia.

XCI.

Por toda a parte o Bahiense he prezo ;
 He trucidado o bruto Nigromante,
 Muitos lançados são no fogo accezo,
 Rendem-se os mais ao Vencedor possante :
 Ficára em vida, todavia illeso
 O mísero Europeo, que alli em fragante
 Faz defatar o bom Sergipe, e manda
 A escravidão no seu Paiz mais branda.

XCII.

Mas a gente infeliz no Sertão vasto
 Por matos, e montanhas dividida,
 He fama, que huns de tigres forão pasto ;
 Outra parte dos barbaros comida :
 Nem mais houve noticia, ou leve rasto
 Como houvessem perdido a amada vida ;
 Mas ha boa suspeita, e firme indício,
 Que evadirão o infame sacrificio.

(1) *Povo convulso*. Epitheto, que dá Isaias aos Americanos, como conjecturão os melhores Interpretes.

(2) *Serra dos órgãos*. Ramo da célebre Cordilheira, que discorre pelo Brazil, sahindo das suas cavernas nevoas tempestuosas.

(3) *Jacaré*. Huma especie de Cocodrilo Braziliico.

(4) *Saturno*. Os antigos Italianos forão, como se collige de Homero, Antropofagos; taes erão os Les-trigões, e os Liparitanos. Os Fenicios, e os Carthaginezes usárão de Victimas humanas, e Roma propria nos seus maiores apertos. São especies vulgares na Historia.

(5) *Embiras*. Especie de cordão feito da casca interior de algumas arvores.

(6) *Tatú*. Especie de animal cuberto de huma concha durissima, e impenetravel. Os Salvagens tingem-se com varias resinas, senão com o fim, ao menos com o effeito de os livrar das mordeduras dos Insectos; ainda que alguns se tinjão com hervas inuteis para esse uso.

(7) *Batata, Coco, Inhame*. Frutos bem conhecidos ainda na nossa Europa.

(8) *Sacrificio*. He certo que os Brazilienses não tinhão fórma alguma expressa de Sacrificio; mas a solemne função, e ritos, com que matavão os seus prizioneiros, parece com razão ao Padre Simão de Vasconcellos na sua Historia do Brazil, que erão hum vestigio dos antigos Sacrificios usados dos Fenicios, de que assima fallámos em outra Nota.

(9) *Vinho*. Vem da America debaixo deste nome

me varios extractos de cajú , coco , e de outros fructos conhecidos , que podem competir com os nossos vinhos.

Catimpoeira. Immunda bebida dos Salvagens , que mastigando o milho , fazem da saliva , e do succo mesmo do grão huma potagem abominavel.

(10) *Estatua.* He estimada por prodigiosa a Estatua , que se vê ainda na Ilha do Corvo , huma das Açores , achada no descobrimento daquella Ilha sobre hum pico , apontando para America. Foi achada sem vestigios , de que já mais alli habitasse pessoa humana. Devo a hum Grande do nosso Reino , Fidalgo eruditissimo , a especie de que se conserva huma Historia desta Estatua manuscripta , obra do nosso immortal João de Barros.

(11) *Salvagem.* Não supponho unico o Salvagem , que o Padre Anxieta achou em o Estado , que aqui se descreve. Muitos Theologos se persuadem , que Deos por meios extraordinarios instruiu a quem viveffe na observancia da Lei Natural.

(12) *Tupá.* Os Salvagens do Brazil tem expressa noção de Deos na palavra *Tupá* , que vale entre elles *excellencia superior , cousa grande que nos domina.*

(13) *Suspendo.* Até aqui são os limites do Lume natural , e com elle sómente o alcança a Filosofia ; porém o remedio da Natureza humana , ferida pela culpa , não póde constar-nos senão pela Revelação.

(14) *Hum arco.* As memorias desta Estatua concordão em ser o seu traje desconhecido : toma daqui occasião o Poeta para o representar arbitrariamente.



CANTO II.

E Ra a hora, em que o Sol na grã carreira
 Do torrido Zenith vibra igualmente,
 E que a sombra dos corpos companheira
 Na terra extingue, com o raio ardente;
 Quando ao partir a turba carniceira,
 Se vio Diogo só na praia ingente,
 Entre mil pensamentos, mil terrores,
 Que a dor faz grandes, e o temor maiores.

II.

Parecia-lhe ver da gente insana
 O barbaro furor, a fome crua,
 A agonia dos seus na acção tyranna;
 E temendo a dos mais, presume a sua:
 Quizera oppôr-se á empreza deshumana;
 Pensa em arbitrios mil, com que o conclua;
 Se fugirá? mas donde? se os invada?
 Porém enfermo, e só não vale a nada.

III.

III.

Oh! mil vezes (dizia) affortunados,
 Os que entregues á furia do elemento
 Acabárão seus dias socegados,
 Nem virão tanta dor, como experimento!
 Que estavão finalmente a mim guardados
 Este espanto, este horror, este tormento!
 Que escapei (Santos Ceos!) desse mar vasto
 Para a fêras servir de horrivel pasto!

IV.

E hei de agora (infeliz!) ver fraco, e inerte,
 Que dos meus vá fazer hum pasto horrendo
 Esta patrulha vil! que agora enferme!
 Que me veja sem força em febre ardendo!
 Ah! se pudêra em meu vigor já ver-me!
 Que ardor sinto em meu peito de ir rompen-
 E a turba vil fazendo em mil pedaços, (do,
 Truncar pescoços, mãos, cabeças, braços.

V.

Não póde (he certo) a debil natureza;
 Porém que esperas mais, misero Diogo?
 Que póde resultar da forte empreza?
 Será mal morrer já, se ha de ser logo?
 Faltão-me as forças sim; sinto a fraqueza:
 Mas o espirito o suppre, e neste affogo
 Tira forças occultas da nossa alma,
 Que ella não mostra ter, vivendo em calma.

VI.

VI.

E como quer em fim que o mande a sorte;
 Morra-se, que talvez se não defuna
 O successo feliz, de huma acção forte;
 Que acaso hum temerario achou fortuna;
 E quando irado o Ceo me envie a morte,
 É que a Mão do Senhor meus erros puna,
 Recebo o golpe, que me for mandado;
 Morrerei, assim he, porém vingado.

VII.

Nem deixo de esperar que a gente bruta,
 Vendo o estrago da espada, e do mosquete,
 Não se encha de pavor na estranha luta,
 E força maior creia que a accomette:
 Se tomo as armas, que salvei na gruta,
 Escudo, cota, malha, e capacete,
 Posso esperar que hum só me não resista;
 E antes que o ferro, mos sometta a vista.

VIII.

Disse; e entrando na solita caverna,
 Cobre de ferro a valerosa fronte;
 Hum peito d'aço de firmeza eterna;
 E o escudo, onde a frécha se desponte.
 Dispõe de modo, e em fórma tal governa,
 Que nada teme já, que em campo o affronte:
 Nas mãos de ferro tinha huma alabarda,
 A espada á cinta, aos hombros a espingarda.

IX.

IX.

Cahia assim da gruta, quando o monte
 Cuberto vê da barbara caterva;
 E no que infere da turbada fronte,
 Sinaes de fuga, e de derrota observa:
 A algum obriga o medo, a que trasmonste;
 Outros se escondem pelo mato, ou herva;
 Muitos fugindo vem com medo á morte,
 Credo achar na caverna hum lugar forte.

X.

Mas o prudente Diogo, que entendia
 Não pouca parte do Idioma escuro,
 Por alguns mezes, em que attento o ouvia,
 Elegue hum posto a combater seguro:
 Attento a toda a voz, que ouvir podia,
 Por escutar dos seus o caso duro,
 Entre esperanças, e receio intenso
 Sem susto estava sim, porém suspenso.

XI.

Gupeva então, que aos mais se adiantava,
 Vendo das armas o medonho vulto,
 Incerto do que vê, suspenso estava,
 Nem mais se lembra do inimigo insulto;
 Algum dos Anhangás imaginava, (1)
 Que dentro ao grão fantasma vinha occulto,
 E á vista do espectáculo estupendo
 Cahio por terra o misero tremendo.

XII.

Cahio com elle junta a brutal gente,
 Nem sabe o que imagine da figura,
 Vendo-a brandir com a alabarda ingente,
 E olhando ao morrião, que o transfigura:
 Ouve-se hum rouco tom de voz fremente,
 Com que espantallos mais o Heróe procura;
 E porque não de maior ruina,
 Faz-lhes a voz mais horrenda huma bofina.

XIII.

Em tanto a gente barbara prostrada,
 Tão fóra de si está por cobardia,
 Que sem sentido estúpida, assombrada,
 Só mostra viva estar, porque tremia:
 Quaes verdes varas de arvore copada,
 Se assopra a viração do meio dia,
 De huma parte á outra parte se maneão;
 Assim de medo os vis no chão perneão.

XIV.

Mas Diogo naquelles intervallos,
 Suspendendo o furor do duro Marte,
 Esperança concebe de amansallos,
 Huma vez com terror, outra com arte:
 A viseira levanta, e vai buscallos,
 Mostrando-se risonho em toda a parte:
 Levantai-vos (lhe diz) e assim dizendo,
 Hia-os co'a propria mão da terra erguendo.

XV.

Gupeva, que no traje mais distincto
 Parecia na turba do seu Povo,
 O Principal no mando, meio extincto,
 Pelo horror de espectáculo tão novo;
 Tremendo em pé ficou, sem voz, e instincto,
 E cahira sem dúvida de novo,
 Se nos braços Diogo o não tomára,
 E d'agua alli corrente o borrifára.

XVI.

Não temas (disse affavel) cobra alento;
 E supprindo-lhe acenos o idioma,
 Dá-lhe a entender, que todo esse armamento
 Protege amigos, se inimigos doma:
 Que os não offende o bellico instrumento,
 Quando de humana carne algum não coma;
 Que se a comerdes, tudo em cinza ponho...
 E isto dizendo, bate o pé, medonho.

XVII.

Toma nas mãos (lhe diz) verás que nada
 Te hão de fazer de mal; e assim fallando,
 Põe-lhe na mão a partafana, e espada,
 E vai-lhe á frente o morrião lançando.
 Diminue-se o horror na alma assombrada,
 E vai-se pouco a pouco recobrando,
 Até que a si tornando reconhece
 Donde está, com qué falla, e o q̃ lhe offrece.

XVIII.

XVIII.

Se d'além das montanhas cá t'envia (2)
 O Grão Tupá (lhe diz) que em nuvem negra
 Escurece com sombra o claro dia,
 E manda o claro Sol, que o Mundo alegre;
 Se vens d'onde o Sol dorme, e se á Bahia
 De alguma nova Lei trazes a regra;
 Acharás, se gostares, na cabana,
 Mulheres, caça, peixe, e carne humana.

XIX.

A carne humana! (replicou Diogo,
 E como pode, explica em voz, e aceno)
 Se vir que come algum, botarei fogo;
 Farei que inunde em sangue esse terreno.
 Pois se os bichos nos devem comer logo,
 (O Barbaro lhe oppõe com desempeno)
 A nós faz-nos horror, se elles nos comem;
 E he menos triste q̄ nos trague hum homem.

XX.

O corpo humano (disse o Heróe prudente) (3)
 Como o brutal não he: desde que nasce,
 He morada do Espirito eminente,
 Em quem do Grão Tupá se imita a face.
 Sepulta-se na terra, qual semente,
 Que senão apodrece, não renace;
 Tempo virá, que aos corpos reunida,
 Torne a nós' alma a respirar com vida.

XXI.

XXI.

O Lume da razão condemna a empreza,
 Pois se o infando appetite o gosto adula,
 Para extinguir a humana Natureza,
 Sem mais contrarios, bastaria a gula.
 Que se a malicia em vós, ou se a rudeza,
 O instincto universal de todo annula,
 He com tudo entre os mais cousa temida,
 Que outrem por vos comer, vos tire a vida.

XXII.

Disse Diogo, e conduzia á gruta,
 O Principal da barbara caterva,
 Que alli seguido pela gente bruta;
 O lugar conhecido attento observa:
 Gupeva a tudo attende, e tudo escuta;
 Mas sempre o horror, q̄ concebeo, conserva;
 E olhando ás armas, sem q̄ a mais se arroje,
 Chega com mão furtiva, apalpa, e fuge.

XXIII.

Vinha a noite já então seu negro manto
 Despregando na lucida Athmosféra,
 Quando buscáo socego ao seu quebranto
 No ninho as aves, e na toca a féra:
 E quando o Somno com suave encanto
 Aos miseros mortaes a dor modera;
 Mas não modera em Diogo a mordaz curã
 De amansar o furor da Gente dura.

D

XXIV.

XXIV.

Por dissipar na gruta a sombra fria,
 Toma o ferreo fuzil, que o fogo atêa;
 E vendo a rude gente, que o accendia,
 E brilhar de improvizo huma candêa;
 Notando a prompta luz, que no oleo ardia,
 Não acaba de o crer de assombro chea:
 Crem por tanto que o fogo do Ceo nasce,
 Ou que Diogo nas mãos nascello faça.

XXV.

Era costume do Selvagem rude
 Rossar hum lenho n'outro com tal geito,
 Que vinha por electrica virtude
 A accender lume, mas com tardo effeito.
 Mas observando, sem que o lenho o ajude,
 Em meños de hum momento o fogo feito;
 O mesmo imaginou, que a Grecia creio,
 Quando vio ferir fogo a Prometheo.

XXVI.

Acceza luz na lóbrega caverna,
 Vê-se o que Diogo alli da não levára;
 Roupas, armas, e em parte mais interna,
 A polvorá em barriz, que transportára:
 Tudo vão vendo á luz de huma lanterna,
 Sem que o appetença a gente nada avara,
 Ouro, e prata, que a inveja não lhe atença:
 Nação feliz! que ignora o que he cubica.

XXVII.

XXVII.

Mas entre objectos varios a que attende,
 Nota Gupeva extatico a Pintura,
 Que n'hum precioso quadro, que alli pende,
 Representava a Mãi da formosura:
 Se seja cousa viva, não entende;
 Mas suspeitava bem pela figura,
 Digna a pessoa, de que a Imagem era,
 De ser mãi de Tupá, se elle a tivera.

XXVIII.

Esta (pergunta o Barbaro) tão bella,
 Tão linda face, acaso representa
 Alguma formosissima Donzella,
 Que Esposa o Grão Tupá fazer intenta?
 Ou por ventura que nascesse della,
 Esse, que sobre os Ceos no Sol se assenta?
 Quem póde geração saber tão alta?
 Mas se ha Mãi, q' o gerasse, esta he sem falta.

XXIX.

Encantado está o pio Lusitano
 De ouvir em rude boca tal verdade;
 E adorando o Mysterio soberano,
 Mãi ter não póde (disse) a Divindade.
 Mas sendo Deos eterno, fez-se humano,
 E sem lesão da propria Virgindade,
 A Donzella o gerou, que piza a Lua,
 Digna Mãi de Tupá, Mãi minha, e tua.

XXX.

Peçamos pois, que he Mãi, que nos defenda;
 Que te dê para ouvir docil orelha;
 E contigo o teu Povo recommenda,
 Dizendo o Heróe assim, devoto ajoelha.
 Gupeva o mesmo faz com fé estupenda;
 E pendente de Diogo, que o aconselha,
 Levanta as mãos, como elle levantava;
 E vendo-o lagrimar, também chorava.

XXXI.

Mas crendo rude, como então vivia,
 Que fosse cousa viva a Imagem Santa;
 Que por mãe de Tupá tudo sabia,
 Tendo poder conforme a gloria tanta;
 Repete o que houve a Diogo com voz pia,
 E á Mãi de Deos o coração levanta:
 E encostando entre os rogos a cabeça,
 Faz a noite, e o desvelo que adormeça.

XXXII.

Já no purpureo, e tremulo Horizonte,
 Rosas parece que espalhava a Aurora;
 E o Sol que nasce sobre o opposto monte,
 A bella luz derrama creadora:
 Ouvem-se as avezinhas junto á fonte,
 Saudando a manhã com voz sonora;
 E os mortaes já do somno desatados
 Tornavão novamente aos seus cuidados.

XXXIII.

XXXIII.

Quando Gupeva manso, e diferente,
 Do que antes fora na fereza bruta,
 Convoca a ouvilho a multidão fremente,
 Que á roda estava da profunda gruta:
 Posto no meio da confusa gente,
 Que toda delle pende, e attenta escuta:
 Valentes Paiaias (diz desta sorte) (4)
 Que herdais o brio da profapia forte.

XXXIV.

Se hontem do vil Sergipe sorprendidos,
 Vimos o grão terreiro posto a faco;
 Fomos cercados sim, mas não vencidos;
 Não foi victoria, foi traição de hum fraco.
 Sabia bem por golpes repetidos,
 Com quanto esforço na peleija ataco;
 E como sem traição faria nada,
 Não tendo eu armas, vem com mão armada.

XXXV.

Sombra do Grão Tatú, de quem me ferve
 Nestas veias o sangue; de quem trago
 A invicta geração, que em guerra serve
 De espanto a todos, de terror, de estrago:
 Porque a gloria a teu nome se conferve,
 E porque a cante da Bahia o lago,
 Mandas de lá de donde o Mundo acaba
 Para o nosso soccorro este Imboaba. (5)

XXXVI.

XXXVI.

Tu lhe mudaste em ferro a carne branda;
 Tu fazes que na mão se accenda, e lhe arda
 A viva chamma, que Tupá nos manda;
 Tupá, que rege o Ceo, que o Mundo guarda.
 Com elle hei de vencer por qualquer banda;
 Com elle em campo armado, já me tarda
 O cobarde inimigo, que a encontrallo,
 Vivo, vivo me animo a devorallo.

XXXVII.

Sabeis, Tapuias meus, como morrendo
 Nossos Irmãos, e Pais, que elles matavão,
 Postos debaixo já do golpe horrendo,
 Vosso nome aos vingar tristes chamavão.
 Tambem visteis na guerra combatendo,
 Que estrago nelles estas mãos causavão,
 E as vezes que vos dei no campo vasto,
 Mil e mil delles por sabroso pasto.

XXXVIII.

Mas não come o Estrangeiro, nem consente
 Comer-se carne humana; e só teria
 Outra carne qualquer por innocente,
 Aves, feras, Tatus, Paca, ou Coria;
 Receba pois de nós grato presente,
 De quanto houver nos matos da Bahia;
 Saia-se á caça; e como lhe compete,
 Prepare-se a hospedagem de hum banquete.

XXXIX.

XXXIX.

Separa-se o Congresso em breve espaço,
 Dispõe-se em alas numerosa Tropa;
 Quem com taquáras donde pende o laço,
 Onde a avezinha cahe, se incauta o topa:
 Quem dos hombros suspende, e quem do braço
 Armadilhas diffrentes; outro enfopa
 Em vilgo as longas ramas do palmito,
 Onde improvido caia o Periquito.

XL.

Os mais com frécha vão, que a hum tempo seja
 Tiro, que offenda a fugitiva caça;
 Ou armas (se occorresse) na peleija,
 Quando o inimigo de emboscada a faça:
 E porque aos mais presida, e tudo veja,
 A' frente do Esquadrão Gupeva passa;
 Nem fica Diogo só, que tudo via,
 Mas segue armado a forte companhia.

XLI.

Mais arma não levou, que huma espingarda;
 E posto ao lado de Gupeva amigo,
 Prompto a todo o accidente, e posto em guar-
 Trás na cautela o escudo ao seu perigo. (da,
 Em tanto a destra gente a caça aguarda,
 E algum se affouta a penetrar no abrigo,
 Onde esconde a Panthera os seus cachorros,
 Outro a segue por brenhas, e por morros.

XLII.

XLII.

Até que de Gupeva commandada,
 Em circulo se fórma a linha unido,
 Onde quanto ha de caça já espantada,
 Fique no meio de hum cordão cingido:
 A rez alli do estrondo amedrentada,
 N'hum centro está de espaço reduzido:
 A' mão mesmo se colhe: cousa bella!
 Que dá mais gosto ver, do que comella.

XLIII.

Não era assim nas aves fugitivas,
 Que humas fréchava no ar, e outras em laços
 Com arte o Caçador tomava vivas:
 Huma porém nos liquidos espaços
 Faz com a pluma as settas pouco activas,
 Deixando a liza penna os golpes laços.
 Toma-a de mira Diogo, e o ponto aguarda:
 Dá-lhe hum tiro, e derriba-a co'a espingarda.

XLIV.

Estando a turba longe de cuidalo,
 Fica o barbaro ao golpe estremecido,
 E cahe por terra no tremendo abalo
 Da chamma, do fracção, e do estampido:
 Qual do horrído trovão com raio, e estalo
 Algum junto áquem cahe, fica aturdido:
 Tal Gupeva ficou, crendo formada
 No arcabuz de Diogo huma trovoada.

XLV.

Toda em terra prostrada exclama, e grita
 A turba rude em misero desfmaio,
 E faz o horror, que estúpida repita
Tupá, Caramurú, temendo hum raio.
 Pertendem ter por Deos, quando o permitta,
 O que estão vendo em pavoroso ensaio,
 Entre horriveis trovões do Marcio jogo,
 Vomitar chammas, e abraçar com fogo.

XLVI.

Desde esse dia he fama, que por nome
 Do Grão Caramurú foi celebrado
 O forte Diogo; e que escutado dome
 Este appellido o Barbaro espantado:
 Indicava o Brazil no sobrenome,
 Que era hum dragão dos mares vomitado:
 Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
 Tem Jove, Apollo, e Marte por Deidade.

XLVII.

Forão qual hoje o rude Americano,
 O valente Romano, o sabio Argivo;
 Né foi de Salmoneo mais torpe o engano, (6)
 Do que outro Rei fizera em Creta altivo.
 Nós que zombamos deste Povo infano,
 Se bem cavarmos no solar nativo,
 Dos antigos Heróes dentro ás imagens,
 Não acharemos mais, que outros Salvagens.

XLVIII.

XLVIII.

He facil propensão na brutal gente,
 Quando em vida ferina admira huma arte,
 Chamar hum fabro o Deos da forja ingente;
 Dar ao guerreiro a fama de hum Deos Marte:
 Ou talvez por sulfureo fogo ardente,
 Tanto Jove se ouviu por toda a parte:
 Hercules, e Theseos, Jasões no Ponto (7)
 Serião cousas taes, como as que eu conto.

XLIX.

Quanto merece mais, que em douta Lyra
 Se cante por Heróe, quem pio, e justo,
 Onde a cega Nação tanto delira,
 Reduz á humanidade hum Povo injusto?
 Se por Heróe no Mundo só se admira,
 Quem tyranno ganhava hum nome Augusto;
 Quanto o será maior, que o vil tyranno,
 Quem nas fêras infunde hum peito humano?

L.

Tal pensamento então n'alma volvia
 O Gráo Caramurú, vendo prostrada
 A rude multidão, que Deos o cria,
 E que espera d'esta arte achar domada:
 Politica infeliz da Idolatria,
 Donde a antiga cegueira foi causada; (8)
 Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
 Quando augmenta o terror, recusa o culto.

LI.

De Tupá sou (lhe disse) Omnipotente
 Humilde escravo, e como vós me humilho;
 Mas do horrendo trovão, que arrojo ardente,
 Este raio vos mostra, que eu sou filho.
 (Disse, e outra vez dispara em continente)
 Do meio do relampago, em que brilho,
 Abrazarei qualquer, que ainda se atreva
 A negar a obediencia ao Grão Gupeva.

LII.

Deo logo a amiga mão com grato aspecto
 Ao misero Gupeva, que convulso
 No horror daquelle ignivomo prospecto,
 Jazia sem sentido, e já sem pulso:
 Não temas (diz-lhe) amigo, que eu prometto,
 Que de meu braço se não mova impulso,
 Senão contra quem for tão temerario,
 Que sendo-te eu amigo, he teu contrario.

LIII.

Recobra o bom Gupeva hum novo alento,
 Sentindo a grata mão, que á vida o chama;
 Nem póde duvidar pelo experimento,
 De quanto Diogo com fineza o ama;
 Mas sempre com receio do instrumento
 Teme q' outra vez lance a horrivel chamma;
 E deixa-o no erro Diogo, a fim que incerto,
 Nenhum pelo pavor se chegue ao perto.

LIV.

LIV.

Mas por deixar incerta a gente infida,
 Dá-lhe astuto o arcabuz, que não tem carga;
 E quem (diz) he fiel, pôde com vida
 Tello na mão sem horrída descarga;
 Porém se algum faltasse á fé devida,
 Sentirá da traição por pena amarga,
 Com proprio damno seu, com mortal risco,
 Relampago, e trovão, fogo, e corisco.

LV.

Que eu acordado esteja, ou que adormeça,
 Vigia em guarda minha o fogo occulto,
 E a traição pagará com a cabeça,
 Quem tentasse fazer-me hum leve insulto.
 Porém se eu mal não quero, que aconteça,
 Pôde hum menino, como pôde o adulto,
 E o mais fraco, que houver na vossa gente,
 Ter o trovão nas mãos, sem que arrebente.

LVI.

Porém guardai-vos vós, que só no peito,
 Só n'alma, que tendes tenção malina,
 Vereis que trovão faz por meu respeito,
 E que vem no estampido a vossa ruina.
 Treme Gupeva, ouvindo este conceito,
 E humilde a fronte ao Grão Diogo inclina:
 Certo de não faltar na fé que rende,
 Donde o raio, e trovão crê que depende.

LVII.

LVII.

Convoca em tanto o Principal temido
 As esquadras da turba, então dispersa,
 E ao Grão Caramurú pede rendido
 Que eleja casa no Paiz diversa:
 E que a gruta deixando, suba unido,
 Onde em vasta cabana o Poyo versa;
 Nem duvide que a gente féra, e brava
 O sirva humilde, e se sujeite escrava.

LVIII.

No Reconcavo ameno hum posto havia
 De troncos immortaes cercado á roda,
 Trincheira natural, com que impedia,
 A quem quer penetrallo, a entrada toda:
 Hum plano vasto no seu centro abria, (9)
 Aonde edificando á patria moda,
 De troncos, varas, ramos, vimes, canas
 Formárão, como em quadro, oito cabanas.

LIX.

Qualquer dellas com mole volumosa
 Corre direita em linhas parallelas;
 E mais comprida aos lados, que espaçosa,
 Não temparedes, ou columnas bellas:
 Hum angulo no cume a faz vistosa,
 E cuberta de palmas amarellas,
 Sobre arvores se estriba, altas, e boas,
 De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

LXI.

Qual o velho Noé na immensa barca,
 Que a barbara cabana em tudo imita,
 Ferozes animaes pródigo embarca,
 Onde a turba brutal tranquilla habita:
 Tal o rude Tapuia na grand' arca;
 Alli dorme, alli come, alli medita;
 Alli se faz humano, e de amor molle,
 Alimenta a mulher, e affaga a prole.

LXI.

Dentro da grã choupana a cada passo (10)
 Pende de lenho a lenho a rede extensa:
 Alli descanso toma o corpo laço;
 Alli se esconde a marital licença:
 Repousa a filha no materno abraço
 Em rede especial, que tem suspensa:
 Nenhum se vê (que he raro) em tal vivenda,
 Que a mulher de outrem, nem q' a filha offen-
 (da.

LXII.

Alli chegando a Esposa fecundada
 A termo já feliz, nunca se omite
 De pôr na rede o Pai a prole amada,
 Onde o amigo, e parente o felicite:
 E como se a mulher soffrêra nada,
 Tudo ao Pai reclinado então se admite,
 Qual fora, tendo sido em modo serio
 Seu proprio, e não das Mães o puerperio.
 LXIII.

LXIII.

Quando na rede encoستا o tenro infante,
 Pinta-o de negro todo, e de vermelho;
 Hum pequeno arco põe, frêcha volante,
 E hum bom cutelo ao lado; e em tom de ve-
 Com discurso patetico, e zelante, (lho
 Vai-lhe inspirando o paternal conselho;
 Que seja forte diz, (como se o ouvisse)
 Que se saiba vingar, que não fugisse.

LXIV.

Dá-lhe depois o nome, que apropriã
 Por similhaça que ao Infante iguala,
 Ou com que o esperã célebre algum dia;
 Senão he por defeito que o affinala:
 A algum na fronte o nome se imprimia,
 Ou pintão no verniz, que tem por gala;
 E segundo a figura se lhe observa,
 Dão-lhe o nome de fêra, fruto, ou herva.

LXV.

Trabalha em tanto a Mãi sem nova cura,
 Quando o parto conclue, e em tempo breve,
 Sem mais arte que a prôvida natura,
 Sente-se lesta, e sã, robusta, e leve:
 Feliz gente, se unisse com se pura
 A sóbria educação, que simples teve!
 Que o q̃ a nós nos faz fracos, sempre estimo,
 Q̃ he mais q̃ pena, ou dor, melindre, e mimo.

LXVI.

LXVI.

Vai com o adulto filho á caça, ou pesca
 O solícito Pai pelo alimento:
 O peixe á mulher traz, e a carne fresca,
 E á tenra prole a fruta por sustento:
 A nova provisão sempre refresca,
 E dá nesta fadiga hum documento,
 Que quem nega o sustento a quem deo vida,
 Quiz ser Pai, por fazer-se hum parricida.

LXVII.

Que se acontece que a enfermar se venha,
 Concorre com piedade a turba amiga;
 E por dar-lhe hum remedio, que convenha,
 Consultáo-no entre si com gente antiga:
 Buscão quem de herva saiba, ou cura tenha,
 Que possa dar allivio ao que periga,
 Ou talvez sangrão n'huma febre ardente,
 Servindo de lanceta hum fino dente.

LXVIII.

Mas vendo-se o mortal já na agonia,
 Sem ter para o remedio outra esperança,
 Estima a bruta gente; acção mui pia,
 Tirar-lhe a vida com a maça, ou lança:
 Se morre o tenro filho, a Mãi seria
 Estimada cruel, quando a criança,
 Que pouco antes ao Mundo della veio,
 Não torna ao seu lugar no proprio seio.

LXIX.

LXIX.

Tal era o Povo rude, e tal usança
 Se lhe vê praticar no vicio illuso:
 Tudo nota Diogo, na esperança
 De corrigir por fim tão cego abuso.
 No lugar da cabana, em que descança
 Menos da gente, e multidão confuso,
 Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
 De rica, e mole pluma entre tecida.

LXX.

Mas eis-que hum grande número o rodea
 De emplumados feissimos Salvagens:
 Ouve-se a casa de clamores chea;
 Costume antigo seu nas hospedagens.
 Qualquer chegar-se a Diogo ainda recea,
 Por ter visto as horrificas passagens;
 Mas *mair ma apadu* de longe explicação, (11)
 E *bem vindo o estrangeiro* significação.

LXXI.

Por costumado obsequio os mais luzidos
 Tomão Diogo nos braços; e no peito
 A frente lhe apertavão comedidos:
 Sinal entr'elles do hospital respeito.
 Tirão-lhe em pressa as roupas, e vestidos;
 E pondo-o sobre a rede, como em leito,
 Sem mais dizer-lhe nada, e sem ouvillo,
 Tudo se affasta, e deixão-no tranquillo.

E

LXXII.

LXXII.

Com maior ceremonia outra visita
 Festiva celebrava o seu cortejo;
 Feminea turba, que o costume incita
 A offerecer-se honesta ao seu desejo;
 Senta-se sobre os pés, e felicita,
 Cobrindo o rosto a mão, como por pejo;
 Vestidas vem de folhas tão brilhantes,
 Que o que falta ao valor, tem de galantes.

LXXIII.

Parece ser da meza o dispenseiro
 Hum Salvagem, que o nome lhe pergunta:
 Se tem fome, lhe diz; ou se primeiro
 Quereria beber? e logo ajunta,
 Sem mais resposta ouvir, sobre o terreiro
 A comida que trouxe em cópia munta:
 Põe-se-lhe Uíçu de peixe, e carne crua, (12)
 É o mimoso Cauin, que he paixão sua.

LXXIV.

Todos com gula comem furiosa,
 Sem olhar, sem fallar, nem distrahir-se:
 Tanto se absorvem na paixão gulosa,
 Que mal pudéra ao vellos distinguir-se,
 Se são feras, ou homens. Vergonhosa,
 Triste miseria humana! confundir-se
 Hum peito racional c'hum bruto feio
 No horrendo vicio, donde o mal nos veio.

LXXV.

Acabada a comida, a turba bruta
 O estrangeiro bem vindo outra vez grita;
 E a tropa feminina, que isto escuta,
 Cobre a face co-as mãos, e o pranto imita:
 Gupeva pois que o hospede reputa,
 Causa do seu prazer, e author da dita;
 O Sacro fogo a roda lhe ateava,
 Ceremonia hospital, que o povo usava. (13)

LXXVI.

Bem presumia Diogo, no que explora,
 Que algum mysterio se occultava interno;
 Lembra-lhe a chamma, que o Caldeo adora;
 O fogo das Vestaes recorda eterno;
 Nem duvidava que de origem fora
 Costume da Nação, rito paterno;
 Trazido, se he possivel que se creâ,
 Na dispersão das gentes, da Caldêa.

LXXVII.

Perguntallo dos barbaros quizera;
 Mas como o acceno, e lingua muito engana,
 Acafo soube que á Gupeva viera
 Certa Dama gentil Braziliãna:
 Que em Taparica hum dia comprehendêra
 Boa parte da lingua Lusitana;
 Que Portuguez escravo alli tratára, (14)
 De quem a lingua, pelo ouvir, tomára.

LXXVIII.

Paraguaçú gentil (tal nome teve)
 Bem diversa de gente tão nojosa;
 De côr tão alva, como a branca neve;
 E donde não he neve, era de rosa:
 O nariz natural, boca mui breve,
 Olhos de bella luz, testa espaçosa:
 De algodão tudo o mais, com manto espesso,
 Quão honesta encobrio, fez ver-lhe o preço.

LXXIX.

Hum Principal das terras do contorno
 A bella Americana tem por filha;
 Nobre sem facto, amavel sem adorno;
 Sem gala encanta, e sem concerto brilha:
 Servia aos Carijós, que tinha em torno,
 Mais que de amor, de objecto a maravilha:
 De hum desdem tão gentil, q a quem olhava,
 Se mirava immodesto, horror causava.

LXXX.

Foi destinada de seus Pais valentes,
 Esposa de Gupeva; mas a Dama
 Fugia de seus olhos impacientes,
 Nem prenda lhe acceitou, porque o não ama:
 Nada sabem de amor barbaras gentes,
 Nem arde em peito rude a amante chama;
 Gupeva, que não sente o seu despeito,
 Tratava-a sem amor; mas com respeito.

LXXXI.

LXXXI.

Deseja velta o forte Lusitano ;
 Porque interprete a lingua , que entendia ;
 E toma por mercê do Ceo sobrano
 Ter como entenda o idioma da Bahia :
 Mas quando esse prodigio avista humano ,
 Contempla no semblante a louçania :
 Pára hum , vendo o outro ; mudo , e quedo ,
 Qual junto de hum penedo outro penedo .

LXXXII.

Só tu , Tutelar Anjo , que o acompanhas ,
 (Sabes quanto a virtude alli se arrisca ,)
 E as furias da paixáo , que accende estranhas
 Essa de infano amor doce faisca :
 Ansias no coração sentio tamanhas ,
 (Ansias , que nem na morte o tempo risca)
 Que houvera de perder-se naquell' ora ,
 Senão fora Christáo , se Heróe não fora .

LXXXIII.

Mas desle o Ceo a Santa Intelligencia
 Com doce inspiração mitiga a chamma ;
 Onde a amante paixáo ceda á prudencia ,
 E a razão pôde mais , que a ardente flamma ;
 Em Deos na natureza , e na consciencia
 Conhece , que quer mal quem assim ama ;
 E que fora sacrilego episodio
 Chamar á culpa amor , não chamar-lhe odio .

LXXXIV.

LXXXIV.

No raio deste heróico pensamento
 Em tanto Diogo reflectio consigo,
 Ser para a lingua hum cómodo instrumento
 Do Ceo mandado na donzella amigo:
 E por ser necessario ao Santo intento,
 Estuda no remedio do perigo,
 Que póde ser? fou fraco: ella he formosa...
 Eu livre... ella donzella... será esposa.

LXXXV.

Bella (lhe disse então) gentil Menina,
 (Tornando a si do palmo, em que estivera)
 Sorte humana não he, mas he Divina,
 Ver-me a mim; ver-te a ti na nova esfera:
 Ella a frase, em que fallo, aqui te ensina,
 (Ella, senão me engana e que alma espera,
 Hum fogo em nós accende, que de resto
 Eterno haja de arder, se arder honesto.)

LXXXVI.

Desde hoje se a meus olhos cõresponde
 O meigo olhar das lucidas pupilas;
 Se amor he... porq̃ amor que he q̃o esconde,
 Se por elle essas lagrimas distillas:
 Com que chammas meu peito te responde,
 Com mão de Esposa poderás sentillas;
 Disse; e estendendo a mão, offereceo-lha;
 Ella que nada diz, sorrio-se, e deo-lha.

LXXXVII.

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixará;
 E ou de amante, ou também de vergonhosa,
 Hum tão bello rubor lhe tinge a cara;
 Como quando entre os lirios nasce a rosa:
 Tres vezes quiz fallar, tres se calára;
 E ficou do soçobro tão formosa,
 Quanto elle ficou cégo; e em tal porfia,
 Nem hum, nem outro então de si sabia.

LXXXVIII.

Mas reflectindo logo o Heróe prudente,
 Fixou no coração com fé segura,
 Não cumprir as promessas de presente,
 Antes que lhe entre n'alma a formosura:
 Rende-lhe o seu amor, mas innocente,
 E faz-lhe prometter, que com fé pura,
 Em quanto se não lava, e regenera,
 Em continencia yvirão sincera.

LXXXIX.

E esta fé (diz-lhe) Esposa em Deos querida,
 Guardar-te hoje prometto em laço eterno,
 Até banhar-te n'agua promettida,
 Por candida afeição de amor fraterno:
 Amor, que sobreviva á propria vida;
 Amor, que prezo em laço sempiterno,
 Arda depois da morte em maior chamma;
 Que assim trata de amor, que por Deos ama.

LXXI

Esposo (a bella diz) teu nome ignoro ;
 Mas não teu coração , que no meu peito
 Desde o momento , em q̄ te vi , que o adoro :
 Não fei se era amor já , se era respeito :
 Mas fei do que então vi , do que hoje exploro ,
 Que de dous corações hum só foi feito.
 Quero o Baptismo teu , quero a tua Igreja ,
 Meu Povo seja o teu , teu Deos meu seja.

LXXII

Terme-has, caro, terme-has sempre a teu lado :
 Vigia tua, se te occupa o somno ;
 Armada sahirei , vendo-se armado ;
 Tão fiel nas prizões , como n'hum throno :
 Outrem não temas , que me seja amado :
 Tu só serás , Senhor , tu só meu dono :
 Tanto lhe diz Diogo , e ambos jurarão ;
 E em fé do juramento , as mãos tocárão.

LXXIII

E esta é (diz-lhe) a vida eterna
 Guardar-te hoje prometo em laço eterno
 Até chegar-te a vida prometida
 Por caridade e amor fraternal
 Amor, que sobreviva a própria vida ;
 Amor, que preza em laço sempiterno
 Até depois da morte em maior claridade
 Que a vida ter de amor, que por Deus ama.

(1) *Anhangá*. Nome do Demonio, em lingua Brazilica, conhecido daquelles Barbaros pelo uso da Nigromancia.

(2) *Montanhas*. Persuadem-se os Brazilienses, que além das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, seja o Paraíso. Vide *Martiniere Diccionario Geografico* verb. *Brazil*, onde se lerá a maior parte da Historia dos ritos, e costumes do Brazil, que aqui, e na serie do Poema escrevemos.

(3) *O corpo humano*. Razão sufficiente, por que he illicito comer a carne humana por principios Theologicos na presente Oitava, e na seguinte pelos Naturaes.

(4) *Paiaias*. Nome honorifico em lingua Brazilica, equivalente a *Nobres*, ou *Senhores*. O Poeta conforma-se ao costume destas gentes, entre as quaes os Principes fazem longas fallas aos seus Compatriotas, exhortando-os pelos principios, que aqui se tocão.

(5) *Imboába*. Voz, com que os Barbaros nomeão os Europeos.

(6) *Salmonco*. Este Principe pertendia imitar o raio para espantar os Gregos, então barbaros, e semelhantes aos nossos Brazilienses. Tanto se póde crer do Rei de Creta, que aquelles Insulares chamarão Jupiter.

(7) *Hercules*. Os Heróes dos tempos fabulares forão sem dúvida semelhantes aos nossos primeiros Descubridores, feitos celebres pela rudeza, e ignorancia dos seus tempos. Observamos este paralelo para preoccupar a censura de quem acaso estimasse a materia, e objecto desta Epopeja, indigna de comparar-se á que escolherão os antigos Poetas Epicos.

(8) *Causada*. He certo que a Idolatria dos Gregos teve grande occasião nos Inventores das Artes; e vimos outro tanto nos Americanos, dispostos a crer immortaes os Europeos.

(9) *Hum plano*. Descripção das Tabas, ou Aldeas Brazlicas.

(10) *Dentro*. O Padre Martiniere, célebre Critico, e testemunha ocular, attesta parte destes costumes; outros. Ozorio, Vasconcellos, Pitta, que não citamos, por serem especies vulgares.

(11) *Mas mair*. Nas hospedagens costumão assim os Brazilianos: e do Padre Martiniere copiámos as palavras, que então proferem, e a sua interpretação.

(12) *Uiçu*. Farinha, a que reduzem a carne torrada, ou o peixe. *Cauin*, bebida semelhante á que já dissemos da Catimpoeira.

(13) *Ceremonia*. Tinhaõ esta cerimonia como Religiosa, persuadidos que faz fugir o Demonio.

(14) *Portuguez escravo*. Ficção Poetica sobre o verosimil, não sendo difficil que algum dos Portuguezes deixados por Cabral, ou por outros Capitães na costa, para aprenderem a lingua, communicassem parte della aos habitantes.



CANTO III.

I.

JA' nos confins extremos do Horizonte
 Dourava o Sol no occaso rubicundo
 Com ribio raio affirma do alto monte;
 E as sombras cahem sobre o valle fundo;
 Hia morrendo a côr no prado, e fonte;
 E a noite, que voava ao novo Mundo,
 Nas azas traz com viração suave
 O descanso aos mortaes no somno grave.

II.

Só com Gupeva a Dama, e com Diogo
 Gostosa aos dous de interprete servia;
 E perguntado sobre o Sacro fogo,
 A qual fim se inventára? a que servia?
 Deo-lhe simples razão Gupeva logo:
 Suppre de noite (disse) a luz do dia;
 E como Tupá ao Mundo a luz accende,
 Tanto fazer-se aos hospedes emprende.

III.

III.

Se peccando o máo espirito solevas,
 Succede que talvez cruel se enoje;
 E como he Pai da noite, e Author das trévas,
 Tanto aborrece a luz, que em vendo-a foge:
 Porém se á Luz eterna o peito elevas,
 Não ha furia do Averno que se arroje;
 Talvez por lhe excitar tristes idéas,
 Das chammas, que tiverão por cadeas.

IV.

Admira o pio Heróe, que assim conheça
 A Nação rude as legiões do Averno; (1)
 Nem já duvida que do Ceo lhe desça
 Clara luz de hum Principio sempiterno.
 Disse-me, Hospede amigo, se professa
 Este teu Povo, diz, com culto externo
 Adorar algum Deos? qual he? onde ande?
 Se seja hũ Deos sómente, ou q̃ outros mande?

V.

Hum Deos (diz) hũ Tupá, hũ ser possante (2)
 Quem poderá negar que réja o Mundo,
 Ou vendo a nuvem fulminar tonante;
 Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
 Quem enche o Ceo de tanta Luz brilhante?
 Quem borda a Terra de hum matiz fecundo?
 E aquella sala azul, vasta, infinita,
 Senão está lá Tupá, quem he que a habita?

VI.

A chuya, a neve, o vento, a tempestade
 Quê a rege? a qué segue? ou quem a move?
 Quem nos derrama a bella claridade?
 Quem tantas trévas sobre o Mundo chove?
 E este espirito amante da verdade,
 Inimigo do mal, que o bem promove,
 Coufa tão grande, como fora obrada,
 Senão lhe dera o ser, quem vence o nada?

VII.

Quem seja este grande Ente, e qual seu nome,
 (Feliz quem saber pôde) eu cego o ignoro;
 E sem que a empreza de fabello tome,
 Sei que he qué tudo faz, e humilde o adoro:
 Nem duvido que os Ceos, e Terra dome,
 Quando nas nuvens com terror o exploro,
 Deixando o mortal peito em vil desmaio,
 Ameaçar no trovão, punir no raio.

VIII.

Só pasmo se nos fez, como não veio,
 Devendo amar o que obra de mão sua,
 Ao Mundo de Anhangás cercado, e cheio
 A livrar o Homem dessa besta crua!
 Como he possível que não dêsse hum meio,
 Com que a mente ignorante, enferma, e nua
 Tratar com elle possa, quando he claro
 Que o Pai não deixa o filho em desamparo?

IX.

IX.

Sinto bem remorder dentro em meu peito
 Lembrança, que me accusa: por mim fica
 Se mais bem do que faz, me não tem feito,
 Que he nescio quem o ingrato beneficia.
 Outro Povo talvez mereça eleito
 A assistencia dos Ceos de graças rica;
 Nem contra Deos se justifica a queixa,
 Que costume deixar, quem o não deixa.

X.

Mas se do Throno Celestial, e Eterno
 Apesar da malicia nos visita;
 Quem sabe se por zelo hoje paterno
 A nosso bem mandar-te aqui medita.
 Pois creio bem que contra o fogo Averno
 Trazes a chamma, que a do raio imita,
 Ou que vens como luz, do Ethereo assento,
 Por levar-nos contigo ao Firmamento.

XI.

Pasmava o Lusitano da eloquencia
 Com tão alto pensar n'hum alma rude;
 Notando como a Eterna Sapiencia
 A face a todos mostra da virtude.
 E reputava por maior clemencia,
 Que a que, se a fé conhece, ingrato a illude;
 Negasse Deos a luz, que os outros vião;
 Porque tendo a maior, mais cegarião.

XII.

Não deixa nunca os seus o Ceo piedoso
 (Diogo respondeo) que á terra indigna
 Manda o seu Unigenito glorioso,
 Que offreça, a qué o invoca, a mão benigna:
 Mas se antevisse no Homem pernicioso (3)
 Huma livre eleição sempre maligna,
 Por dar-lhe menos pena em menor falta
 Em sombra, como á voz, deixa tão alta.

XIII.

Tendes em tanto hum claro sentimento,
 Que espirito immortal se nos concede. (4)
 Sim, diz Gupeva, que o decide attento,
 Quem tudo quanto sente parte, ou mede:
 Mas mirando ao seu proprio pensamento,
 Vê que a medida sempre intacto excede;
 E sendo indivisivel desta sorte,
 Como pôde a razão soffrer a morte?

XIV.

Quantas vezes em mim, se ser pudesse,
 Hum pensamento d'alma eu dividira;
 Que todo o mal em fim que o homem padece,
 Vem d'imagem cruel, que dentro gyra.
 Mas a interna impressão tanto mais cresce,
 Quanto o peito ansiado mais suspira:
 E vejo q ha em mim mesmo occulto, e interno
 Entre a méte, e a verdade hú laço eterno. (5)

XV.

XV.

Sendo a mente mortal, tornára ao nada,
 Ao apagar-se a luz no extremo dia;
 E antes de ser punida, ou premiada,
 Huma alma justa, ou ré pederia;
 Sempre em desejos, nunca faciada;
 Má sem castigo; e sem fortuna pia;
 Sem chegar ao seu fim perder a essencia...
 Como he crível, que Deos tem Providen-
 (cia? (6)

XVI.

Se o fim do inerte bruto se inquirisse,
 No contexto das obras respondêra,
 Que fora feito, porque nos servisse,
 E que eterno destino não tivera:
 Onde era bem que a morte destruísse
 Quem para immortal fim nunca nascêra;
 Porque lhe dera, a tello, o Ceo Divino
 Outro corpo, outra fôrma, outro destino. (7)

XVII.

Que o bruto elege, pensa, que discorre
 Do que o vemos obrar fica evidente;
 Mas cada especie a hum curto fim concorre,
 Sem orgãos, e aptidão com q' outro intente.
 O homem tudo quer, por tudo corre,
 Tem orgãos para tudo, e tudo sente;
 Infinito em pensar, e no que vejo
 Maior que no pensar no seu desejo.

XVIII.

XVIII.

Tudo domina só, tudo governa,
 Sem que a outro animal servir costume;
 Toda outra especie á sua he subalterna,
 E se immortal nascêra, fora hum Nume: (8)
 Arbitrio Universal, Razão Eterna,
 Capaz de receber o immenso lume,
 E fora mais, se a morte o dissipára,
 Que se Ceo, Terra, e Inferno anniquilára.

XIX.

Pasmado Diogo do que attento escuta,
 Não crê que a singular Filosofia
 Possa ser da invenção da gente bruta;
 Mas a interprete bella lhe advertia,
 Que a antiga Tradição nunca interrupta
 Em cantigas, que o Povo repetia,
 Desde a idade infantil todos comprehendem,
 E que dos Pais, e Mães cantando o aprendem.

XX.

Que erão pedaços das Canções, que entoão (9)
 As que ouvia a Gupéva (e talvez tudo)
 Que em Poetico estilo doces soão
 Feitas por Sabios de sublime estudo.
 Que alguns entre elles com tal estro voão,
 Que envolvendo-se o harmonico no agudo,
 Parece que lhe inflamma a fantasia
 Algum Nume, se o ha, da Poesia.

XXI.

Tendo Paraguaçu dito discreta,
 Profegue então Gupeva os seus assumptos:
 Que se as almas morressem, que indiscreta
 A memoria seria dos defuntos?
 A que servira a Lei, que nos decreta, (10)
 Que no sepulchro se lhe ponhão juntos
 Comidas, arcsos, frechas? quem resiste
 A quem depois da morte não subsiste?

XXII.

O inimigo Anhangá, logo que deixa
 A nossa alma esta carne, em furia a invade,
 E do mal, que cá fez, cruel se queixa,
 Até que em sombras entre, ou claridade:
 O Rito do Sepulchro expresso deixa,
 Que enterrando-se em pé, na Eternidade
 O fim buscamos, a que Deos nos cria;
 E que antes de o alcançar, se segue a via.

XXIII.

Deste principio nasce, que com prantos
 Noite, e dia se chora o seu decesso;
 Louvão-se nos Congressos como Santos,
 E põe-se no sepulchro hum marco expresso:
 Tantas memorias pois, officios tantos
 A que fim se a alma acaba, eu não conheço:
 A expiação, e obsequio era frustrado,
 Se ella não vive, ou purga algum peccado.

XXIV.

Costumes são da occulta Antiquidade,
 Que o Grão Tamandaré desde alta origé (11)
 A's gentes ensinou, com que á piedade
 Todas no Mundo as almas se dirigem:
 E quando algum conteste esta verdade,
 Prováo-ná os Anhangás, que nos affligem,
 Pedindo aos Nigromantes q' a alma vendão,
 No q' huma alma immortal nos recommendão.

XXV.

Que he desde nossos Pais fama constante,
 Que a onde o Sol se pôe nessas mórhanas (12)
 Ha hum fundo lugar, de que he habitante
 O perfido Anhangá com crueis sanhas:
 Alli de enxofre a escuridão fumante
 Com portas encerrou Tupá tamanhas,
 Que as não pôde forçar, nem todo o Inferno:
 A morte he a chave; e o cadeado he eterno.

XXVI.

Dentro nada se vê na sombra escura;
 Mas no vislumbre funebre, e tremendo
 Distingue-se com vista mal segura,
 Hum Antro vasto, tenebroso, e horrendo:
 Ordem nenhuma tem: tudo conjura
 Ao sempiterno horror, que alli comprehendo:
 Mutuamente mordendo-se de envolta,
 Hum n'outro agarra, se o primeiro o solta.

XXVII.

Se viste onda sobre onda procellosa,
 Quando bate escumando a arêa funda,
 Como esta aquella engole; e mais furiosa
 Montanha d'agua vem, que ambas affunda:
 Tal na caverna lobrega horrorosa
 Onda, e onda de fogo os mãos inunda:
 Este sóbe; este desce; e hum cataclismo
 Alaga as nuvens, e descobre o abyfmo.

XXVIII.

Aqui o fero Anhangá cahio, (se conta)
 Quando do Grão Tupá rompia o jugo;
 E vem dos Astros, que soberbo monta,
 A ser em pena vil, do homem verdugo:
 Alli com mão cruel, com furia prompta
 Pune da nossa especie o vil refugo;
 E em vez de mãos as miserandas gentes,
 Enrosca em laços de crueis serpentes.

XXIX.

Alli do Grão Tupá por Lei severa,
 No incendio está, que o tempo não apaga,
 Quem torpe incesto faz; quem adultera;
 Quem he réo da lascivia infame, e vaga:
 Cada hum, como a culpa commettêra,
 Tanto, e no proprio membro o crime paga:
 Fere-se a quem ferio; mas o homicida
 Só porque morra mais, não perde a vida.

XXX.

Sentada em meio da morada horrenda,
 Branca de cans, e immovel na manobra,
 Immenfa sombra faz, que a cauda prenda
 Dentro na boca horrivel huma cobra:
 Com rouca voz, e intimação tremenda
 Ao tempo prezo na viperea dobra
 Diz, retumbando em éco a cavidade:
 Oh vida! oh tépo! oh morte! oh eternidade!

XXXI.

Além da grã montanha, em que se occulta (13)
 O carcere das sombras horroroso;
 De mil delicias n'hum terreno exulta
 Quem vive jufto, ou quem morreo piedoso:
 Não se acha imagem nesta terra inculta,
 Que seja sombra do Paiz ditoso:
 O Templo alli da Paz foi levantado,
 Sempre aberto ao prazer, e á dor fechado.

XXXII.

Ha do ameno jardim na vasta entrada
 Huma grã porta de safiras bellas,
 Onde da etherea Luz reverberada,
 Se pinta em vasto fundo hũ mar de estrellas;
 Toda ella em torno, em torno decorada
 De floridas bellissimas capellas:
 Junto voragem ha de hum precipicio,
 Que forve a qué se encolta infecto em vicio.

XXXIII.

XXXIII.

Vem-se dentro campinas deleitosas,
 Geladas fontes, arvores copadas;
 Outeiros de crystal, campos de rosas,
 Mil fructíferas plantas delicadas:
 Cuberto o chão das frutas mais mimosas,
 Com mil formosas cores matizadas,
 E á maneira, entre as flores, de serpentes
 Vão volteando as liquidas correntes.

XXXIV.

Latadas de martyrios ha sombrias,
 Que com a rama, e flor formáo passeios;
 Onde passáo sem calma os claros dias,
 Gozando sem temor de mil recreios:
 Chuvas alli não ha, nem brumas frias,
 Nem das procellas horridas receios;
 Nem ha na Primavera, e verdes Maios
 Quem receie o trovão, nem tema os raios.

XXXV:

Entre o susurro alli das fontezinhas,
 Harmonica se escuta a voz sonora,
 Com que mil innocentes avezinhas
 Entoão a alvorada á fresca Aurora:
 Muitas com vôos vão ao Ceo vizinhas;
 Outra segue o Conforte, a quem namora,
 E mil doces requebros gorgeando,
 De raminho em raminho vai saltando.

XXXVI.

XXXVI.

Huma ave entre outras ha que se discorre, (14)
 Ou fama certa seja, ou voz fingida,
 Que do jardim a nós, de nós lá corre,
 Como fiel correio da outra vida:
 Dizem que vóa, quando algum cá morre,
 E exprime no feu canto enternecida
 O que alma passa nas eternidades,
 E que nos leva, e traz doces saudades.

XXXVII.

Neste ameno jardim vivem contentes
 As almas, que no Mundo valerosas
 A Santa Lei guardáráo diligentes,
 Obrando acções na vida gloriosas:
 Os que foráo na guerra mais valentes,
 E a Patria com acções guardáo honrosas;
 E os que em bellico horror com peito forte
 Temem mais huma affronta, do que a morte.

XXXVIII.

Aqui do Grão Tupá no amado seio
 Conversão, dançaõ, jogáo sem fastio;
 Huns dos males passados sem receio
 Contáo da crua guerra o caso impio:
 Outros da própria morte o golpe feio,
 Recordáo sem pavor, contáo com brio,
 Que o recordar hum mal, que he já passado,
 Da depois mais prazer, que então cuidado.

XXXIX.

XXXIX.

Alli dos Pais as almas venturosas
 Unidas sempre estão ao Filho amado ;
 E o premio das fadigas laboriosas
 Gozão no seio hum d'outro sem cuidado :
 A Mãi abraça as filhas amorosas ;
 Como o Elpofo a Consorte em puro agrado ;
 Sem guerra, sem contenda, sem porfia
 Passão tranquilla a noite, e alegre o dia.

XL.

Mas o que he mais suave, o que he mais doce,
 He gozar-se entre tanta amenidade
 De todo o bom desejo a inteira posse ;
 Nem ter de cousa vã necessidade :
 Oh quem de tanto bem possessor fosse !
 Grato Paiz ! amavel liberdade !
 Onde por graça de Tupá infinita
 Ninguem padece, teme, ou necessita.

XLI.

Dizendo assim, Gupeva enternecio-se,
 Sentindo a força, que o mortal levanta
 A' Bemaventurança : commoveo-se
 Tambem Diogo, vendo que em luz tanta
 Tão pouco de Deos sabe : a todos deo-se
 O eterno lume, copia da Lei santa ;
 Mas bem que de esplendor inunde hũ pégo,
 Quem he indigno de Deos, fica mais cego.

XLII.

Que valem (disse ao barbaro ignorante)
 Jardins, flores, delicias, e prazeres,
 Faltando o Objecto em fim mais importante,
 Que he a face de Tupá? pois de a não veres,
 Todo outro bem, que gozes por brilhante,
 Por bello, por maior, que o conceberes,
 Para a nossa cubiça mal faciada,
 He vil, he vão, he pouco, he fumo, he nada.

XLIII.

Finge que possa o Homem gozar junto
 Destes bens cá da terra hum vasto rio;
 Quanto Deos crear póde, tudo e munto;
 Quem delle não gozar, fica vasio:
 Se o Mundo a húa alma basta, eu não pergunto;
 Que ella goze infinitos, sempre eu fio;
 Que qual hydropefia verdadeira,
 Quantos mais possuir, tantos mais queira.

XLIV.

Toda essa gloria, que me tens pintado,
 Sem mais q̄ hum bé do Mundo circumferito,
 Não he, Gupeva meu, mais q̄ hum bocado,
 Para quem só se farta do infinito:
 E quando tudo o mais se haja logrado,
 Se he hum bem transitorio, se he finito,
 Em breve has de sentir, e sem remedio
 Do futuro ansia, e do passado tedio.

XLV.

XLV.

Deos, caro amigo meu, he Deos sómente
 Quem póde faciar nossa vontade:
 Chegar á parte a onde o ver contente,
 E vello alli por toda a eternidade:
 Todo o bem nelle está summo, e eminente,
 Honra, gloria, grandeza, magestade:
 Esta he, se discorreres em bom siso,
 A idéa, que has de ter de hum Paraíso.

XLVI.

Porém narra-me em tanto o que se pensa
 Entre vós dos principios deste Mundo:
 Quando? como? por quem na idéa immensa
 Se tomou a medida ao Ceo profundo?
 Qual foi o Homem primeiro, e de qual crença?
 Ou se noticia tens do Adão segundo?
 De qual origem fois, ou de qual gente?
 Ou quem veio a povoar tal Continente?

XLVII.

Memoria nunca ouvi (Gupevá disse) (15)
 Onde o Homem nasceste; mas comprehendo,
 Que houve principio em fim q̄ o produzisse,
 Que sem fim, e principio eu nada entendo.
 Como o creou não sei: e bem que o visse,
 Não pudéra entendello; conhecendo
 Que entre o nada, e o ser ha tal distancia,
 Que a ti te creio igual nesta ignorancia.

XLVIII.

XLVIII.

O primeiro Homem na geral lembrança,
 A Tradição dos velhos mais antigos,
 Antes do grão Diluvio não alcança:
 Sabemos só que huns homens inimigos,
 Do forte braço na fallaz confiança,
 Enchêrão todo o Mundo de perigos,
 E derão causa, que o Diluvio extenso
 N'hum pégo sepultasse a terra immenso.

XLIX.

Do renovado Mundo o Patriarca
 Desde o alto monte, onde escapou, descendo,
 Depois que a grã canoa, e immensa barca,
 Em que ao alto subio, foi fundo tendo;
 Na prole immensa dominou Monarca,
 E as varias Tribus dividido havendo
 Por Continentes, e Ilhas do mar fundo,
 De toda a gente he Pai, q̃ habita o Mundo.

L.

Predisse o Justo Velho o grão castigo,
 E os Homens exhortando á penitencia;
 Nem á vista do proximo perigo
 Chamallos pôde á justa obediencia:
 Cançado então Tupá da paz amigo
 Do cruel latrocínio, e da violencia,
 Quiz por vingar-se o Padre Omnipotente
 Com aguas apagar a chamma ardente.

LIX

Faz que se abráo do Ceo, que aguas encerra,
 As catadupas, como immensos rios,
 E que a face inundando-se da terra,
 Se affoguem bons, e máos, justos, e ímpios:
 Os elementos em desfeíta guerra
 Confundem-se em medonhos desafios;
 Cahe hũ mar desde o Ceo, e na mesma hora
 Manda a terra do centro outro mar fóra.

LII.

Já rota a margem, que nas brancas praias
 A's ondas posto tinha o Grão Sobrano,
 Passão as aguas das extremas raias,
 Onde se ajunta com o monte o plano:
 O peixe nadador nas altas faias
 No ninho está do aligero tucano:
 E em seios as balêas ver puderas,
 Covis dos Tigres, e antros de Pantheras.

LIII.

Hião em tanto os Homens miserandos
 De hum monte a outro por fugir das aguas,
 E sem destino algum bandos, e bandos
 Correndo gritão com piedosas magoas:
 E os Ceos deprecão, que os escutem brandos;
 Mas a ira de Tupá com justas fragoas
 Fulminando sentelhas, e coriscos,
 Faz maiores os damnos, do que os riscos.

LIV.

LIV.

Via-se em longa taboa mal segura
 Nadar sobr'agua a Mái desventurada;
 E tendo ao collo appensa a creatura,
 Ora he n'agua abatida, ora elevada
 Quem desde o alto das casas se pendura;
 Quem fábrica de lenhos a jangada;
 Qual da fome mortal horror concebe,
 E crê que he menos mal, se a morte bebe.

LV.

Tamandaré porém de Tupá amigo,
 Em quanto a grá procella horrivel soa,
 Salva o naufrago Mundo pelo abrigo,
 Que aos filhos procurou na grá canoa:
 E a barca por memoria do castigo
 Elevada deixou sobre a coroa
 Das altas ferras, que na fama claras,
 Tem nome semelhante ao das Araras. (16)

LVI.

Daqui por varias terras espalhados
 Os Homens foráo, que seus netos cremos;
 Huns que a fronte de nós deixou queimados,
 O claro Sol, q̄ nasce em seus extremos: (17)
 Outros, que habitáo climas apartados,
 Dessa cor branca, que em teu rosto vemos;
 Divididos do mar, por onde as proas
 Endireitáo a nós vóllas canoas.

LVII.

LVII.

Se fois de nós, se nós das vossas gentes,
 São cousas, que nós todos ignoramos;
 Pois do paterno chão sempre contentes,
 D'outras terras, e tempos não cuidamos:
 Mas vós, que os mares passeais ingentes,
 Podereis inferir, se os que aqui estamos,
 Depois que de hum Pai só todos nascemos,
 Com alguns entre vós nos parecemos.

LVIII.

Quã se em vós houve, ou ha qué affim trate; (18)
 Quem se governe affim, quem edifique,
 Ou quem com armas, como nos combate,
 Quem todo á caça, como nós se applique:
 Se ha quem devore os Homens, quando os mate;
 A quem o feroz vulto imberbe fique,
 Desde Tamandaré, que he Pai das gentes,
 Podemos crer que são nossos Parentes.

LIX.

Conserva-se n'hum Povo o antigo rito,
 Se o não altera o rito do estrangeiro;
 E sempre algum vestigio fica escrito
 Por Tradição do seculo primeiro.
 Vós sabereis, se a Historia tenha dito,
 Que houve tempo, em q̃o Múdo quasi inteiro,
 Sem sabermos huns d'outros se habitasse;
 E como nós erramos, tudo errasse.

LX.

Se os mares nunca d'antes navegados
 Discorrestes por climas differentes;
 Sabereis d'outros Homens separados,
 Descubertos talvez das vossas gentes:
 Que por estreitos, pôde ser, gelados,
 Transitáráo nos nossos Continentes:
 Vós direis, se Homens ha na roxa Aurora
 Nús, e pintados, como nós agora?

LXI.

E porque saibas mais nosso costume,
 Onde julgues melhor da antiga origem,
 Dirte-hei como, seguindo o impresso lume,
 As prudentes Nações cá se dirigem:
 Nem do vicio de muitas se presume
 Contra aquellas, que sabias se corrigem;
 Que tambem entre vós creio se escuta,
 Quem tendo boas leis, tem má conducta.

LXII.

De Tupá, que o trováo com fogo manda,
 Trememos, como vês, espavoridos;
 Mas quando vemos que a procella abranda,
 Ficáo os homens de Tupá esquecidos:
 E bem suspeito que nefs'outra banda
 Succeda assim, se o horror vem dos sentidos;
 E que entre vós tambem gente se veja,
 Que não temem Tupá, senáo troveja.

LXIII.

LXIII.

Quem o blasfeme, affronte, ou quem o chame
 A ser-lhe testemunha, quando mente,
 N'ũa se ouve entre nós cõ furia infame, (19)
 E fô de o imaginar se affombra a gente.
 He raro quem o adore, ou quem o ame;
 Mas mais raro será quem insolente
 Tenha do Summo Ser tão cêga incuria,
 Que trate o nome seu com tanta injuria.

LXIV.

De externo culto a Deos ha pouco indicio;
 Senão he no que estimas bruto engano
 De fazermos cruento sacrificio,
 Não do sangue brutal, porém do humano. (20)
 Vejo á luz da razão, que he feio vicio,
 Que ao instincto repugna por tyranno;
 Mas matar quem nos mais o crime atiga,
 Não he victima digna da Justiça?

LXV.

A Justiça do Ceo reconhecemos
 Contra quem delinquente a profanasse;
 Pondo supplicios contra os máos extremos,
 E em justo sacrificio a pena dá-se.
 O malfeitor, o réo, quando o prendemos,
 Com sacro rito a cerimonia faz-se:
 Que quem no sangue impio a Deos vindica,
 Este o aplaca sómente, e sacrifica. (21)

LXVI.

A fórma do governo por abuso
 Anarquico entre nós sem lei se offrece;
 Mas nos que fazem da razão bom uso,
 Justa Legislação reinar parece:
 Nem nos tomes por Povo tão confuso,
 Que hum público poder não conhecesse;
 Ha Senado entre nós sabio, e prudente, (22)
 A quem o Nobre cede, e a humilde gente.

LXVII.

Vagamos sempre, e nunca hum firme assento
 Nos deixão ter da caça os exercicios:
 Buscamos nella os proprios alimentos,
 E habitamos onde a ha, ou della indicios:
 E estes são de ordinario os fundamentos
 De occupar-nos em bellicos officios:
 Verás as gentes em continuo choque
 Sobre a quem o terreno, ou praia toque.

LXVIII.

Em varias castas, e Nações diversas
 Dividido o Sertão vagar costuma;
 E bem que vagabundas, e dispersas,
 Confederão-se as Tabas de cada huma: (23)
 Em guerra, e paz, e em sedições perversas
 Ao Patrio nome não se nega alguma;
 E se o Senado o quer, por justos modos
 Põem-se todos em paz, e armão-se todos.

LXIX.

São nos Senados membros, e cabeças
 Os Velhos Sabios, Capitães valentes;
 Os que tem soccorrido em grandes pressas
 Com conselhos á Patria mais prudentes:
 Destes as ordens dimanando expressas,
 Hum só se não verá nas nossas gentes,
 Que rompa, não cedendo a Potestade,
 Este laço da humana sociedade.

LXX.

Destes huns da Suprema Divindade
 Ministros são, que nos festivos dias, (24)
 Fazendo-se qualquer solemidade,
 O Povo exhortáo com lembranças piás:
 Hontáo cantando a eterna Magestade,
 Com sons, que para nós são melodias:
 Coufas, que se Anhangá corrompeo tanto,
 Vê-se que nascem de Principio Santo.

LXXI.

Estes Chefes do culto venerando
 Mantem-nos a oblação do Povo crente:
 São Mestres santos, e por nós orando,
 O lume da razão mostra evidente,
 Que em tão sublime officio ministrando,
 Tem direito a que o Público os sustente:
 Pois nelles he mais justo que a lei valha
 De comer cada hum donde trabalha.

LXXII.

LXXII.

Punimos o homicidio : quem mutila ,
 Quem bate , ou fere , não evita a pena ?
 A sentença elle a dá. Deve subila (25)
 Qual foi a culpa , com justiça plena :
 Quem matou , morrer deve : assim se estila
 Por Lei Sagrada , que a Equidade ordena :
 Quem cortou pé , ou mão , braço , ou cabeça ,
 No pé , no braço , e mão tanto padeça .

LXXIII.

A fé do matrimonio bem declara , (26)
 Que o vago amor a Lei offenderia ,
 Se se pudera usar sem que hum casara ,
 Quem he que neste Mundo casaria ?
 Deve morrer quem quer que adulterára ;
 Sem isso quem seu Pai conheceria ?
 E o que extermina a Patria Potestade ,
 Quem não vê que repugna a Humanidade .

LXXIV.

Quem Pai , ou Mãe conhece com incesto ,
 Ou quem corrompe a Irmã , padece a morte :
 Nos officios dos Pais he manifesto , (27)
 Que confusão nascêra desta sorte :
 Ser a filha mulher , não fora honesto ,
 Dominando em seu Pai , como consorte :
 Se o Irmão no Matrimonio á Irmã seguir ,
 Sempre o Genero Humano mal se unira .

LXXV.

Deve a humana geral sociedade,
 Para gozar da paz com doce laço,
 Vincular dos mortaes a variedade (28)
 De hum conforcio feliz no caro abraço:
 Deo-nos o Ceo por órgão da amizade,
 Deo-nos como outra mão, como outro braço
 A conforto, em que o amor com fé se excite;
 Não por pasto brutal de hum appetite.

LXXVI.

E houvera sem prizão, que he tão suave,
 Dominando entre os homens desde o Averno
 A discordia cruel, e a inveja grave,
 A conter-se o hymeneo no amor fraterno:
 Nasce do amor a paz; o amor he a chave,
 He o doce grilhão, vinculo eterno,
 Que se o vil interesse algum defune,
 Os peitos abte, e os corações nos une.

LXXVII.

Movidos deste fim por são costume
 Julgarão nossos Pais na antiga idade,
 Que se offende na incesto o impresso lume,
 Como contrario á paz da sociedade:
 E se do Ceo preside o Santo Nume,
 Ao socego da triste Humanidade;
 Quem duvida que estime pouco honesto
 Conhecer-se os Irmãos com feio incesto?

LXXVIII.

Entre nós quem elege a Esposa amada,
 Pedra ao Pai, ou Parente; e sem pedilla,
 Não se julgára a lêmea desposada,
 Por deixar a familia assim tranquilla:
 Que se orfã fosse acaso abandonada,
 Só pertence ao vizinho o permitilla;
 E convindo ou seu Pai, ou seu Parente,
 He sem mais matrimonio de presente.

LXXIX.

Furto entre nós não ha: de que ha de havello?
 O que ha, come-se logo; e sem que o enfade,
 Hum tira d'outro o que acha, por comello;
 E anda ao pé da pobreza a caridade:
 A calúmnia, a traição, o amargo zelo
 Tem por pena a commua inimizade:
 Nem ha, se o entendo bem, maior castigo,
 Que o Mundo todo ter por inimigo.

LXXX.

Outra Lei depois desta he fama antiga,
 Que observada já foi das nossas gentes;
 Mas ignoramos hoje a que ella obriga,
 Porque os nossos Maiores pouco crenes,
 Achando-a de seus vicios inimiga,
 Recusarão guardalla, mal contentes:
 Mas na memoria o tempo não acaba,
 Que a prégára Sumé Santo Imboaba. (29)

LXXXI.

LXXXI.

Homem foi de semblante reverendo,
 Branco de côr, e como tu, barbado,
 Que desde donde o Sol nos vem nascendo,
 De hum Filho de Tupá vinha mandado:
 A pé sem se affundar (caso estupendo!)
 Por esse vasto mar tinha chegado;
 E na santa doutrina, que ensinava,
 Ao caminho dos Ceos todos chamava.

LXXXII.

Com grande mágoa ignora-se o que disse;
 Mas não se ignora, que da santa boca
 Hum conselho utilissimo se ouviu
 De plantar, e moer a mandioca:
 Que havia de tornar, tambem predisse,
 Desde o Ceo, a que amigo nos convoca,
 E na Terra, ou no Ceo, que elle estivera,
 Eu o iria a encontrar, se elle não viera.

LXXXIII.

Contão que quando aos nossos cá prégava,
 Poder mostrára tal nos Elementos,
 Que ás ondas punha lei, se o Mar se irava,
 E de hum aceno só domava os ventos:
 Os matos se lhe abrião, quando entrava,
 E os Tigres feros a seus pés attentos;
 Parecião ouvir, como a outra gente,
 Festejando-o co'a cauda brandamente.

LXXXIV.

LXXXIV.

As aguas donde quer, em rio, ou lago,
 Se as chegava a tocar com pé ligeiro,
 Não parecião do elemento vago,
 Mas pedra dura, ou sólido terreiro:
 Só com chamar seu nome, cessa o estrago,
 Se o furacão com horrído choveiro,
 Quando na nuvem negra se levanta,
 Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

LXXXV.

Porém negando ás prégações o ouvido,
 Vinha o Caboclo do Sertão mais bruto
 Contra o justo Sumé de Deos querido
 A matallo, e comello resolutio:
 Pudéra elle fazer, sendo offendido,
 Que elles colhessem da cegueira o fruto;
 Mas pede só prostrado a Deos que o croe,
 E que a ignorancia aos miseros perdoe.

LXXXVI.

Os féros pois na furia contumazes
 Tomão as fréchas, e bramindo atirão;
 (Mas quanto pelos teus, Tupá, não fazes!)
 Contra quem atirou pelo ar se virão:
 E nem assim se mostrão mais capazes
 Dos annuncios de paz, que em tanto ouvirão,
 Deixa-os Sumé, e hum rio aborda cheio,
 E só com pôr-lhe hum pé, partio-o ao meio.

LXXXVII.

LXXXVII.

Contão (e a vista faz que a gente os crea)
 Que onde as correntes d'agoa arfebatadas,
 Se vão bordando com a branca arêa,
 Ficarão de seus pés quatro pégadas:
 Vem-se claras, patentes, sem que a vêa
 As tenha d'agua no seu ser mudadas:
 E enxerga-se mui bem sobre os penedos
 Toda a forma do pé com planta, e dedos.

LXXXVIII.

Affim Gupeva concludio, dizendo,
 Nem mais tempo ao discurso haver podia
 Por aviso, que os campos vem batendo
 Turba inimiga em vasta companhia:
 A's armas, grita, ás armas, e o eco horrendo,
 Retumbando nas arvores sombrias
 Fez que as mãis, escutando os murmurinhos,
 Apertassem no peito os seus filhinhos.

LXXXIX.

Não te espantes, diz Diogo; não alteres
 A paz dentro as cabanas bellicosas;
 Em quanto novas certas não souberes,
 Basta pôr guardas nos confins forçosas:
 De noite não te empenhes, se temeres
 Que te invadão com tropas numerosas,
 Põe-te na defensiva; e bem que freme,
 Quem te busca de noite, he quem te teme.

XC.

Quanto mais que o trovão nas mãos preparo
 Contra teus inimigos neste affogo;
 Nem duvides que logo que o disparo,
 Tudo em chammas não vá, tudo arda em fogo:
 Disse, e ao favor sahio de hum luar claro,
 Disparando o mosquete em marcio jogo;
 E em quanto atira, todo o bosque atroa
 Pelo horror da bozina, com que soa.

XCI.

Qual dos monos talvez tropa nojosa
 Sahio do interior mato em negro bando;
 E se a frécha hum derriba, vai medrosa
 Em fuga pelas arvores saltando:
 Tal ouvindo a bozina pavorosa,
 E o arcabuz com trovão relampagueando,
 Correm, cahem, despenhão-se na estima
 De que o Ceo todo lhe cahia em cima.

(1) *Legiões do Averno.* He constante o conhecimento que tem os Barbaros da America dos espiritos infernaes. De quem o aprenderão? Quem lhes inspirou estes sentimentos? Respondão os Materialistas, e Libertinos? Como era possível que concordassem com as outras gentes estas Nações feridas, e sem algum commercio? Como era factível que conservassem depois de tantos seculos tão clara noção de espiritos separados?

(2) *Hum Deos.* He injúria que se faz por alguns Authores aos Brazilienses, suppondo-os sem conhecimento de Deo, Lei, e Rei. Elles tem a voz *Tupá* com especial significação de hum Ente Supremo, como sabemos dos Missionarios, e dos peritos dos seus Idiomas.

(3) *Mas se antevisse.* Não admittimos em Deos sciencia condicionada, e exploratoria; mas he certo que com determinado conhecimento conhece nos objectos as suas condições, e que na execução ao menos priva da sua Graça alguns, que antevê que abusarão livremente della.

(4) *Espirito immortal.* Os Barbaros Americanos tem distincta idéa da Immortalidade da alma, do Paraíso, do Inferno, da Lei, &c. Veja-se o Martiniere, Ozorio *de rebus Emmanuelis*, e outros. Grande argumento contra os Libertinos, e Materialistas. Pois quem lhes transfundio estes conhecimentos, serão a antiga Tradição dos tempos Diluvianos, e a harmonia, que estas Tradições tem com a natureza?

(5) *Laço eterno.* A verdade, e indelevel impressão que della sentimos no espirito, he hum grande argumento da Immortalidade, a que recorrerão maior-

men-

mente Platão, Santo Agostinho, &c. Convençe-se dos costumes, e ritos dos Brazilieſes a antiga perſuaſão, que tem da Immortalidade da alma.

(6) *Providencia.* O argumento da pena, e castigo, que se deve aos injustos, e do premio, que se concede aos bons, he prova innegavel da Immortalidade da alma, supposta a Divina Providencia, porque vemos morrer sem premio a piedade de muitos, e sem castigo a injustiça.

(7) *Destino.* He esta a invencivel, e universal prova de ser mortal a alma do bruto; porque por experiencia, e pela sua organização vemos que tem hum fim limitado, temporal, e ordenado a servir o Homem na vida mortal. Tudo ao contrario o Homem mesmo.

(8) *E se immortal nascera.* A Immortalidade por natureza, e essencia he privilegio da Divindade. Adão nasceo immortal por graça.

(9) *Canções.* Sei que Martiniere affirma não ter ouvido nas Canções Brazilieſes indicios de Religião. Mas supponho bem que não veria todas; e creio que seja impossivel terem elles conservado as Tradições, que o mesmo Author confessa, sem este, ou igual meio.

(10) *Que nos decreta.* Todos estes ritos, que subsistem nos Americanos, convencem que as almas sobrevivem aos corpos, e que são por tanto immortaes.

(11) *Tamandaré.* Noé, segundo as noções do Diluvio, que depois veremos.

(12) *Montanhas.* Crem os Brazilieſes que no meio das montanhas, que dividem o Brazil do Perú,

há valles profundíssimos, aonde são punidos os ímpios. Idéa expressa do Inferno, em que concordão com todas as gentes, e dão claro final nesta persuasão de saberein-no por Tradição original dos primeiros, que povoárão a America. Não pôde haver argumento mais convincente para lencher de confusão os Deistas, Libertinos, e Materialistas. Huma Tradição tão antiga, tão firme nestes barbaros, he ella huma invenção por ventura de alguns homens supersticiosos, e impostores das nações d'Asia, (ou da nossa Europa?

(13) *Além da grã montanha.* Os Barbaros crem que haja lugar destinado para premio dos bons, e collocão-no além das montanhas do Perú.

(14) *Huma ave.* Persuadem-se os Brazilenses haver huma ave, que chamão Colibri, a qual leva, e traz noticia do outro Mundo. Argumento innegavel da sua crença sobre a Immortalidade da alma.

(15) *Memoria.* Não tem os Indigenas do Brazil idéa da Creação, mas só de Noé, e do Diluvio, e mui confusa dos homens ante-diluvianos. Tudo argumento para convencer os Incredulos da Historia Sagrada, e do Diluvio universal nella referido. Veja-se Sebastião da Rocha Pitta, e Francisco de Brito Freire na Historia Brazilica.

(16) *Araras.* Entende o Poeta os montes Ararat, onde ficou a Arca.

(17) *O claro Sol.* Entende os Africanos, que ficão ao Orientê da America.

(18) *Que se em vós houve.* A maior parte destes Sinaes se achão nos Tartaros da Coréa, e em outros Salvagens fronteiros a California. Nem duvidamos

mos que estes, gelando-se alli os mares, passassem ao continente da America pela parte mais Septentrional.

(19) *Nunca se ouve.* O juramento, blasfemia, e imprecação são vícios ignorados entre os nossos salvagens; e raríffimos entre os Tartaros.

(20) *Do humano.* Não ha indício de Sacrificio nos Indigenas Brazilienfes; mas sendo as victimas humanas praticadas no Mexico, Perú, e em outras Nações da America, persuadimo-nos, que a solemnidade dos homicídios nos habitantes do Sertão he hum vestigio dos Sacrificios costumados entre os mais Americanos.

(21) *Sacrificia.* O Sacrificio he com effeito huma destruição da victima, e, como expiatorio, satisfazia á justiça com o sangue.

(22) *Ha Senado.* Todos os que escrevem os costumes dos Brazilianos, confessão, que presidem ao seu governo os Anciãos, e os Principes das Tabas, ou Aldéas; e que outra coisa he o Senado.

(23) *Tabas.* Assim chamão os Brazilienfes ás suas Aldéas. Veja-se o Diccionario da Grammatica, e lingua Brazilica na voz *Taba*.

(24) *Ministros são.* Especie de Sacerdocio nos Brazilianos; e consta que os Póvos concorrem para o seu sustento com offertas.

(25) *A sentença elle a dá.* Os Authores da Historia Brazilica descobrem nos Barbaros do Sertão a Lei célebre de Talião. Da mesma sorte lhes attribuem Leis para punir o adulterio, e o incesto em primeiro, e segundo gráo.

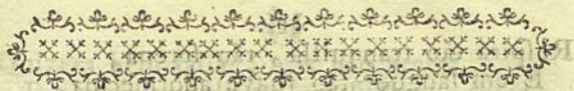
(26) *A fé do matrimonio.* Martiniere affirma que

os Brasileenses Celibes não guardão alguma honestidade. Será dissolução da gente bárbara; mas a constante Tradição de conjugarem-se em matrimonio he argumento, de que repugna aos seus costumes a Venus vaga, e sem freio.

(27) *Nos officios dos Pais.* He a razão sufficiente por onde se faz illicito o incesto. Repugna á Patria Potestade servir á Esposa, e entregar-lhe o poder sobre o seu corpo, sendo ella sua Filha; isto he, inteiramente sujeita ao seu dominio.

(28) *Dos mortaes a variedade.* Razão sufficiente, por onde repugna aos Direitos da Sociedade o incesto em segundo gráo. Impediria o commercio, e confederação do Genero Humano o restringirem-se os matrimonios aos irmãos; e naturalmente se restringirão pela occasião, se fossem licitos.

(29) *Sumé.* O Padre Nobrega, primeiro, e insigne Missionario do Brazil, refere quanto aqui dizemos do Apostolo S. Thomé. Veja-se o Padre Antonio Franco na *Imagem da Virtude*, escrevendo a vida do mesmo Nobrega.



CANTO IV.

E Ra o Invasor nocturno hum Chefe errante,
 Terror do Sertão vasto, e da marinha,
 Principe dos Caetés, Nação possante,
 Que do Grão Jararaca o nome tinha:
 Este de Paraguaçu perdido amante,
 Com ciúmes da donzella, ardendo vinha:
 Impeto que á razão, batendo as azas,
 Apaga o claro lume, e accende as brazas.

II.

Dormindo estava Praguaçu formosa,
 Onde hum claro ribeiro á sombra corre;
 Languida está, como ella, a branca rosa,
 E nas plantas com calma o vigor morre:
 Mas buscando a frescura deleitosa
 De hum grão maracujá, que alli discorre,
 Recostava-se a bella sobre hum posto,
 Que encobrando-lhe o mais, descobre o rosto.

III.

III.

Respira tão tranquilla, tão serena,
 E em languor tão suave adormecida,
 Como quem livre de temor, ou pena,
 Repouza, dando pausa á doce vida:
 Alli passar a ardente festa ordena,
 O bravo Jararaca a quem convida,
 A frescura do sitio, e sombra amada,
 E dentro d'agua a imagem da latada.

IV.

No diafano reflexo da onda pura
 Avistou dentro d'agua buliçosa,
 Tremulando a bellissima figura,
 Pasma; nem cre que imagem tão formosa
 Seja cópia de humana Creatura;
 E remirando a face prodigiosa,
 Olha de hum lado, e d'outro, e busca attento,
 Quem seja Original deste portento.

V.

Em quanto tudo explora com cuidado,
 Vai dar co's olhos na gentil donzella;
 Fica sem uso d'alma arrebatado,
 Que toda quanta tem se occupa em vella:
 Ambos fóra de si, desacordado
 Elle mais, de observar cousa tão bella,
 Ella absorta no somno, em que pegára,
 Elle encantado a contemplar-lhe a cara.

VI.

Quizera bem fallar, mas não acerta,
 Por mais que dentro em si fazia estudo:
 Ella de hum seu suspiro olhou, desperta;
 Elle daquelle olhar ficou mais mudo:
 Levanta-se a donzella mal cuberta;
 Tomando a rama por modesto escudo;
 Poz-lhe os olhos entáo, porém tão fêra,
 Como nunca a belleza ser pudêra.

VII.

Voa, não corre pelo denso mato
 A buscar na cabana o seu retiro;
 E indo elle a suspirar, vê que n'hum acto,
 Em meio ella fugio do seu suspiro:
 Nem torna o triste a si por longo trato,
 Até que dando á magoa algum respiro,
 Por saber donde habite, ou quem seja ella,
 Seguiu, voando, os passos da donzella.

VIII.

De Taparica hum Principe possante,
 Que domina, e dá nome á fertil Ilha,
 Veio em breve a saber o cégo amante
 Ter nascido a formosa maravilha:
 Pedio-lha Jararaca, vendo diante,
 Ao lado de seus Pais, a bella filha:
 Convem todos; mas ella não consente,
 Porque a mais aguardava o Ceo potente.

IX.

Ardendo, parte o bravo Jararaca
 D'anfia, de dor, de raiya, de despeito;
 E quanto encontra, embravecido ataca
 Com sombras na razão, fúrias no peito:
 E vendo a chamma, o Pai, que não se aplaca,
 Por dar-lhe Esposo de maior conceito,
 Por Conforte Gupeva lhe destina,
 Com quem no sangue, e estado mais confina.

X.

Logo que por cem bocas vaga a fama
 Do Esposo eleito a condição divulga,
 Irado o Gaeté, raivando brama;
 Arma todo o Sertão, guerra promulga,
 Tudo accendendo em bellicosa chamma,
 Investir por surpresa astuto julga,
 Com que a causa da guerra se conclua,
 Ficando Praguaçu ou morta, ou sua.

XI.

Mas sendo de improviso em terror posto,
 E ouvindo do arcabuz a fama, e effeito,
 Não permite que o fusto affome ao rosto;
 Mas reprime o temor dentro em seu peito:
 Convoca hum campo das Nações composto,
 Com quem tinha alliança em guerra feito;
 E excitando na plebe a voraz fanha,
 Cobre de Legiões toda a campanha.

XII.

Em seis brigadas da vanguarda armados,
 Trinta mil Caetés vinhão raivosos, (1)
 Com mil talhos horrendos deformados,
 No nariz, face, e boca monstruosos:
 Cuidava a bruta gente que espantados
 Todos de vellos, fugirão medrosos;
 Feios como Demonios nos accenos,
 Que certo se o não são, são pouco menos.

XIII.

Da gente fêra, e do brutal commando
 Capitão Jararaca eleito veio;
 Porque na catadura, e gesto infando
 Entre outros mil horrendos he o mais feio;
 Que huma horriavel figurá peleijando,
 He nos seus bravos militar aceio;
 E traz entre elles gala de valente,
 Quem só co' a cara faz fugir a gente.

XIV.

Dez mil a negra côr trazem no aspecto,
 Tinta de escura noite a fronte impura;
 Negreja-lhe na testa hum cinto preto,
 Negras as armas são, negra a figura.
 São os feros Margates, em que Alecto
 O Averno pinta sobre a sombra escura;
 Por timbre nacional cada pessoa
 Rapa no meio do cabello a coroa.

XV.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
 Guia o bruto Elquadrão da crua gente;
 Cupaiba, que os miseros que abraça,
 Devora vivos na batalha ardente:
 A' roda do pescoço hum fio enlaça,
 Onde, de quantos come, enfia hum dente;
 Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
 Que he já mais que cordão longo vestido.

XVI.

Urubú, monstro horrendo, e cabelludo,
 Vinte mil Ovecates fero doma; (2)
 Por toda a parte lhe encubria tudo
 Com terrivel figura a hirsuta coma:
 Monstro disforme, horrendo, alto, e membru-
 Que a imagem do Leão rugindo toma, (do,
 Tão feio, tão horrivel por extremo,
 Que he formoso a par delle hum Polyfemo.

XVII.

Fogem todo o commercio da mais gente;
 Ou se se vissem a tratar forçados,
 Que lhe possão chegar nenhum consente,
 Senão trinta, ou mais passos apartados:
 Se alguns se chegão mais, por imprudentes,
 Como Leões, ou Tigres esfaimados,
 Mordendo investem os que incautos forão,
 E a carne crua, crua lhe devorão.

XVIII.

Sambambaia outra turma conduzia,
 Que as aves no fréchar tão certa vexa,
 Que nem voando pela etherea via
 Lhe erravão tiro da volante frécha:
 Era de pluma o manto, que o cubria;
 De pluma hum cinto, que ao redor se fecha;
 E até grudando as plumas pela cara,
 Nova especie de monstro excogitára.

XIX.

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
 Que em cultivar mandioca exercitada,
 Não menos util he na agricultura,
 Que valente em batalhas com a espada:
 Tomarão estes, como proprio cura,
 De viveres prover a gente armada;
 Quaes torravão o Aipí; quem mandiocas; (3)
 Outros na cinza as candidas pipocas.

XX.

O bom Sergipe aos mais confederado
 Comfigo conduzia os Petiguares;
 Que havendo pouco d'antes triunfado,
 Tem do dente inimigo amplos collares:
 Seguem seu nome em guerras decantado
 De gentes valerosas dez milhares,
 Que do ferreo madeiro usando o estoque;
 Disparavão com balas o bodoque.

XXI.

Nem tu faltaste alli, Grão Pecicavá,
 Guiando o Carijo das aureas terras;
 Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
 Nas margens do teu rio desenterras:
 Torrão, que do seu ouro se nomeava,
 Por crear do mais fino ao pé das ferras;
 Mas que feito em fim baixo, e mal prezado,
 O nome teve de ouro inficionado. (4)

XXII.

Muitos destes he fama que trazião
 Desde alto cerro, que habitavão d'antes,
 Com pedras, que nos beiços embotião
 Formosos, e bellissimos diamantes:
 Outros aureos topasios lhe ingerião;
 Alguns safiras, e rubins flammantes;
 Pedras, que elles desprezão, nós amamos:
 Nem direi quaes de nós nos enganamos.

XXIII.

O feroz Sabará move animoso
 Dos de Agirapiranga seis mil arcos;
 Homens de peito em armas valeroso,
 Que de fangue em batalhas náda parcós,
 Deixarão seu terreno deleitoso,
 Por matos densos, pantanosos charcos;
 E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,
 Passarão desde o mar ás minas do ouro.

XXIV.

XXIV.

Seguia-se nas forças tão robusto,
 Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,
 Hum, que com fogo sobre o torpe busto
 Dous Tigres esculpíra combatendo:
 Este he o bravo Tatú, que enche de fusto (5)
 Tudo, c'ò Grão Tacape accommettendo:
 E que mil cutiladas dando espessas,
 Derriba troncos, braços, e cabeças.

XXV.

Debaixo do seu mando em dez fileiras
 Doze mil Itatis formados hião;
 Surdos, porque habitando as cachoeiras,
 Com o grão rumor d'agua enfurdecião?
 Pendem os seus marraques por bandeiras (6)
 De longas astes, que pelo ar batião,
 Supprindo nos inconditos rumores
 O ruido dos bellicos tambores.

XXVI.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
 Que no horror da figura assombra tudo,
 Trazem por armas huma massa ingente,
 Tendo de duro lenho hum forte escudo:
 Frechas, e arco no braço armipotente;
 Nas mãos hum dardo de páo santo agudo;
 Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias,
 Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

XXVII.

XXVII.

Quarenta mil de côr todos vermelha,
 Conduz ao campo o forte Sapucaia:
 Dez mil que tem furada a longa orelha,
 São Amazonas de feminea laia:
 He o amor conjugal que lhe aconselha
 A descer dos Sertões á vasta praia,
 Por achar-se nos lances mais temidos,
 Ao lado sem temor dos seus maridos.

XXVIII.

Brava matrona de córagem cheia,
 A quem o marcio jogo não perturba,
 Na fórmula bella, mas por arte feia,
 Vai commandando na feminea turba:
 Derão-lhe o nome os seus da Grã Baleia;
 Nome, que ouvido os barbaros disturba;
 De namorados huns, que a tem por bella;
 Mas outros com mais causa por temella.

XXIX.

Ouve-se rouco som, que o ouvido atroa,
 Retumbando com éco a voz horrenda
 De hum grosseiro instrumento, q̃ a arma soa,
 Com que se inflamma entre elles a contenda:
 E quando o horrivel som mais desentoa,
 Faz que no peito mais furor se accenda;
 De retrocidos páos são as cornetas;
 De ossos humanos frautas, e trombetas.

XXX.

Com batalhões a espaços separados
 Triplicado cordão se vê composto ;
 E em silencio admiravel ordenados ,
 Ao redor vão do outeiro em meio posto ;
 Costuma hum Orador fallar-lhe a brados ,
 E ardendo-lhe mil furias sobre o rosto ,
 O ar co-a espada furibundo corta ,
 E a combater valente a turba exhorta .

XXXI.

Jararaca no mando então primeiro ,
 Ao Sacro , e Civil rito presidia ,
 E no mais alto do sublime outeiro
 Entre hum Senado ancião se distinguia :
 Aos outros na estatura sobranceiro
 A's costas de hum Tapuia , que o trazia ,
 De hum lado a outro magestoso corre ,
 E com geral silencio assim discorre .

XXXII.

Paiaias generosos , hoje he o dia ,
 Que aos vindouros devemos mais honrado ;
 Em que mostreis que a vossa valentia
 Não receia o trovão , subjuga o fado :
 Sabeis que de Gupeva a cobardia
 Por Filho do trovão tem acclamado ,
 Hum Imboaba , que do mar viera , (7)
 Por hum pouco de fogo que accendêra .

XXXIII.

XXXIII.

Prostrado o vil aos pés d'esse Estrangeiro,
 Rende as armas com fuga vergonhosa,
 E corre voz que o adora lisongeiro;
 E até lhe cede com o sceptra a Esposa:
 E que pôde nascer do erro grosseiro,
 Senão que em companhia numerosa
 As nossas gentes o Estrangeiro aterre,
 E que a huns nos devore, outros desterre?

XXXIV.

Se o Sacro ardor, que ferve no meu peito,
 Não me deixa enganar, vereis que hum dia
 (Vivendo esse impostor) por seu respeito
 Se enchêra de Imboabas a Bahia:
 Pagaráo os Tupis o infano feito,
 E vereis entre a bellica porfia
 Tomar-lhe esses estranhos já vizinhos,
 Escravas as mulheres c'os filhinhos.

XXXV.

Vereis as nossas gentes desterradas
 Entre os Tigres viver no Sertão fundo,
 Cativa a plebe, as Tabas arrombadas;
 Levando para além do mar profundo
 Nossos filhos, e filhas desgraçadas;
 Ou quando as deixem cá no nosso Mundo,
 Poderemos soffrer Paiaias bravos,
 Ver filhos, mãis, e pais feitos escravos?

XXXVI.

XXXVI.

Mas teme o seu trovão : e tanto opprime
 O medo áquelle vil , que não pondera
 Que por esse trovão , que não reprime,
 Ha de ver cheia de trovões a estera?
 Que grande mal será , se o raio imprime?
 Se o Mundo por hum raio se perdêra,
 Suísto pudera ter , cobrar espanto :
 Porém morre de medo , que he outro tanto.

XXXVII.

Eu só , eu proprio no geral desfmaio
 Ao relampago irei sem mais socorro ;
 E quando elle dispare o falso raio ,
 Ou descubro a impostura , ou forte morro :
 Será de nigromancia hum torpe ensaio ,
 Com que o astuto pretende , ao que discorro ,
 Fazer que a nossa tropa desfalleça ,
 Antes que a causa do terror conheça.

XXXVIII.

Que se for (que o não creio) o ettrondo infandô
 Do sublime Tupá triste ameaça ,
 Fará como costuma , trovejando ,
 Que matando hũ , ou outro a mais não passa :
 Se eu vir que o raio horrivel vai vibrando ,
 A hum homem como eu , nada embaraça :
 Se for mortal quem causa tanto aballo ,
 Por meio ao proprio raio irei matallo.

XXXIX.

XXXIX.

Sú, valentes; sú, bravos companheiros,
 Tomai córagem: que será no extremo?
 Embora seja hum raio verdadeiro:
 Senão he Deos que o lança, eu nada temo.
 Seja quem quer que for o aúthor primeiro,
 Como não seja o Creador Supremo,
 Não ha forças creadas que nos domem;
 Que sobre tudo o mais domina o Homem.

XL.

Disse o Gráo Chefe assim, e entre os furores,
 Com a mão, que já tinha levantada,
 Bate na espada aos Principes maiores,
 E dá-lhes *Orsó* dizendo, huma palmada: (8)
 Huns nos outros as derão não menores,
 Que assim se incita a multidão armada:
 Vinguemo-nos, (gritando) companheiros,
 Bem que forão seus raios verdadeiros.

XLI.

Jararaca depois (que he Sacro Rito)
 Lança furioso as mãos a quanto abrange;
 E abrindo a enorme boca em fero grito,
 E espuma, e freme, e ruge, e os dentes range;
 Como do mal Herculeo o enfermo afflicto
 A convulsão a retrocer constrange:
 Depois fallando aos Principes, bafeja,
 E o espirito de força lhe deseja.

XLII.

Ceremonia esta foi do patrio uso,
 Vestigio nacional da antiga idade;
 Que acafo corrompeo magico abuso,
 Tendo talvez principio na piedade:
 Retumba do marraque o som confuso;
 E pondo em alto o seu, com gravidade,
 A' insignia, no chão tudo se inclina,
 Como a final de cousa mais Divina. (9)

XLIII.

Corresponde o belligero instrumento
 Da feral frauta ao barbaro marraque;
 E promulgando a marcha áquelle accento,
 Tudo em ordem se poz ao fero ataque:
 Marchão contra Gupeva, com intento
 De metter nas cabanas tudo a saque;
 E porque tudo assobrem com terrores,
 Rompem o ar com bellicos clamores.

XLIV.

Em tanto no arraial do bom Gupeva,
 Sendo a invasão nocturna rechaçada,
 Convocão-se reclutas, fazem leva
 De Tropa nacional, e da alliada.
 Em quanto Diogo, a quem a acção releva,
 Toma na gruta a polvora guardada,
 E em varios fogos, que arrojou volantes,
 Imita o raio em bombas fulminantes.

XLV.

XLV.

Era a Bahia então, donde imperava
 O bom Gupeva, povoada em roda,
 Pelos Tupinambás, de quem contava
 Trinta mil arcos, brava gente toda:
 Taparica seis mil valente armava;
 E por cumprir-se a promettida boda,
 Mil Amazonas mais á guerra manda:
 Paraguaçu gentii todas commanda.

XLVI.

Paraguaçu, que de Diogo Esposa
 (Porque mais Jararaca se confunda)
 Hia a seu lado a combater briosa,
 Nem teme a multidão, que o campo inunda:
 Usa com ella a Tropa bellicosa
 Da vulgar setta, do bodoque, e funda;
 Leva a Amazona hum rigido colete,
 E co'a espada de ferro o capacete.

XLVII.

Com estas forças fô (que mais recusa)
 Sahe Diogo á campanha guarnecido,
 Nem soffre a fôrma do marchar confusa;
 Mas tudo tem com ordem repartido:
 Outro corpo maior de que não usa
 Deixa em guarda das Tabas prevenido;
 Tupinaquis, Viatanos, Poquiguaras, (10)
 Tumimvis, Tamvias, Canucajaras.

XLVIII.

Não mais de duas leguas adiantando,
 O arraial se alojava de Diogo;
 Quando o ardente Planeta vai queimando
 A torrida região com vivo fogo;
 E em quanto espira no ar Zefyro brando,
 Buscando n'hum sombra o desaffogo,
 Medita a grande acção, mede o perigo,
 Nem despreza por barbaro o inimigo.

XLIX.

Vê bem que espanto causa a invenção nova;
 Mas que o tempo consome a novidade;
 Tem sim hum peito d'aço feito á prova;
 Mas vendo do inimigo a immensidade,
 Por mais que balas o mosquete choya,
 Recõhece em vencer difficuldade;
 Tendo notado já na brura gente,
 Que era tão contumaz, como valente.

L.

Pensava assim com reflexão madura,
 Quando á roda do outeiro divisava
 Densa nuvem de pó, que em sombra escura
 A multidão confusa levantava:
 Não cessa hum ponto mais: tudo assegura,
 E sem temer a turba que observava,
 Marcha a ganhar o alto; e posto á frente,
 Deo á Tropa em cordão por centro o monte.

LII.

Já se avistava o barbaro tumulto
 Das inimigas Tropas em redondo ;
 E antes que emprendão o primeiro insulto ,
 Levanta-se o infernal medonho estrondo :
 Os marraques , uapis , e o brado inculto (II)
 Todos hum só rumor , juntos compondo ,
 Fazem tamanha bulha na esplanada ,
 Como faz na tormenta huma trovoadá.

LII.

Tu , rápido Pagé , foste o primeiro ,
 De quem o negro sangue o campo inunda ;
 Que com seres no salto o mais ligeiro ,
 Mais ligeira te colhe a cruel funda :
 Paraguaçu lh'atira desde o outeiro ;
 Chovem as pedras , de que o monte abunda ;
 E do lado , e de cima do cabeça ,
 Tudo abatem com tiros de arremeço.

LIII.

Não ficou no combate em tanto ociosa
 A frécha do inimigo , que o ar encobre ;
 Começa Jararaca a acção furiosa ,
 Dando estímulo ousado ao valor nobre :
 E a turba de Diogo receosa
 Foge do Grão Tacápe , onde o descobre :
 Que tanto estrago faz , que qualquer fera
 Maior entre cordeiros não fizera.

LIV.

Mas quando tudo com terror fugia,
 O bravo Jacaré de lhe pôe diante:
 Jacaré, que se os Tigres combatia,
 Tigre não ha, que lhe estivesse avante.
 Treme de Jararaca a companhia,
 Vendo a fórma do barbaro arrogante,
 Que com pele cuberto de panthera,
 Ruge com mais furor, que a propria fera.

LV.

Avista-se hum co' outro: a massa ardente
 Deixão cahir com barbaro alarido;
 Corresponde o clamor da bruta gente,
 E treme a terra em roda do mugido:
 Aparou Jacaré no escudo ingente
 Hum duro golpe, que o deixou partido;
 E em quanto Jararaca se desvia,
 Quebra a massa no chão, com que o batia.

LVI.

Nem mais espera o Caeté furioso,
 E qual Onça no ar, quando destaca,
 Arroja-se ao contrario impetuoso,
 E hum sob' outro co' as mãos peleja ataca:
 Não pôde discernir-se o mais forçoso,
 E sem mover-se em torno a gente fraca,
 Olhão luctando os dous no fero abraço,
 Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

LVII.

Porém em quanto a lucta persistia;
 No fangue em terra lubrico escorrega
 O infeliz Jacaré; mas na porfia
 Nem assim do adversario se despega:
 Sobre o chão hum com outro ás voltas hia;
 E qual o dente, qual o punho emprega,
 Até que Jararaca hum golpe atira,
 Com que rota a cabeça o triite espira.

LVIII.

Nem mais espera de Gupeva a gente;
 Porque voltando em rápida fugida,
 Deixáo nas mãos do barbaro potente
 Toda a batalha n'hum a acção vencida:
 Não tarda mais Diogo já presente;
 E tendo ao lado a Espôsa protegida,
 Do oureiro desee, donde tudo observa,
 E invade armado a barbara caterva.

LIX.

Quem poderá dizer da turba imbelle
 Quantos a forte mão talha em pedaços?
 Paraguaçu valente ao lado d'elle,
 Muitos mandava aos lugubres espaços:
 Semeando por donde o golpe impelle
 Troncos, bustos, cabeças, pernas, braços;
 Nem hum momento a fraca gente aguarda,
 Vendo-a brandir a lucida alabarda.

LX.

O membrudo Pai com tres potentes
 Robustos filhos degollou co'a espada;
 E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
 Tendo a mão para o golpe levantada,
 Com dous revézes, que lhe atira ardentes,
 Deixou pendentés no ar co'a mão cortada;
 Babú de hum talho que a affaltalla veio,
 Co'a cabeça ficou partida ao meio.

LXI.

Muitos sem nome despojou da vida,
 E a quanto encontra o ferro não perdoa:
 Qual se os cachorros perde embravecida,
 No caçador se arroja a fera Leoa;
 E entre mil dardos, de que a tem cingida,
 Dando-lhe azas a dor, saltando voa,
 E ruge, e morde, e no q' encontra embarra;
 E onde não póde o dente, imprime a garra.

LXII.

Tal a forte donzella move a espada,
 Ou talvez lança mão do dardo agudo,
 E de mil, e mil golpes fulminada,
 Rebate todos no colete, e escudo:
 As Amazonas, de que vem rodeada,
 Vendo sobre a Heroína correr tudo;
 Onde quer que os contrarios se apresentão,
 Accommettem, degollão, e affugentão.

LXIII.

Por outro lado o valeroso Diogo
 A multidão dos barbaros subjuga,
 E huns precipita no tartareo fogo,
 Outros obriga com terror á fuga:
 Mas huns detem co'a espada, outros com rogo
 Urubú, que do sangue a fronte enxuga;
 E oppondo-se entre os mais a Diogo ardente,
 Restitue a batalha, e anima a gente.

LXIV.

Urubú que na brenha exercitado
 Hum Tigre, que na caça á mái roubára,
 Tendo-o junto de si domesticado,
 A combater comfigo acostumára:
 Lança-o a Diogo: o monstro arrebatado
 Entre as prezas cruéis, que arreganhára,
 Hia a pezar dos ferreos embaraços,
 Com garra, e dente a pollo em mil pedaços:

LXV.

Mas o Heróe bem que de outros investido,
 Em quanto a fera no ar saltando tarda,
 Tendo-se ao fero assalto prevenido,
 Dispara-lhe na frente huma espingarda:
 E qual raio da nuvem despedido,
 Quando a fera que o impeto retarda,
 Tremula ao golpe a vacillar começa,
 Salta-lhe em cima, e corta-lhe a cabeça.

LXVI.

LXVI.

Ao estrepito, ao fogo, ao golpe horrendo,
 A' fumaça do tiro occasionada,
 Ao ver o busto sobre o chão tremendo,
 E a terrivel cabeça sobre a espada;
 A immensa multidão que o estava vendo,
 Cahe por terra sem animo affombrada;
 E alguns, que em pé tremendo se suspendem,
 Ao Grão Caramuru todos se rendem.

LXVII.

Jararaca entre tanto que seguira
 Os que fugirão no primeiro insulto,
 Por encontrar Gupeva tudo gyra,
 Que nas cabanas se emboscára occulto:
 Hia-o buscando o bárbaro, que ouvira
 D'aquella parte o bellico tumulto,
 Com tenção de expugnar a Taba ingente,
 Matar Gupeva, e cativar-lhe a gente.

LXVIII.

Na toca algum das arvores immensas,
 Algum em meio as ramas se escondia;
 Muitos se emboscão pelas selvas densas,
 Outro em covas profundas que sabia:
 Porque andando em continuas defayensas,
 Qualquer ao noto asylo recorria;
 Onde entrando o inimigo, sem prevellõ,
 Sahem de toda a parte a accommettella.

LXIX.

Em quanto a selva passeava escura,
 De immortaes arvoredos rodeada,
 Foi Jataráca que a cuidou segura,
 Ferido sobre o pé de huma frechada:
 Ficou-lhe a planta sobre a terra dura,
 Em tal maneira com o chão cravada,
 Que por mais que arrancalla dalli prove,
 Despedaça-se o pé, mas não se move.

LXX.

Corre a turba a salvallo, e em continente
 Voão mil settas desde a espessa rama,
 E cad'arvore alli do bosque ingente
 Hum chuveiro de tiros lhe derrama:
 Cada tronco he hum castello: ao lado, e frente
 A occulta multidão bramindo clama;
 E o resto, que em cavernas se escondia,
 Ao rumor da victoria concorria.

LXXI.

Já mal resiste o Caeté cercado;
 E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
 Hum corpo de reserva trouxe armado,
 Que á inclinada batalha invicto corre.
 Jataráca, que o pé tinha encravado,
 Vendo que outro remedio o não soccorre,
 Por ter a vida, e liberdade franca,
 Deixa parte do pé, e a setta arranca.

LXXII.

LXXII.

Nos braços vai dos seus mal defendido ;
 Mas com a massa , que meneia horrenda ,
 Reprime forte o barbaro atrevido ,
 Porque não haja quem se acoste , e o prenda :
 E tendo a sorte o caso decidido ,
 Cede raivoso da cruel contenda ;
 E ao Sertão retirado não descança ,
 Maquinando em furor nova vingança.

LXXIII.

Paraguaçu porém de gloria avara
 Seguia na victoria o genio activo ;
 E incauta de Diogo se apartára ,
 Cortando a retirada ao fugitivo :
 Anima a multidão , que se emboscára ,
 Pesticava potente , por motivo ,
 Se prevalesce a força do contrario ,
 De acudir ao soccorro necessario.

LXXIV.

Este vendo a donzella valerosa
 Turbar com furia a gente amedrentada ,
 Desde o alto lança de arvore frondosa
 Grosso ramo , que cahe de huma pancada.
 Debaxo d'elle a Heroína valerosa ,
 Co' grande pezo pelo chão prostrada ,
 Ficou falta de alento , e semiviva ,
 Nas mãos do cruel barbaro cativa.

LXXV.

LXXV.

Corre á turba feroz contra a donzella,
 Que depois que das armas deixa o pezo,
 Descobre a todos a presença bella,
 E fica quem a prende ainda mais prezo.
 Da rude multidão, que corre a vella,
 Ha quem de a ver tão linda fica accezo,
 Outro que de a ter visto em guerra armada,
 Ainda a teme com vella desmaiada.

LXXVI.

Logo que respirou, novo artomando,
 Sente no coração mais desaffogo,
 E alento pouco a pouco vai cobrando,
 Até que entrando em si, chama o seu Diogo:
 Mas na turba que a cerca reparando,
 Conhece-se cativa, e desde logo
 N'outro fero desmaio fica abforta,
 E cuida quem a vê que ficou morta.

LXXVII.

Salvagem ha que cuida de comella,
 Nem muito se está morta se assegura;
 E com furia voraz contra a donzella,
 A gula accende com a chamma impura:
 Nem prezar-se costuma a fôrma bella
 No fero coração da gente dura;
 E em morrendo qualquer mulher, ou homem,
 Chorão muito, e depois a são-no, e comem.

LXXVIII.

LXXVIII.

Paté com este intento a degollára,
 Se a bella Mangarita que isto via
 Desde o mato escondida o não frechára,
 Deixando-lhe suspenfa a mão que erguia:
 Hum troço de Amazonas volta a cara,
 E a peleja de novo se accendia;
 Sendo Paraguaçú, que jaz no meio,
 O preço da victoria neste enleio.

LXXIX.

Cotia, que marchára sempre ao lado
 Da desmaiada Heroína em paz, ou guerra,
 Por vingar, ou remir o corpo amado,
 Co' fulmineo Tacape o campo aterra:
 Piá, Cipô, Açû deixou prostrado,
 E faz que a Grá Balêa morda a terra;
 Balêa, que accommette vingativa,
 Por guardar a donzella femiviva.

LXXX.

Nem tu, Guarapiranga, á mão formosa
 Pudeste evadir na horriavel luçta,
 Que em quanto a Inubia foas horrorosa, (12)
 Com que ás armas se accende a gente bruta.
 Cotia com a espada valerosa,
 A musica feral que se te escuta,
 Nos Antros retumbar te faz do Averno;
 Melodia, que he digna só do inferno.

LXXXI.

LXXXI.

Tudo cede a Amazona, e já salvava
 Paraguaçu mortal da gente fera,
 Quando o Grão Pesticava, que observava
 O estrago, que a Amazona alli fizera:
 Accomette o esquadrão com furia brava,
 E tudo affugentando o tempo espera,
 Em que a impulso do braço alcance forte
 Degollar a Cotia de hum só córte.

LXXXII.

Espera ella sem medo, apenas vira
 Do barbaro feroz o golpe incerto;
 E veloz a huma toca se retira,
 Que tinha em duro tronco o tempo aberto:
 Porém repete alli com maior ira
 Pesticava outro golpe, e por acerto
 Na valerosa Paca imprime o tiro,
 Que tomou com Cotia este retiro.

LXXXIII.

Em quanto entrava o barbaro, e na luçta
 Hum, e outro se abraça; o forte Diogo
 Que o caso da sua bella infausito escuta,
 Toma a espingarda, e parte em furia logo:
 Qual polvora encerrada dentro á gruta,
 Quando na occulta mina se deo fogo,
 Arroja penha, e monte, e o que tem diante;
 Tal se envia em furor o afflicto amante.

LXXXIV.

LXXXIV.

Tinha affogado Peflicava em tanto
 A Amazona infeliz, e a mão lançava
 Já de Paraguaçú, que no quebranto
 Apenas levemente respirava:
 Eis-que inventando Diogo hum novo espanto,
 Traz hum tambor, que horrifono soava;
 E logo que o arcabuz com bala atira,
 Cahe Peflicava, e morde o chão com ira.

LXXXV.

Mais não espera a tímida manada,
 Ouvindo o estrondo, e os horridos effeitos;
 Quem parte logo em furia declarada;
 E quem lhe rende humilde os seus respeitos:
 Paraguaçú porém defassombrada,
 Sendo os contrarios com terror desfeitos,
 Acordou n'hum suspiro, e solta vio-se;
 E conhecendo Diogo, olhou-o, e rio-se.

(1) *Caetés*. Gento ferocissimo, que infestava o Seritão da Bahia.

(2) *Ouecates*. Nação ferissima.

(3) *Aipi*. Raiz de que se faz huma especie de farinha. *Mandioca*, outra semelhante. *Pipocas* chamão o milho, que lançado na cinza quente, rebenta como em flores brancas.

(4) *Inficionado*. Povo importante das Minas do Mato dentro; chamado assim, porque o ouro, que tinha mui subido, perdeu os quilates mais altos, e ficou chamando-se ouro inficionado. Assim o soube o Poeta dos antigos daquela Paroquia, de que elle he natural.

(5) *Tacape*. Espada de páo ferro, ou semelhante, de que usão os Barbaros.

(6) *Murraque*. He huma haste, de que pende hum cabaço, ou coco cheio de pedras miudas, que facudindo-o, fazem rumor. He insignia Sacerdotal, e Militar entre estes Barbaros.

(7) *Imboaba*. Nome, que dão aquelles Barbaros aos nossos Europeos.

(8) *Palmada*. Rito Militar, com que se exhortão á guerra.

(9) *Divina*. Usão nas suas solemnidades os Barbaros de hum marraque, ou haste (já em outra parte descripta) que pelas circumstancias parece insignia religiosa.

(10) *Tupinaquis*, &c. Nomes das Nações do Seritão.

(11) *Uapis*. Instrumento, que tocão nas batalhas.

(12) *Inubia*. Especie de corneta usada dos Brazilienses.

III.

Ao resplendor da Lua que fahia,
 Misturava-se o horror com a piedade,
 Porque em lagos de fangue só se via
 Sanguinolenta horrivel mortandade:
 O valle igual ao monte parecia,
 E do estrago na vasta immensidade,
 O outeiro estava, donde foi o assalto,
 Com montes de cadaveres mais alto.

IV.

Não pôde vello a bella Americana,
 Sem que a tocasse hum triste sentimento;
 E ou fosse condição da gente Humana,
 Ou do seu sexo hum proprio movimento:
 Chorou piedosa a forte deshumana,
 Dos que apartados do terreno aliento
 Jazião, como ouvira de Diogo,
 Nas lavaredas de hum eterno fogo.

V.

E como (compassiva disse) he crível (vel,
 Que hũ Deos, como me pintas, bom, e ama-
 Sabendo o que ha de ser, e o que he possível,
 Nos crie para fim tão miseravel?
 Antevendo hum successo tão terrivel,
 Não parece crueldade inexcusavel
 Dar-lhe o ser, dar-lhe a vida, dar-lhe a men-
 Para vellos arder eternamente?

VI.

Quantos crear pudéra que o servissem,
 Deixando de crear quem o aggravasse;
 Onde todos a vello ao Ceo subissem,
 E as obras que produz todas salvasse?
 Nossos pais se dos filhos tal previssessem,
 Quanto fora cruel quem os gerasse?
 E creremos da excelsa Grá Bondade
 Que ceda a nossos Pais na humanidade?

VII.

Segredos são (diz Diogo) da inscrutavel
 Magestade de Deos: que saberemos
 Do seu modo de obrar sempre ineffavel,
 Se o que somos, e obramos não sabemos?
 Faltando-nos razão clara, e provavel
 Nos conselhos de Deos, que occultos vemos,
 He bem que toda a dũvida se acabe,
 Porque elle pôde mais, do q̃o Homem sabe.

VIII.

Mas se ha lugar á humana conjectura
 Dos possiveis na longa immensidade,
 Não se podia achar huma creatura,
 Que goze d'impeccavel liberdade:
 Huma firme innocencia he graça pura;
 He mercê liberal da Divindade;
 E quem em tanto a perguntar se atreve,
 Porque lhã não quiz dar, quem lha não deve?

IX.

Desde a Origem da immensa Eternidade,
 Que tudo sem principio ordena, e rege,
 Devemos presumir da Divindade, (ge:
 Que onde o Optimo encontra, em tudo o ele-
 E sendo em nós tão grande a iniquidade,
 Não temos coufa, que a qualquer se inveje;
 Onde se os mais possiveis vendo fores,
 Nós fomos os eleitos por melhores.

X.

Embora seja assim; (disse a donzella)
 Mas que culpa tem estes, que o ignoravão?
 Não cuida acafo Deos, ou pouco zela
 As almas, que entre nós se condemnavão?
 E senão, porque causa aos mais revela
 As doutrinas, que aos nossos se occultavão?
 Distava mais do Cco a nossa gente,
 Porque medea o mar d'Este a Poente?

XI.

Tornai a culpa a vós; e a vós fômente
 (o Heróe responde assim) Se com estudo
 Procurais sobre a Terra o bem presente,
 Porque não procurais o Author de tudo?
 Para o mais tendes lume, instincto, e mente;
 Sômente contra Deos buscais o escudo
 Em a vossa ignorancia a brutal culpa!
 Essa ignorancia he crime, e não desculpa.

XII.

Porém já da fadiga desvelada
 Cerrava Praguaçu seus olhos claros,
 Tendo-a Diogo na fé mais confirmada,
 Com responder prudente aos seus reparos:
 Em quanto a bruta gente aprizionada,
 Mostrando-se da vida nada avaros,
 Danção, e bebem com tripudio forte,
 E esperão, como boda, a cruel morte.

XIII.

Gupeva triunfante na Grã Taba
 O infausto prizioneiro á morte guia,
 E antevendo que a vida se lhe acaba,
 A mulher cada hum lhe offerecia:
 Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba,
 Brindando-lhe o licor, que a taça enchia,
 Até que quando menos se recorda,
 Dous Salvagens o prendem n'hum corda.

XIV.

Soltas as mãos lhe ficão, que manêa,
 Nem o tem mais que em meio da cintura
 A foga de algodão, como cadêa,
 Que de hum parte, e de outra os assegura:
 Qual Leoa feroz na Maura arêa,
 Quando o laço no ventre a tem segura,
 Toda da frente a cauda se retorçe,
 E ruge, e vibra a garra, e o corpo torçe.

XV.

Muitos então da furibunda gente
 Dizem-lhe injúrias mil, com mil insultos,
 Que elle se esforça a rebater valente,
 Sem que recee os barbaros tumultos:
 Algum alli chegando ao paciente
 (Que tem por cousa vil morrer inultos)
 Dá-lhe hum cesto de pedras recalcado,
 Com que atirando aos mais, morra vingado.

XVI.

Embiára, e Mexira, dous possantes
 Mancebos Caetes de hum parto vindos,
 Que Ainubá dera á luz tão semelhantes,
 Como tenros na idade, e em gésto lindos:
 Muitas donzellas, que os amárão d'antes,
 Os bellos dias seus choravão findos;
 Mitigando o desgosto de perdellos
 Com a intenção, que tinham de comellos.

XVII.

Estes na corda tem os da Bahia,
 Dispostos a morrer no torpe abuso,
 De celebrar com sangue o fausto dia
 Das victimas triunfaes ao Patrio uso:
 Embiára, que com arte a pedra envia,
 Muitas no Povo disparou confuso,
 E a pezar dos escudos, que põe diante,
 Alguns ferio da turba circumstante.

XVIII.

XVIII.

Huma grã pedra ao ar nas mãos levanta;
 E erguendo os braços sobre a fronte a atira:
 Lança por terra alguns, outros quebranta,
 E esmaga com o pezo o grão Tapira:
 Outras tres arrojou com furia tanta,
 Que fe d'atorno a gente não fugira,
 Com os tiros, que o bravo lhe dispara,
 Em vingança cruel no chão ficára.

XIX.

Mexira n'outro lado era detido
 Com o duro cordão; porém sem medo,
 Ao barbaro Pyri, que o tem cingido,
 Esmigalha a cabeça c'hum penedo:
 Foge o Povo com pedras rebatido;
 Mas Mexira na corda atado, e quedo,
 Com tres pedaços de huma ingente roca,
 Huns derriba no chão, e outros provoca.

XX.

Sahe então Tojucâne em campo ardente,
 E ao som dos seus marraques applaudido,
 Hum cinto tem de plumas sobre a frente,
 Manto ao hombro de pluma entretecido:
 Tinto de negro todo, a côr sómente
 Traz natural no vulto enfurecido;
 E por metter no horror maior respeito,
 Com o beijo inferior varria o peito.

XXI.

A cara , peito , braços (vista horrenda !)
 Traz com golpes crueis acutilados :
 Golpes , com que o valor se recommenda ,
 Feitos da propria mão com talhos dados :
 Onde se a chaga apodreceo tremenda ,
 Em meio do asco , e horror desfigurados ,
 Vendo a gente brutal que hum não se doe ,
 Este então (que ignorancia !) he o seu Heróe .

XXII.

Destá arte Tojúcâne armado vinha ,
 Posto ao vello em silencio , em pasmo tudo ;
 Atira-lhe Embiára (que ainda o tinha)
 Hum penedo , que rompe o forte escudo :
 O Tacápe elle então desembainha ,
 Que de plumas ornou com bello estudo ,
 E encostando-se ousado á longa corda ,
 Aos dous fortes irmãos fallando aborda .

XXIII.

Não fois vós (disse o barbaro) traidores ,
 Os que a matar-nos com furor viestes ,
 E sem respeito aos miseros clamores ,
 Os nossos tenros filhos já comestes ?
 Somos (disserão) nós : os teus furores
 Sem o laço , em que agora nos prendestes ,
 Souberamos domar : e assim cativo ,
 A ver-me solto , te comêra vivo .

XXIV.

XXIV.

Vivo, nem morto a mim me não tocáras,
 Porque se braço a braço te medíras,
 Ou immovel de espanto em pé ficáras,
 Ou de hum só golpe (diz) no chão cahíras:
 Verias bem, se agora nos soltáras,
 Como logo (responde) me fugíras:
 Não queira de valente ser louvado,
 Quem pertende triunfar de hum defarmado.

XXV.

Esse vão pensamento melhor fora
 Que o tiveras, como eu, no campo, bravo;
 Mas tu (diz Tojucáne) na mesma hora
 Te viste combatido, e foste escravo:
 Como te atreves a gloriar-te agora
 Com vil jactancia, com soberbo gavo?
 A quem de resistir falta a constancia,
 Não fica mais lugar para a jactancia.

XXVI.

Dizendo assim na frente a espada ingente,
 Deixa o fero cahir com golpe horrendo;
 Cahe por terra Embiára, ainda vivente;
 Mexira morto já, porém tremendo:
 Mordeo aquelle o chão com furia ardente,
 E em cima o matador co-pé batendo:
 Morre, soberbo, diz, e serás vasto
 Para nosso troféo vingança, e pasto.

XXVII:

XXVII.

Qual se diz que a Tifeo subjuga hum monte,
 Tal a planta cruel Embiára opprime;
 E como a cobra faz, se junto á fonte
 Toda em nós quebrantada se comprime:
 Retorcendo em mil voltas cauda, e fronte,
 Que ergue, vibrando a lingua, no ar sublime,
 Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
 E o espirito exhalado ás sombras manda.

XXVIII.

Chega ás cruentas victimas chorosa
 Feminea tropa, que com dor lamenta;
 E urlando todas com a voz maviosa,
 Tudo vai repetindo a plebe attenta:
 Depois d'aquella lastima enganosa,
 Qualquer junto aos cadaveres se assenta,
 E vão talhando pés, cabeças, braços,
 E as victimas fazendo em mil pedaços.

XXIX.

Chamão moquem as carnes, que se cobrem,
 E a fogo lento sepultadas assão;
 Tudo em cima com terra, e rama encobrem,
 Onde o fogo depois com lenha fação:
 Em tanto as voltão, cobrem, e descobrem,
 Até que do calor se lhe repassão:
 Detestavel empreza, que escondião
 Da indignação de Diogo, a quem temião.

XXX.

Foi avisado o Heróe do acto execrando,
 Horrivel pasto da nação perversa,
 E a maneira opportuna meditando
 Da barbara função deixar dispersa:
 Mil fogos de artificio hia espalhando,
 De horrivel fórma, e de invenção diversa:
 Treme a vil turba, e sem que a mais se arroje,
 Deixa o pasto cruel, e ao mato foge.

XXXI.

Confusa a insana gente do successo,
 Do Grão Caramurú temia a vista,
 Foge Gupeva de terror oppresso,
 Nem sabe, em que maneira ao mal resista:
 Mas o novo pavor na gente impresso
 Mitiga Praguaçú, que o damno avista,
 Se, como teme, o Povo de espantado,
 O terreno deixasse abandonado.

XXXII.

Jararaca entre tanto conduzido
 Dos bravos Caetés á Taba nota,
 Diligente curava o pé ferido,
 E em reparar cuidava a grã derrota:
 E havendo no conselho a liga unido,
 As forças representa, os meios nota,
 E Nigromante crê por perda tanta
 O Grão Caramurú, que o fogo encanta.

XXXIII.

XXXIII.

Já na grá Taba os barbaros se ajuntão,
 Onde contra Diogo arte se estude,
 E por Magos famosos, que perguntão,
 Recorrião de encantos á virtude:
 Os Nigromantes vem que os corpos untão,
 E nos susurros do feu canto rude
 Esperão que tambem ao forte Diogo,
 Matando privem do temido fogo.

XXXIV.

Hum delles, que por sabio se acredita,
 Não ha (disse) quem possa a ardente fragoa
 Apagar no trovão, que o raio excita,
 Lastimosa occasião da nossa mágoa:
 Que se o antidoto ao fogo se medita,
 Mais natural não ha que lançar-lhe agoa:
 Dentro n'agua se apaga o fogo ardente;
 E este he o meio, que occorre de presente.

XXXV.

Contra as vossas canoas não se atreve
 O Filho do Trovão, se desce ao porto;
 Vós o vereis sem força em tempo breve
 Sahir, qual já sahio das aguas morto:
 Ninguem ha, que não saiba como esteve,
 Quando o encontrámos naufrago no porto:
 Nem usou do trovão, que espanta em terra,
 Nem fez com fogo n'agua a horrivel guerra.

XXXVI.

XXXVI.

São n'agua, terra, e mar mui differentes
 Os Anhangás, que reinão divididos:
 Huns, que só no ar, e fogo são potentes,
 Causão ventos, trovões, raios temidos;
 O terremoto, e pestes sobre as gentes
 Movem outros na terra conhecidos:
 Este porém, que ao estrangeiro acode,
 N'agua não poderá, se em fogo póde.

XXXVII.

Parece á rude gente este discurso,
 Segundo os seus principios concludente;
 E ouvido com applauso no concurso,
 Votão na execução concordemente.
 Toma a guerra por tanto hum novo curso,
 E ao mar se envia a bellicosa gente;
 Nem Capitão ha mais, nem ha pessoa,
 Que não se embarque em rápida canoa.

XXXVIII.

Chamão canoa os nossos nesses mares
 Batel de hum vasto lenho construido,
 Que excavado no meio, por dez pares
 De remos, ou de mais voa impellido:
 Com tropas, e petrechos militares,
 Vai de impulso tão rápido movido,
 Que ou fuja da batalha, ou a accometta,
 Parece mais ligeiro que huma setta.

XXXIX.

XXXIX.

Concorrendo as Nações do Sertão junto ,
 Trezentas, ou mais arma Jararúca ;
 E tendo escolha, porque o Povo he munto ,
 Deixa em terra das gentes a mais fraca.
 E sendo da Bahia tão conjuncto
 O ilheo de Taparica, este se ataca ,
 Na esperança que Diogo acudiria ,
 Vendo o sogro em perigo, que o regia.

XL.

Repousava sem susto Taparica ;
 E confiado em Diogo, e na victoria ,
 Gozava de huma paz tranquilla, e rica ,
 Depois que a guerra terminou com gloria ;
 E quando a rouca Inubia arma publica ,
 Tão longe tinha as armas da memoria ,
 Que ignorando em focego os seus perigos ,
 Nas mãos se foi metter dos inimigos.

XLI.

Prendem o inerme Chefe de improviso ,
 Accommettendo a Taba descuidada :
 A chamma, e fumo dão infaulto aviso
 Ao bom Diogo da barbara assaltada :
 Nem impulso maior lhe era preciso ,
 Vendo a Ilha dos Barbaros tomada :
 Occupa em pressa as armas, e as canoas ,
 Sem mais que Praguaçu com cem pessoas.

XLII.

XLII.

Vinte bombas de polvora tem cheas,
 De que huma parte já das náos salvára;
 Quatro ferreos canhões, que entre as arêas
 Por nadadores bons do mar tirára:
 Metralhas, palanquetas, e cadeas,
 Pistolas, e fuzis, que preparára;
 Canoas tres de polvora, e refina,
 Que lançar nas contrarias determina.

XLIII.

Forma-se em meia Lua a vasta armada,
 Cuidando de encerrar Diogo em meio,
 E com nuvem de fréchas condensada
 A aurea luz do Sol a impedir veio:
 Firme estava do Heróe a turba irada;
 E coalhando-se o mar de lenhos cheio,
 Retumba o éco na Bahia toda
 Pela gente brutal, que urlava em roda.

XLIV.

Até que a tiro os vê do bronze horrendo;
 E sem mais esperar, dispara fogo,
 Que tudo com metralha hia varrendo,
 E a pique dez canoas metteo logo:
 Saltão muitos de horror no mar, tremendo:
 Alguns deixando o remo, as mãos de Diogo
 Com bombas ardem, que feroz lhe lança,
 Outros a espada de vizinho alcança.

XLV.

XLV.

Confusas entre si vão fluctuando
 As canoas, que a gente não regia;
 E huma vai lohr'outras embarrando
 Na desordem, que todas confundia:
 As tres incendiarias arrojando,
 Hum diluvio de fogo n'agua ardia,
 Com tal fumaça nas ardentes fragoas,
 Que cubrindo-se o ar, fervem as aguas.

XLVI.

Qual, se na Selva densa o fogo atêa,
 Em columnas de fumo voa a chamma,
 E a lavareda, que pelo ar ondêa,
 Traspassando se vai de rama em rama:
 Tal na Bahia de canoas chea
 Hum diluvio de fogo se derrama;
 E o Barbaro de horror, de espanto, e mágoa
 Foge á morte do fogo, e escolhe a d'agua.

XLVII.

Jararâca entretanto em terra estava,
 Donde prendêra o incauto Taparica,
 E raivoso das praias observava
 Toda a frota naval, que em cinzas fica:
 Foge dispersa a tropa, que levava;
 E logo que a victoria se publica,
 Toda a Ilha, que as armas arrebatã,
 O timido Caeté subjuga, ou mata.

XLVIII.

XLVIII.

Nem já dos inimigos se descobre
 Huma canoa fô no lago ingente ;
 E o mar de mil cadaveres se cobre ,
 Sem que saiba aonde fuja a infeliz gente :
 Que Gupeva entre tanto a praia encobre ,
 Embaraçando a fuga ao Continente ;
 Grande parte desde a agua o braço estende ,
 E a liberdade com a vida rende.

XLIX.

Não assim Jararaca , que na praia
 Põe por escudo o infausito Taparica ;
 E ameaça matallo , quando saia
 Em terra Diogo , que suspenso fica.
 Vê o transe a filha , e sobre as mãos desfmaia
 Do caro Esposo , e pelo Pai supplica :
 E vê-se Diogo em lance embaraçado ,
 Sem saber como salve o desgraçado.

L.

Atirar-lhe quizera ; mas duvida ,
 Na intenção de matallo vacillante ;
 Vendo do sogro ameaçada a vida ,
 E quasi sem alento a Esposa amante :
 Tres vezes poz a mira dirigida ;
 Tres vezes se deteve a mão constante ;
 E em terra , e mar a hũ tempo a acção retarda ,
 Jararaca ao bastão ; elle á espingarda.

LI.

Que mais espero (diz) ferillo he incerto ;
 Mas he claro na mão desse inimigo ,
 Que em qualquer caso em fim o damno he
 E cresce na tardança o seu perigo : (certo ,
 Disse , e toma por alvo descuberto ,
 A fronte do contrario , e neste artigo
 Dispara o tiro , e a bala lhe atravessa
 De huma parte á outra parte da cabeça.

LII.

Cahe Jaraçáca em terra ao mesmo instante ,
 Qual penhasco , que do alto se derroca ,
 Quando o raio , que o arroja fulminante ,
 Desde cima o arrancou da excelsa roca :
 N'hum rio a terra se banhou fumante
 Do negro sangue , donde pondo a boca ,
 Morde raivoso a arêa , em que cahira ,
 E o torpe alento com a vida espira.

LIII.

Já neste tempo se encontrava amigo
 Taparica , e Diogo em terno abraço ,
 Vendo por terra o perfido inimigo ,
 Que tremendo occupava hum vasto espaço :
 Paraguaçú , que afflicta do perigo
 Sem sentido ficou no horrivel passo ,
 Torna a si do desmaio , e vê piedoso
 O Pai , que a tem nos braços , com o esposo.

LIV.

Alegre vem do opposto Continente
 Em canoas Gupeva a Taparica,
 Congratular-se com o Heróe valente,
 Que morto Jararaca, em calma fica:
 Pasma de ver o estrago a insana gente,
 Que os arcos abatendo a paz supplica;
 E respeitando a suprior Potencia,
 Compensavão a paz com a obediencia.

LV.

Chegarão do Sertão dez mensageiros
 Em nome das Nações, que em guerra anda-
 Confirmando compactos verdadeiros (vão,
 A inteira sujeição, que ao Luso davão;
 Vem entr'elles os Principes primeiros,
 E com os ritos, que na Patria usavão,
 Príncipe acclamão com festivo modo
 O Filho do trovão, do Sertão todo.

LVI.

Nem duvidou Diogo imaginando,
 Quanto domar importa a gente bruta,
 Aceitar das Nações o excelso mando,
 E consigo prudente os fins reputa:
 Ouve-se em nome seu público bando,
 Que a barbara caterva humilde escuta;
 Em que todo o homicidio se prohibe,
 E com pena de morte a culpa inhihe.

LVII.

LVII.

Julga porém ao ver inveterada
 A barbara paixão na gente cega,
 Que a grave pena ao crime decretada,
 Convem dissimular, se ao caso chega:
 A tudo a gente barbara humilhada,
 Só na gula cruel a emenda nega,
 Por barbara vingança carniceira,
 Que tanto póde a educação primeira.

LVIII.

Não tardou logo a occasião de vello,
 Porque apenas deixára a companhia;
 O proprio Taparica sem temello
 Ao convite cruel se prevenia:
 Bambú, que fora ao ponto de prendello,
 Quem lhe lançára as mãos com ousadia,
 Prezo em canoa o Regulo conserva,
 Por pasto infando á barbara caterva.

LIX.

Estava o desditoso encadeado,
 E exposto a mil insectos que o mordião,
 Nem se lhe via o corpo ensanguentado,
 Que todo os *marimbondos* lhe cubrião: (1)
 Corria o negro sangue derramado
 Das crueis picaduras, que lhe abrião;
 Elle immovel em tanto em tofco assento,
 Parecia insensivel no tormento.

LX.

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
 No modo de penar mais deshumano;
 Maior a tolerancia lhe parece,
 Do que possa caber n'hum peito humano;
 E como author do crime reconhece,
 Do cruel Sogro o coração tyranno,
 Offerece a Bambú, que a morte ameaça,
 Soccorro amigo na cruel desgraça.

LXI.

Perdes comigo o tempo (disse o Fero) (2)
 Ao que vês, e ainda a mais vivo disposto:
 A liberdade, que me dás, não quero;
 E da dor, que tolero, faço gosto:
 Assim vingar-me do inimigo espero,
 Disse; e sem se mudar do antigo posto,
 As picadas crueis tão firme atura,
 Como se penha fora, ou rôcha dura.

LXII.

Se o motivo, diz Diogo, porque temes,
 He porque escravo padecer receias;
 E tens por menos mal este, em que gemes,
 Do que huma vida em miseras cadeias:
 Depõe o susto, que sem causa tremes:
 Penhor te posso dar, por onde creias,
 Depondo a obstinação do torpe medo,
 Que a vida, e liberdade te concedo.

LXIII.

Aqui da frente o barbaro desvia
 Dos insectos co-a mão a espessa banda;
 E a Diogo, que assim se condoia,
 Hum sorriso em resposta alegre manda.
 De que te admiras tu? Que serviria
 Dar ao vil corpo condição mais branda?
 Corpo meu não he já, se anda comigo,
 Elle he corpo em verdade do inimigo.

LXIV.

O espirito, a razão, o pensamento
 Sou eu, e nada mais: a carne immunda
 Forma-se cada dia do alimento,
 E faz a nutrição, que se confunda:
 Vês tu a carne aqui, que mal sustento?
 Não a reputes minha: só se funda
 Na que tenho comido aos adversarios;
 Donde minha não he, mas dos contrarios.

LXV.

Da carne me pastei continuamente
 De seus filhos, e Pai: della he composto
 Este corpo, que animo de presente,
 Por isso dos tormentos faço gosto.
 E quando maior pena a carne sente,
 Então mais me consolo, no supposto
 De me ver do inimigo bem vingado,
 Neste corpo, que he feu, tão mal tratado.

LXVI.

LXVI.

Impossivel parece ao Sabio Heróe
 O que vê, e o que escuta, e que assim possa,
 Quando a carne mortal tanto se doe,
 Vencer-se a dor da fantasia nossa:
 Magoado interiormente se condoe
 De ver, que no infeliz nada faz móça;
 Mostrando na brutal rara constancia,
 Com tal valor tão barbara ignorancia.

LXVII.

Tinhão disposto em tanto no terreiro
 As Nações do Sertão pompa festiva,
 Creando Diogo Principal primeiro
 Com applauso geral da comitiva.
 Vê-se ornado de plumas o guerreiro,
 E como em triunfo a multidão cativa,
 E sobre os mais n'hum throno levantado
 Cingem de pluma o vencedor croado.

LXVIII.

A roda, como em círculo, postrados
 Sessenta Principaes das Nações feras
 Em nome de seus povos humilhados,
 Submissões rendem com temor sinceras:
 Tujúcupápo, ettando os mais calados,
 Grão filho do trovão (disse) que imperas
 Em terra, e mar com gloria combatendo,
 Tudo domaste com o raio horrendo.

LXIX.

Não te cedêra não dos nossos peitos
 A varonil constancia em guerra humana ;
 Nem da morte tememos os effeitos ,
 Se a contenda não fora sobrehumana :
 Rendemos-te fieis nossos respeitos ,
 Depois que o teu valor nos desengana ,
 Que em teus combates todo o Ceo te assiste ;
 E a quem soccorre o Ceo , quem lhe resiste ?

LXX.

As Nações do Sertão já convencidas ,
 Põe a teus pés os arcos , e as espadas :
 Suspende o raio teu ; protege as vidas
 Delde hoje ao teu império sujeitadas :
 E se tens , como creio , submettidas
 As procellas , as chuvas , e as trovoadas ,
 Não espantes com fogo a humilde gente ;
 Mas faze-nos gozar da paz clemente.

LXXI.

A teu commando estão sem replicar-te
 Os povos deste vasto Continente ;
 E farás com teu nome em qualquer parte ,
 Que te obedeça a valerosa gente.
 Faze com o favor que haja de amar-te ,
 Como a tens com terror feito obediente ;
 Que se troveja o Ceo na esfera escura ,
 A Luz manda tambem formosa , e pura.

LXXII.

LXXII.

Não foi acaso (disse o Heróe prudente,
 Respondendo ao discurso) foi destino
 Querer o Grão Tupá que a vossa gente
 A mão conheça do Poder Divino:
 Do Ceo, que sobre vós brilha lusente,
 Se receberdes o sagrado ensino;
 Livres com gloria do tyranno Averno
 Sobre elle reinareis n'hum solio eterno.

LXXIII.

Porém por ferdes na ignorancia rude,
 Incapazes de ouvir o mais em tanto,
 Buscai com a razão maior virtude,
 Implorando o favor do Throno Santo:
 E quando a vossa fé pedillo estude,
 Vereis da antiga serpe no quebranto
 Florecer nesta Patria d'improviso
 Huma imagem do ameno Paraíso.

LXXIV.

Disse o Heróe generoso; a turba immensa
 Em final de prazer com grata dança,
 Vão em fileiras com a mão extensa,
 Fazendo com os pés varia mudança:
 Huma perna bailhando tem suspenza,
 E turma sobre turma em modo avança,
 Que idéa dão dos bellicos ataques,
 Retumbando entre tanto os seus marraques.

LXXV.

LXXV.

Os Nigromantes, que o Brazil respeita,
 Hum marraque descobrem venerado;
 Insignia da Nação, que ao povo aceita,
 Considerão por Symbolo Sagrado:
 O Sacerdocio, como turma eleita
 No ministerio ao culto dedicado,
 Poz o barbaro termo á função toda,
 Bafejando nos Principes á roda.

LXXVI.

(1) *Marimbondos*. Especie de vespa mordacissima no Brazil.

(2) *Disse o fero*. Hum gravissimo Aulico da nossa Corte me asseverou ter succedido caso semelhante no Pará, em Reinado do Fidelissimo Rei o Senhor D. José I., onde elle era contemporaneamente occupado em cargo distinctissimo do Real Serviço.

CANTO VI.

I.

DEscançava no seio então Diogo,
 Extincta a guerra, de huma paz dourada,
 E o pavor do sulfureo horrivel fogo
 Trazia a gente barbara assombrada:
 As remotas Nações concorrem logo,
 Desde a interna região mais apartada;
 E tendo-o do trovão por viva imagem,
 Vinha todo o Sertão dar-lhe homenagem.

II.

Muitos delles, dos povos subjugados,
 Que o effeito virão da terrivel chamma;
 Outros yinhão sómente convocados
 Das heroicas acções, que conta a Fama:
 Trazem plumas, e balsamos prezados,
 E outra rude opulencia, que o povo ama,
 E com os dons da Americana Ceres,
 Offerecem-lhe as filhas por mulheres.

III.

III.

Era antigo dos barbaros costume,
 Quando algum Capitão foi bravo em guerra,
 Ou se julgavão que o regia hum Nume,
 Emparentallo aos Principaes da terra:
 Qualquer que de nobreza então presume,
 Do Grão Caramurú, que tudo aterra,
 Procura, como nobre preminencia,
 Ter na sua prosapia a descendencia.

IV.

Tuibaé, dos Tapuias Chefe antigo,
 Tiapira lhe offrece celebrada;
 E com a mão da filha deixa amigo
 Huma illustre alliança confirmada:
 Xerenimbó trazia-lhe consigo
 A formosa Moema já negada
 A muitos Principaes, por dar-lhe esposo
 Digno do tronco de seus Pais famoso.

V.

Muitas outras donzellas Brazilianas
 A mão do claro Diogo pertendião,
 Ou por prendas, que notão soberanas,
 Ou por grandes acções, que delle ouvião:
 A todos elle deo mostras humanas
 Sem a fé lhe obrigar, que pertendião;
 Mas por não offender as brutas gentes,
 Trata os Pais, e os Irmãos como parentes.

VI.

Paraguaçu porém com fé de Esposo
 Parecia estimar distinctamente,
 Mostrando-lhe no affecto catinholo
 A sincera affeição que n'alma sente:
 Amava nella o peito valeroso,
 E o genio docil, com que á fé consente;
 Amor que occasionou, como he costume,
 Em algumas inveja, e n'outras ciume.

VII.

Todas á bella Dama aborrecendo,
 Conspiráo feras em tirar-lhe a vida;
 Mas ella que o projecto alcança horrendo,
 Deixar pretende a Patria aborrecida:
 E na viagem de Europa discorrendo,
 Deseja renascer á melhor vida;
 Impulso santo, que com justa idéa
 Move Diogo a deixar aquella arêa.

VIII.

Agitado do vario pensamento,
 Na margem se entranhou do vasto rio,
 Que invocando o Serafico portento,
 Chama de S. Francisco o Luso pio:
 E estando o Sol no seu maior augmento,
 Quando sitio no ardor busca sombrio,
 N'huma lapa, que esconde alto mysterio, (1)
 Foi achar para a calma o refrigerio.

IX.

Por mil passos a penha milagrosa
 Estende em roda o gyro dilatado ;
 Obra da Natureza prodigiosa ,
 Quando o Globo terraqueo foi creado :
 Concavidade ha alli vasta , espaçosa ,
 Onde tinha o Creador delineado ,
 Com capella maior , nave , e cruzeiro ,
 Hum Templo , como os nossos , verdadeiro .

X.

Largo trinta e tres passos se estendia
 O grão cruzeiro : a longitud da mole
 Por mais de outros oitenta discorria ;
 Lugar , que não pizara humana prole :
 O prospecto extrior de pedraria ,
 O interior pavimento he terra molle :
 De jaspe se levanta a grã portada ,
 Entre torres marmoreas fabricada .

XI.

Dentro vem-se magnificas Capellas ,
 Sustentadas de esplendidas columnas ;
 Pelo tecto entre nuvens gyrão estrellas ,
 E sobre o rio a hum lado tem tribunas ,
 Que servindo-lhe a hum tempo de janellas ,
 Dão luz a todo o Templo ; e quando lhe unas
 Quantos prodigios o lugar encerra ,
 Maravilha maior não cobre a Terra .

XII.

XII.

Capella alli se vê de entalho nobre,
 Obrado com desenho estranho, e vario,
 Onde effigiado em marmore, se cobre
 Hum natural bellissimo Calvario:
 Vê-se a base da Cruz, mas nada sobre;
 De jaspe ainda melhor q̃ Egyzio, ou Pario:
 E ao lado hum posto em proporção distincta,
 Onde a Mãi, e Discipulo se pinta.

XIII.

Chegado Diogo a ver prodigio tanto,
 Pelo estranho espectaculo suspenso,
 Penetra-se no peito de horror Santo,
 Por não sei que Sagrado occulto senso:
 Depois rompendo n'hum devoto pranto,
 Prostrado em terra, adora o Deos immenso,
 Que quando ser ao mar, e á terra dava,
 O alicerse á grã fabrica lançava.

XIV.

Eis-aqui preparado (disse) o Templo,
 Falta a fé, falta o culto necessario;
 E quanto era de Deos, feito contemplo
 Tudo o que he de salvar meio ordinario:
 Desta intenção parece ser exemplo
 Este insigne prodigio extraordinario;
 Onde parece que no Templo occulto,
 Tem disposto o lugar, e espera o culto.

XV.

XV.

Quiz mostrar nesta Imagem por ventura
 Que esta gente brutal não desampara;
 E que a qualquer humana creatura
 O remedio da Cruz justo prepara;
 Que a estes do seu sangue dera a cura,
 Se aos instinctos, que tem, não repugnára;
 Que Advogada nos deo de empreza tanta,
 Preparando o lugar á Virgem Santa.

XVI.

Oh queira, Grá Senhor, vossa bondade
 Supprir nelles, e em mim tanta miseria;
 Pois de todos salvar tendes vontade,
 Que por este final mostrais tão séria:
 Que se olhais para a nossa iniquidade,
 Achareis de punir tanta materia,
 Que a antiga culpa pelos seus abrolhos
 A ninguem deixa justo aos vossos olhos.

XVII.

Dalli furcando o rio caudaloso,
 Vai o noto Reconcavo buscando,
 Por ver se inchada véla o pégo undoso
 A rumo Oriental vai navegando:
 Nem temeria o pélogo espaçoso
 Ir na leve canoa atravessando;
 Se o perigo, que immenso considera,
 Pelo damno da Esposa não temêra.

XVIII.

XVIII.

Ergue-se sobre o mar alto penedo,
 Que huma angra á raiz tem, das náos amparo,
 Onde das ramas no intrechado enredo,
 Causa o verde prospecto hum gosto raro:
 Alli morro cuberto de arvoredos,
 A quem passeia o mar, serve de faro;
 Dáo-lhe nome da Costa os exprientes,
 Do glorioso Apostolo das Gentes.

XIX.

Aqui vê Diogo hum caseo, que encalhára,
 Onde n'agua se occulta hórrida penha,
 Porque ignorando a costa se arrojára,
 Sem que esperança de soccorro tenha:
 Vê, como a chufma em terra se salvára,
 Que a brutal gente a cativar se empenha;
 E presumindo o que era, na canoa
 A defender os seus remando vóa.

XX.

E temendo que cedão enganados
 Ao barbaro cruel os naufragantes;
 Ou que fiquem sem armas cativados
 Nas mãos desses penhascos ambulantes;
 Faz-lhes sinaes, e deixa-os avisados,
 Fazendo ver as armas rutilantes,
 Da arêa infida, e do cruel perigo,
 E o seu soccorro lhe offrece amigo.

XXI.

XXI.

E quando a tiro de canhão se via,
 Fez que se ouvisse a formidavel tromba,
 E ao éco do tambor, que lhe batia,
 Dispara ao tempo mesmo a horrivel bomba:
 Treme de espanto o barbaro, que ouvia;
 E este pasma, outro foge, aquelle tomba;
 E o Grá Caramurú já divisando,
 Correm todos humildes ao seu mando.

XXII.

Unidos do bom Diogo á comitiva
 Soccorrem com presteza a véla rota;
 Onde a gente das aguas semiviva,
 Vão leves conduzindo a praia nota:
 Salvou-se-lhe a equipagem toda viva;
 E para os preparar a grá derrota,
 Faz que a barbara gente, dando ajuda
 A' afflicta multidão piedosa, acuda.

XXIII.

Paraguaçu porém com pio aviso
 Cuida em prover de roupas, e sustento;
 E quanto lhe he possivel de improviso,
 Restablece-lhe as forças co'alimento,
 Depois que se faciãrão do preciso,
 Diogo que o caso seu recorda attento,
 Logo que a turba vê contente, e junta,
 Donde vem? aonde vão? quem são? pergunta.

XXIV.

Hum entre outros, que o Chefe parecia,
 E sobre os mais da chusma dominava,
 Depois de agradecer-lhe a cortezia
 Na Castelhana lingua, em que fallava
 Somos (disse) da nobre Andaluzia,
 Onde o chão Hispalense o Betis lava,
 Socios se ouviste o nome de Arelhano,
 E desde o Reino viemos Peruano.

XXV.

Se a Fama a vós chegou do valeroso
 Domador das Provincias Peruanas;
 E se Pisarro no Orbe tão famoso
 Não se ignora das Gentes Lusitanas;
 Fomos d'elle mandados pelo undoso
 Grão rio, que em correntes desce insanas,
 Desde a grã cordilheira, que imminente
 Aqui separa o Occaso do Oriente.

XXVI.

Novas Ilhas buscando, e novos mares
 Depois de longos dias navegámos;
 Já com procellas, já com brandos ares,
 Ao conhecido Oceano chegámos:
 Os perigos, os casos singulares,
 Que por mais de mil leguas tolerámos,
 Não contára, depois que no mar erro
 A ter o peito de aço, e a voz de ferro.

XXVII.

XXVII.

De sessenta, e mais linguas diferentes,
 Vimos, descendo o rio, em curso immenso,
 Incognitas Nações, barbaras gentes,
 E hum Povo innumeravel, vasto, e denso:
 Montanhas vimos, campos mil patentes,
 E hum terreno nas margens tão extenso,
 Que poderá elle só neste hemisterio
 Formar com tanto Povo hum vasto Imperio.

XXVIII.

Mil vezes com canoas bellicosas
 Combatemos no rio, e mil em terra;
 Perseguidos de tropas numerosas,
 Que occupavão talvez o valle, e a serra:
 Nem cessava nas margens perigosas
 De mil bravas Nações a dura guerra,
 Até que entrando nas ardentes Zonas,
 Chegamos á Região das Amazonas.

XXIX.

Discorre com furor pela ribeira,
 Vasto esquadrão de tropa feminina,
 Que em postura, e contendo de guerreira,
 Assaltar nossa frota determina
 Sobre o sexo viril, turba grosseira,
 O feminino sexo alli domina,
 Onde no rio, porque a fama o conte,
 Recordamos o antigo Thermoponte.

XXX.

E já o Hispano Leão domado houvera
 Das Amazonas o terreno infausto,
 Se no clima infeliz nos não morrêra
 De mil fadigas Arelhano exaustro.
 A gente pois que o Capitão perdêra,
 Não podendo esperar successo fausto,
 Sobre este bergantim, que alli se adorna,
 Ao Solar Patrio, navegando torna.

XXXI.

Não duvideis, responde, o Heróe clemente
 De achar em mim soccorro poderoso;
 Que achais quem como vós do mar fremente
 Aprendeo na desgraça a ser piedoso:
 Tendes amiga mão, madeira, e gente,
 Com que o casco, que vedes ruinoso,
 Reformando-se torne do Ceo nosso
 A' desejada Hespanha, e Betis vosso.

XXXII.

Disse; e ordenando a turba Americana,
 Assiste ao fabro na naval fadiga;
 E quanto lhe permite a força humana,
 Faz que em breve o baixel seu rumo siga:
 Nem se demora mais a gente Hispana,
 Que a convida a monção, e o vento obriga:
 Soltão a branca véla ao fresco vento,
 E vão raspando o liquido elemento.

XXXIII.

Felices vós, diz Diogo, affortunados,
 A quem da cara Patria he concedido
 Tornar hoje aos abraços deseçados,
 Depois de tanto tempo a ter perdido!
 Em quanto eu nestes climas apartados
 Me vejo de seguir-vos impedido;
 Que fiar temo de tão debil lenho
 Outra vida, q̄ em mais que a propria tenho.

XXXIV.

Dizendo assim, com calma vê luctando
 Formosa não de Gallica bandeira,
 Que a terra ao parecer vinha buscando,
 E a prôa mette sobre a propria esteira:
 Vem seguindo a canoa, e sinas dando,
 Até que aborda a embarcação veleira;
 E de paz dando a mostra conhecida,
 As praias de Bahia a não convida.

XXXV.

A Gupeva entretanto, e Taparica
 Dava o ultimo abraço, e á forte Esposa
 A intenção de levalla significa,
 Á ver de Europa a Região famosa:
 Suspensa entre alvoroço, e pena fica
 Paraguaçu contente, mas faudosa;
 E quando o pranto na sentida fuga
 Começava a saudade, amor lho enxuga.

XXXVI.

He fama então que a multidão formosa
 Das Damas, que Diogo pertendião,
 Vendo avançar-se a não na via undosa,
 E que a esperança de o alcançar perdião:
 Entre as ondas com ansia furiosa
 Nadando o Esposo pelo mar seguião,
 E nem tanta agoa que fluctúa vaga
 O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII.

Copiosa multidão da não Franceza
 Corre a ver o espectáculo assombrada;
 E ignorando a occasião da estranha empreza,
 Pasma da turba feminil, que nada:
 Huma, que ás mais precede em gentileza,
 Não vinha menos bella, do que irada:
 Era Moema, que de inveja geme,
 E já vizinha á não se apêga ao leme.

XXXVIII.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...
 Porém o tigre por cruel que breme,
 Acha forças amor, que em fim o domem;
 Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
 Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
 Como não consumis aquelle infame?
 Mas pagar tanto amor com tedio, e asco...
 Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

XXXIX.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
 Quando eu a fé rendia ao teu engano;
 Nem me offendêras a escutar-me altivo,
 Que he favor, dado a tempo, hum defengano:
 Porém deixando o coração cativo
 Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
 Fugiste-me, traidor, e desta sorte
 Paga meu fino amor tão crua morte?

XL.

Tão dura ingravidão menos sentira,
 E esse fado cruel doce me fora,
 Se a meu despeito triunfar não vira
 Essa indigna, essa infame, essa traidora:
 Por serva, por escrava te seguira,
 Se não temêra de chamar Senhora
 A vil Paraguaçu, que sem que o creia,
 Sobre ser-me inferior, he nescia, e feia.

XLI.

Em fim, tens coração de ver-me afflita,
 Fluctuar moribunda entre estas ondas;
 Nem o passado amor teu peito incita
 A hum ai sómente, com q̄ aos meus respon-
 Barbaro, se esta fé teu peito irrita, (das:
 (Disse, vendo-o fugir) ah não te escondas;
 Dispara sobre mim teu cruel raio ...
 E indo a dizer o mais, cahe n'hum desmaio.

XLII.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme;
 Pálida a côr, o aspecto moribundo,
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,
 Entre as falsas escumas desce ao fundo:
 Mas na onda do mar, que irado freme,
 Tornando a apparecer desde o profundo;
 Ah Diogo cruel! disse com mágoa,
 E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa.

XLIII.

Chorarão da Bahia as Nynfas bellas,
 Que nadando a Moema acompanhavão;
 E vendo que sem dor navegão dellas,
 A' branca praia com furor tornavão:
 Nem pode o claro Heróe sem pena vellas,
 Com tantas provas, que de amor lhe davão;
 Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
 Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

XLIV.

Voava em tanto a não na azul corrente,
 Impellida de hum Zefyro sereno,
 E do brilhante mar o espaço ingente
 Hum campo parecia igual, e ameno:
 Encrespava-se a onda docemente,
 Qual aura leve, quando move o feno;
 E como o prado ameno rir costuma,
 Imitava as boninas com a escuma.

XLV.

XLV.

Du Plessis, que os Francezes governava,
 Em huma noite clara á poppa estando,
 Os casos de Diogo, que escutava,
 Admira no naufragio memorando:
 Depois do Heróe prudente perguntava
 Quem achára o Brazil, o como, e quando
 Ganhára no recondito hemisferio
 Tanto thesouro o Lusitano Imperio?

XLVI.

Dous Monarcas (responde o Lusitano)
 Já sabes que no Occaso, e no Oriente
 Nóvos Mundos buscárão pelo Oceano,
 Depois de haver domado a Libya ardente:
 E que, onde não chegou Grego, ou Romano,
 Passa o forte Hispano, e a Lusa gente;
 Que instruidos na Nautica com arte,
 Descubrirão do Mundo outra grã parte.

XLVII.

Do Téjo ao China o Portuguez impéra,
 De hum pólo ao outro o Castelhana voa,
 E os dous extremos da redonda esféra,
 Dependem de Sevilha, e de Lisboa: (2)
 Mas depois que Colon sinaes trouxera,
 (Colon, de quem no Mundo a fama voa)
 Deste novo admiravel continente
 Discorda com Castella o Luso ardente.

XLVIII.

XLVIII.

Já se dispunha a guerra sanguinosa ;
 Porém o commum Pai aos dous intima
 Arbitrio na contenda duvidosa ,
 Que a parte competente aos Reis estima.
 Deíde Roma Alexandre imperiosa ,
 Deixando ambos em paz a empreza anima ,
 E huma linha lançando ao Ceo profundo ,
 Por Fernando, e João reparte o Mundo.

XLIX.

Na vasta divisão, que ao Luso veio ,
 O precioso Brazil contido fica :
 Paiz de gentes, e prodigios cheio ,
 Da America feliz porção mais rica :
 Aqui do vasto Oceano no meio
 Por horrivel tormenta a prôa applica
 O illustre Cabral com fausto acaso
 Sobre grãos dezeleis do nosso Occaso.

L.

Da nova Região, que attento observa ,
 Admira o clima doce, o campo ameno ,
 E entre arvoredo immenso, a fertil herva
 Na viçosa extensão do aureo terreno :
 Cuberta a praia está de grã caterva
 De incognita Nação, que com o aceno ,
 Porque a lingua ignorava, á paz convida ,
 Erguendo-lhe o troféo do Author da vida.

LII.

Era o tempo, em que alegre refuscita,
 A verde planta, que murchou no Inverno;
 E quando a solar méta o tempo excita,
 Em que o Rei triunfou da morte eterno:
 Tão sagrada memoria a frota incita
 A celebrar ao Vencedor do Inferno
 O sacrificio, donde a fé venera,
 A Paixão, que em tal tempo succedêra.

LII.

Em frondosa ramada o Lusitano
 Hum Altar fabricou no prado extenso,
 Donde assista ao Mysterio soberano
 Da Lusitana esquadra o povo immenso:
 Ao Rei triunfante do infernal tyranno,
 Odorifero fuma o sacro incenso,
 E a victima do Ceo, que a paz indica
 A' gente, e nova terra sanctifica.

LIII.

Notar o Americano alli contende,
 Do sacrosanto Altar o acto sublime;
 E tanto a simples gente o aceno entende,
 Que parece que a acção por santa estime:
 Algum que olhava ao celebrante, emprende
 O gesto arremedar, que orando exprime,
 E as mãos une, e levanta, e talvez solta;
 E quando o vê voltar, tambem se volta.

LIV.

LIV.

Como as nossas acções talvez espia
 O peloso animal, que o mato hospeda,
 E quanto vê fazer, como á porfia,
 Tudo posto a observar, logo arremeda:
 Tal o Gentio simples parecia,
 Que nem hum pé, nem passo dalli arreda,
 E ao santo sacrificio attento, e mudo,
 O que aos mais vio fazer, fazia-o tudo.

LV.

Aqui depois que ás turbas eloquente
 Dicta o sacro Orador pio conceito,
 E a fé dispensa no animo valente
 Do nobre Povo a propagalla eleito:
 Participa da cea a Christã gente,
 E o dom recebem com fiel respeito;
 E he fama que Cabral, que os convocára,
 Montando sobre hum alto, assim fallára.

LVI.

Gloriosa Nação, que a terra vasta
 Vais a livrar do Paganismo immundo,
 A quem esse Orbe antigo já não basta,
 Nem a immensa extensão do mar profundo:
 Neste occulto Paiz, que o mar affasta,
 Tem teu zelo por campo hum novo Mundo;
 E quando tanta fé seus termos sonde,
 Outro Mundo acharás, se outro se esconde.

LVII.

LVII.

Oh profundo conselho ! Abyfino immenso
 Do poder, e saber do Omnipotente !
 Que estivesse escondida no Orbe extenso
 Tanta parte do Mundo á sabia gente !
 Sincoenta e cinco seculos sem senso
 Das Nações deste vasto continente,
 E em tanta indagação dos sabios feita,
 Não cahir-nos na mente nem suspeita !

LVIII.

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
 Em que a alta Providencia aqui nos guia ;
 Quando á ignorancia Christo o perdão ora ;
 Quando morre na Cruz, no proprio dia :
 Na bandeira do mar triunfadora
 Tremolamos as Chagas com fé pia,
 E nellas quiz á grei, que em sombras langue,
 Vir neste dia a offerecer seu sangue.

LIX.

Goza de tanto bem, terra bendita,
 E da Cruz do Senhor teu nome seja ;
 E quanto a luz mais tarda te visita,
 Tanto mais abundante em ti se veja :
 Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
 Maduro fruto da Paixão na Igreja,
 Da fé renovo pelo fruto nobre,
 Que o dia nos mostrou, que te descobre.

LX.

Dizendo assim ajoelha, e Cruz em tanto
 Sublime n'hum oiteiro se colloca;
 O Exercito formado ao final santo
 Se prostra humilde, pondo em terra a boca:
 Pasma o Gentio, e admira com espanto
 A melodia, com que o Ceo se invoca,
 Hymno entoando á Cruz pios Cantores,
 E respondendo as trompas, e os tambores.

LXI.

Terra porém depois chamou a gente
 Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
 D'outro lenho nas tintas excellente,
 Se lembra menos do que o foi da vida:
 Assim ama o mortal o bem presente;
 Assim o nome esquece, que o convida
 Aos interesses da futura gloria,
 Aos bens attento só da transitoria.

LXII.

Observa o bom Cabral todo o prospêto
 Da immensa costa, e pelo clima puro;
 Pelo abordo tranquillo, e mar quieto,
 Chama o seio, em que entrou Porto Seguro:
 E olhando com saudade o doce objecto
 Do seu destino, se lamenta escuro,
 Que pela empreza a que mandado fora,
 Não permite na Armada outra demora.

LXIII.

LXIII.

Manda depois ao Luso Dominante
 Hum aviso do clima descoberto ;
 Nem tarda Manoel então Reinante
 A enviar hum Cosmografo , que experto
 Da escola fora , que o famoso Infante (3)
 Para a Nautica sciencia tinha aberto ,
 E Americo dispõe , que ao Brazil parta ,
 De quem deo nome ao continente a Carta.

LXIV.

E por ter quem aos nossos interprete
 Do ignorado idioma a escura sorte ,
 Alguns em terra condemnados mette ,
 Devidos por delicto á crua morte ;
 A vida como premio lhe promette ,
 Quando com peito se atrevessem forte
 A esperar no Sertão nova viagem ,
 Aprendendo os rodeios da linguagem.

LXV.

Com acenos depois á gente bruta
 Os seus que lhe deixava , recommenda ,
 E no claro perigo , em que os reputa ,
 Arma lhe deixa , que na guerra offenda :
 Dá-lhe a especie , que alli bem se commuta ,
 Em que possão tratar por compra , e venda ;
 Espelhos , cascaveis , anzoes , cutélos ,
 Campainhas , fuzis , ferras , martélos.

LXVI.

Nem se demora mais a forte Armada;
 E convidando o vento, estende a véla,
 Corre a barbara gente amontoada
 Ao embarque nas náos da Tropa bella:
 E, ao que póde entender-se, magoada
 Por faudade, que tem de mais não vella,
 Com accnos, e voz enternecida
 Fazião a seu modo a despedida.

LXVII.

Mais faudosos os tristes desterrados,
 Correndo immenso risco a lingua aprendem,
 Recebendo alimentos commutados
 Pelas especies, que ao Gentio vendem:
 Talvez os tem co-a cithara encantados;
 Talvez com cascaveis todos suspendem;
 Mas o objecto que a vista mais lhe assombra
 He ver dentro do espelho a propria sombra:

LXVIII.

Extatico qualquer notando admira,
 Dentro ao terso crystal a horrivel cara:
 Pergunta-lhe quem he, como se ouvira;
 E crendo estar no inverso o que enxergara,
 De huma parte a outra parte o espelho vira;
 E não topando o vulto na luz clara,
 Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
 Se a imagem acha, que observou no centro.

LXIX.

LXIX.

Mas em quanto estes errão vagabundos,
 Americo Vespucci, e o forte Coelho,
 A longa costa, e os seios mais profundos
 Demarcavão no Nautico conselho:
 Descubridor tambem dos novos Mundos
 Foi Jaques na Marinha experto, e velho,
 De quem já demarcado em carta ouvimos
 Esse ameno reconcavo, que vimos.

LXX.

Eu depois destes na occasião presente,
 Quanto o vasto Sertão nos encubria,
 Descubri, pondo em fuga a bruta gente,
 O reconcavo interno da Bahia:
 Notei na vasta terra a turba ingente,
 Que mais Europa toda não teria,
 Se da grã cordilheira ao mar baixando,
 Desde a Prata ao Pará se for contando.

LXXI.

Dá principio na America opulenta
 As Provincias do Imperio Lusitano,
 O Grã Pará, que hum mar nos representa,
 Emulo em meio á terra do Oceano:
 Foi descoberto já (como se intenta)
 Por ordem de Pissarro, de Arelhano;
 Paiz, que a linha Equinocial tem dentro,
 Onde a Torrida Zona estende o centro.

LXXII.

LXXII.

Em nove leguas só de comprimento,
 Vinte seis de circuito se espraia
 No vasto Maranhão d'agoa opulento,
 Huma Ilha bella, que se estende á praia:
 Regão-lhe quinze rios o aureo assento,
 E hum breve estreito, que lhe fórma a raia,
 Póde passar por Isthmo, que a encadea
 A' terra firme por mui breve arêa.

LXXIII.

O Ceará depois, Provincia vasta,
 Sem pórtos, e commercio jaz inculta;
 Gentio immentio, que em seus campos pasta,
 Mais fero que outros o Estrangeiro insulta:
 Com violento curso ao mar se arrasta
 De hum lago do Sertão, de que resulta,
 Rio, onde pescão nas profundas minas
 As brazilicas perolas mais finas.

LXXIV.

Da fertil Paraíba não occorre
 Que informe a gente vossa, sendo empreza
 Do commercio Francez, que alli conorre
 A lenhos carregar, que a Europa preza:
 Não mui longe da costa, que alli corre
 Huma Ilha vedes de menor grandeza,
 Que amena, fertil, rica, e povoada
 He d'Itamaracá de nós chamada.

LXXV.

LXXV.

A oito grãos do Equinocio se dilata
 Pernambuco, Provincia deliciosa,
 A pingue caça, a pesca, a fruta grata,
 A madeira entre as outras mais preciosa:
 O prospecto, que os olhos arrebatava
 Na verdura das arvores frondosa,
 Faz que o erro se escuse a meu aviso,
 De crer que fora hum dia o Paraíso.

LXXVI.

Serzipe então d'ElRei: logo o terreno
 De que viste a belleza, e perspectiva;
 Nem cuido que outro visses mais ameno,
 Nem donde com mais gosto a gente viva:
 Clima saudavel, Ceo sempre sereno,
 Mitigada na nevoa a calma activa;
 Palmas, mangues, mil plantas na espessura,
 Não ha depois do Ceo mais formosura.

LXXVII.

A quinze grãos do Sul na foz extensa
 De hum vasto rio, por ilheos cortado,
 Outra Provincia de cultura immensa,
 Tem dos proprios ilheos nome tomado:
 Depois Porto Seguro, a quem compensa
 O espaço da Provincia limitado,
 Outra de ambito vasto, que se affoma,
 E do Espirito Santo o nome toma.

LXXVIII.

LXXVIII.

Nhiteroi dos Tamoyos habitada,
 Por largas terras seu dominio estende,
 Famosa região pela enseada,
 Que huma grá barra dentro em si comprehende:
 Esta praia dos vossos frequentada,
 Que pomo de discordia entre nós pende,
 Custará, se presago não me engano,
 Muito sangue ao Francez, e ao Lusitano.

LXXIX.

S. Vicente, e S. Paulo os nomes derão
 A's extremas Provincias, que occupamos;
 Bem que ao Rio da Prata se estendêrão
 As que com proprio marco assinalamos:
 E por memoria de que nossas erão,
 De *Marco* o nome no lugar deixamos,
 Povoação, que aos vindouros significa,
 Onde o termo Hespanhol, e o Luso fica.

(1) *Lapa.* Esta he a célebre Igreja da Lapa, em que parece que a Natureza preparou a Graça hum admiravel edificio. Veja-se Sebastião da Róchia Pitta.

(2) *Sevilha.* Então Corte de Hespanha.

(3) *Do famoso Infante.* A escola Nautica, e Mathematica, fundada em Sagres pelo Senhor Infante D. Henrique, deo os ultimos lumes a Colon, Americo Vespucci, e outros Cosmografos estranhos, que em nenhuma outra Região da terra podião achar estudos áquelle tempo tão célebres, como os de Portugal.

LXXIX

2. Vicente e 2. Paulo os nomes deão
 A e extremas Provincias, que occupamos;
 Bem que ao Rio da Tria se estendão
 As que com proprio marco sinalizamos:
 E por memoria de que dollsas erão
 De Mago o nome no lugar deixamos
 Loyas de nos vindamos ligadas
 Onde o termo hespanhol e o lulo hea

LXXX

A quinze grãos de Salus he extensa
 De hum valle ro, por ilheas corada,
 Coma Provincia de cultura inuenta,
 Coma dos povos ilheos nome tomado
 Depois deo a S. Paulo a quem compenta
 O nome da Provincia limitado
 Coma de apelo, que se he a
 Coma de apelo, que se he a

CAN-

III.

Paraguaçu porém, que já mais vira
 Espectaculo igual, suspensa para;
 Nem falla, nem se volta, nem respira,
 Immoavel a pestana, e fixa a cara:
 E cheia a fantasia do que admira,
 Causa-lhe tanto pasmo a visão rara,
 Que estúpida parece ter perdido
 O discurso, a memoria, a voz, e o ouvido.

IV.

Qual pendente o tenro Infante ao collo da ama,
 Se hum novo, e bello objecto tem presente,
 Que nem a doce mãe, que ao peito o chama,
 Nem os mimos do pai pasmado sente:
 Tod' a alma no que vê fixo derrama,
 E só parece pelo olhar vivente:
 Não foi da Americana o ar diverso,
 Vendo em Paris a summa do Universo.

V.

Por fama que se ouvio da novidade
 A admirar o espectáculo se ajunta,
 Curiosa do successo a grã Cidade,
 E hū se admira, outro o conta, algū pergunta:
 Cresce o vago rumor sobre a verdade;
 E a plebe, que a Diogo acode junta,
 Delle, e da Esposa divulgada tinha,
 Que era o Rei do Brazil, e ella a Rainha.

VI.

POEMA EPICO. CANTO VII. 197.

VI.

E já avistavão do Palacio Augusto
Em bella perspectiva o Regio espaço,
E o atrio vendo de troféos onusto,
Entrão do Franco Rei no excelso Paço:
Cinge as portas exercito robusto,
Brilhante guarda, de que o invicto braço
Ao lado sempre da Real Pessoa,
Sustenta as Lises, e defende a Croa.

VII.

Era alli Christianissimo Reinante
Entre os Francezes o segundo Henrique,
Méta então do Germano fulminante,
Que oppôz de Carlos ás victorias dique:
Orthodoxo Monarca, da Fé amante,
Que faz que em toda a França immovel fique
O antigo culto, e Religião paterna,
Que invadio de Calvino a Fuia Averna.

VIII.

Senta-se ao Regio lado a grã Princesa,
Formosa Lis, que do Arno Florentino
Trouxe a França hum thesouro de belleza,
E outro maior no engenho peregrino:
Formoso par, que a sábia Natureza
Não sem instincto conjugou Divino;
Porque roubando Henrique a dura morte,
Sustente França Catharina a Forte.

IX.

IX.

Ao Throno Christianissimo prostrado
 A Regia Mão dos dous Monarcas beija
 O bom Diogo, tendo a Esposa ao lado,
 E faz que attenta toda a Corte esteja:
 E havendo por tres vezes humilhado
 A frente aos Reis, que respeitar deseja,
 He fama, que com gesto reverente
 Fallára deste modo ao Rei potente.

XIV

Tendes a vossos pés, Sire, invocando
 No throno da grandeza a Magestade,
 Estes dous peregrinos, que surcando
 Do procelloso mar a immensidade,
 No Imperio, que regeis com sabio mando,
 Buscão a sylo na Real piedade;
 E a vós, e ao vosso Reino se dirigem,
 Donde tem Portugal o nome, e a origem.

XI.V

O Brazil, Sire, infunde-me a confiança,
 Que alli renasça o Portuguez Imperio,
 Que estendendo-se ao Cabo da Esperança,
 Tem descoberto ao Mundo outro hemisterio:
 Tempo virá, se o vaticinio o alcança,
 Que o cadente esplendor do nome Hesperio
 O seculo, em que está, recobre de ouro,
 E lhe cinja o Brazil mais nobre louro.

XII.

E Tu, que ao Luso Reino hum germe Augusto
 No grão Burgundo a propagar mandaste,
 Contépla, ó França Heróica, o Imperio justo,
 Como ramo do teu, que alli plantaste:
 E se o inculto Brazil, se o Cafre adusto
 Por teus famosos Netos subjugaste,
 Admitte ao throno do Solar primeiro
 Este teu não indigno aventureiro.

XIII.

E esta, que ao lado meu teu Sceptro beija,
 Princesa do Brazil, que hum tempo fora,
 No seio da Christá piedosa Igreja,
 Como Mãi pia regenera agora.
 He bem que a Mãi primeira o Brazil veja,
 Donde a gente nasceo, que lhe he Senhora;
 E quando a Lusitania lhe he Rainha,
 Tome o Brazil a França por Madrinha.

XIV.

Disse o Heróe generoso, e o Rei potente,
 Recordando os annaes de antiga Historia;
 Com vista magestosa, mas clemente,
 Deo final de agradar-lhe esta memoria:
 Com susurro entre tanto a aulica gente
 Celebra, como propria, a Lusa gloria;
 E impondo-lhe silencio alto respeito,
 Respondem com os olhos, e co' peito.

XV.

XV.

Mongomerí, que serve na assemblea,
 De interprete do Rei, fallou benigno;
 Conforme na resposta á justa idéa,
 De que o bom Diogo se mostrou tão digno:
 Nem vendo a Lyfia de conquistas cheia
 Lhe inspira o impulso da ambição maligno,
 A invejar-lhe já mais troféos tamanhos,
 Que em prole sua não reputa estranhos.

XVI.

Ide, disse a Rainha, o par ditoso,
 Que o banho santo, donde a culpa amára,
 Se apague nesse peito generoso,
 Comigo a França apadrinhar prepara.
 E quando o Sol seu curso luminoso
 Tres vezes repetir na Esféra clara,
 Será das nodoas do Tartareo abyfmo
 Lavada a bella Dama no Baptifmo.

XVII.

Era o dia, em que he fama, que o homem feito
 De terra, foi na Estatua preciosa,
 Em que Deos lhe infundira no seu peito
 Do Soberano ser cópia formosa.
 Dia do nosso rito ao culto eleito
 De Simáo, e Thaddeo, quando formosa
 Entrou Praguaçu com feliz sorte
 No banho Santo, rodeando-a a Corte.

XVIII.

XVIII.

A' roda o Real Clero, e grão Jerarca
 Fôrma em meio á Capella a Augusta linha ;
 Entre os Pares seguia o bom Monarca,
 E ao lado da Neofyta a Rainha.
 Vê-se cópia de lumes nãda parca,
 E a turba immensa, que das guardas vinha ;
 E dando o nome a Augusta á nobre Dama,
 Põe-lhe o seu proprio, e Catharina a chama.

XIX.

Banhada a formosissima Donzella,
 No Santo Crisma, que os Christãos confirma,
 Os Desposorios na Real Capella
 Com o valente Diogo amante firma :
 Catharina Alyres se nomea a bella, (1)
 De quem a glotia no troféo se affirma,
 Com que a Bahia, que lhe foi Senhora,
 N'outro tempo, a confessa, e fundadora.

XX.

Prepara-se hum banquete com grandeza,
 Em que a cópia compita co'-a elegancia ;
 E aos dous Consortes se dispõe a meza
 No magnífico Paço em Regia estancia :
 Nem se dedigna a Soberana Alteza,
 Depois de os regalar com abundancia,
 De dar Rainha e Rei, de ouvir curiosos,
 Huma audiencia privada aos dous Esposos.

XXI.

XXI.

Depois (disse o Monarca) que informado
 De meus Ministros tenho a Historia ouvido,
 Como folte das ondas agitado,
 Como da gente barbara temido:
 Sabendo que os Sertões tens visitado,
 E o centro do Brazil reconhecido,
 Quero das terras, dos viventes plantas,
 Que a Historia contes de Provincias tantas.

XXII.

Mandas-me, Rei Augusto, que te exponha,
 (Diz cheio de respeito o Heróe prudente)
 E aos olhos teus em hum compendio ponha
 A Historia natural da occulta gente:
 Se esperas de mim, Sire, que componha
 Exacta narração da cópia ingente,
 Empreza tanta he, quando obedeça,
 Que faz que o tempo falte, e a voz falleça.

XXIII.

Mil e fincoenta e seis legoas de Costa,
 De valles, e arvoredos revestida,
 Tem a terra Brazilica composta
 De montes de grandeza desmedida:
 Os Guararapes, Borborema posta
 Sobre as nuvens na cima recrescida,
 A ferra de Aimorés, que ao pólo he raia,
 As de Ibo-ti-catú, e Itatiaia.

XXIV.

XXIV.

Nos vastos rios, e altas alagoas
 Mares dentro das terras representa;
 Cuberto o Grão Pará de mil cañoas
 Tem na espantosa fóz legoas oitenta.
 Por dezefete se desagoa boas
 O vasto Maranhão; legoas quarenta,
 O Jaguaribe dista; outro se engrossa
 De S. Francisco, com que o mar se adoça.

XXV.

O Serzipe, o Real de licor puro,
 Que com vinte o Sertão regando correm,
 Santa Cruz, que no Porto entra seguro,
 Depois de trinta, que no mar concorrem:
 Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
 Que abrindo a vasta fóz no Oceano morrem,
 O Rio Doce, a Cananea, a Prata,
 E outros fincoenta mais, com que arremata.

XXVI.

O mais rico, e importante vegetável
 He a doce cana, donde o assucar brota,
 Em pouco as nossas canas comparavel;
 Mas nas do milho proporção se nota:
 Com manobra expedita, e praticavel,
 Espremido em moenda o succo bota,
 Que acafo a antiguidade imaginava,
 Quando o nectar, e ambrosia celebrava.

XXVII.

XXVII.

Outra planta de muitos desejada,
 Por fragrancia que o olfacto activa sente,
 Herva santa dos nossos foi chamada,
 Mas tabaco depois da Hispana gente.
 Pelo Franco Nicot manipulada
 Expelle a bile, e o cerebro cadente
 Soccorre em modo tal, que em quem o tome,
 Parece o impulso de o tomar que he fome.

XXVIII.

He sustento commum, raiz prezada,
 Onde se extrahe, com arte util farinha,
 Que saudavel ao corpo, ao gosto agrada,
 E por delicia dos Brazis se tinha.
 Depois que em *bolandeiras* foi ralada, (2)
 No *Tapiti* se espreme, e se convinha,
 Fazem a *puba* então, e a *tapioca*,
 Que he todo o mimo, e flor da mandioca.

XXIX.

Chama o Agricultor raiz gostosa
 Aipi por nome; e em gosto se parece
 Com a molle castanha laborosa,
 De que tira o Paiz vario interesse.
 Optimo arroz em cópia prodigiosa,
 Sem cultura nos campos apparece,
 No Pará, Cuiabá, por modo feito,
 Que iguala na bondade o mais perfeito.

XXX.

Ervilhas, feijão, favas, milho, e trigo,
 Tudo a Terra produz, se se transplanta;
 Fruta também, o pomo, a pera, o figo
 Com bífera colheita, e em cópia tanta:
 Que mais que no Paiz que o dera antigo,
 No Brazil fructifica qualquer planta;
 Assim nos deo a Pérsia, e Libya ardente,
 Os que a nós transplantamos de outra gente.

XXXI.

Nas comestiveis hervas he louvada
 O Quiabo, o Giló, os Maxixeres,
 A Maniçoba peitoral prezada,
 A Taióba agradavel nos comeres:
 O palmito de folha delicada,
 E outras mil hervas, que se usar quizeres,
 Acharás na opulenta natureza
 Sempre com mimo preparada a meza.

XXXII.

Sensível chama-se herva pudibunda,
 Que quando a mão chegando algué lhe ponha,
 Parece que do tacto se confunda,
 E que fuja o que o toca por vergonha.
 Nem torna a si da confusão profunda,
 Quando ausente o aggressor se lhe não ponha;
 Documento á alma casta, que lhe indica,
 Que quem cauta não foi, nunca he pudica.

XXXIII.

XXXIII.

D'hervas medicinaes cópia tão rara,
 Tem no mato o Brazil, e na campina;
 Que quem toda a virtude lhe explorara,
 Por demais recorrêra à Medicina.
 Nasce a Gelapa alli, a sene amara,
 O Filopodio, a malva, o pão da China,
 A Caroba, a Capeba, e mil que agora
 Conhece a bruta gente, e a nossa ignora.

XXXIV.

Tem mimosos legumes, que não cedem
 Aos que usamos na Europa mais prezados,
 Gingibre, Gergelim, que os mais excedem
 Mendubim, Mangaló, que usão guizados:
 Alguns medicinaes, com que despedem
 Do peito estilicidios radicados;
 Tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata
 Mangarás, mangaritos, e batata.

XXXV.

Das flores naturaes pelo ar brilhante
 He com causa entre as mais rainha a Rosa,
 Branca sahindo a Aurora rutilante,
 E ao meio dia tinta em côr lustrosa:
 Porém crescendo a chamma rutilante,
 He purpurea de tarde a côr formosa;
 Maravilha que a Clicie competira,
 Vendo que muda a côr, quando o Sol gyra.

XXXVI.

XXXVI.

Outra engraçada flor, que em ramos pende
 (Chamão de S. João) por bella passa
 Mais que quantas o prado alli comprênde,
 Seja na bella côr, seja na graça:
 Entre a copada rama, que se estende
 Em vistosa apparencia a flor se enlaça,
 Dando a ver por diante, e nas espaldas,
 Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

XXXVII.

Nem tu me esquecerás, flor admirada,
 Em quem não sei, se a graça, se a natura
 Fez da Paixão do Redemptor Sagrada
 Huma formosa, e natural pintura:
 Pende com pomos mil sobre a latada,
 Aureos na côr, redondos na figura,
 O âmago fresco, doce, e rubicundo,
 Que o sangue indica, que salvára o Mundo.

XXXVIII.

Com densa cópia a folha se derrama,
 Que muito á vulgar Era he parecida,
 Entrefachando pela verde rama
 Mil quadros da Paixão do Author da vida:
 Milagre natural, que a mente chama
 Com impulsos da graça, que a convida,
 A pintar sobre a flor aos nossos olhos
 A Cruz de Christo, as Chagas, e os abrolhos.

XXXIX.

XXXIX.

He na fórma redonda, qual diadema
 De pontas, como espinhos, rodeada,
 A columna no meio, e hum claro emblema
 Das Chagas santas, e da Cruz sagrada:
 Vem-se os tres cravos, e na parte extrema
 Com arte a cruel lança figurada,
 A côr he branca, mas de hum roxo exsangue,
 Salpicada recorda o pio fangue.

XLIX.

Prodigio raro, estranha maravilha,
 Com que tanto mysterio se retrata!
 Onde em meio das trévas a té brilha,
 Que tanto desconhece a gente ingrata:
 Assim do lado seu nascendo filha
 A humana especie, Deos piedoso trata,
 E faz que quando a Graça em si despreza,
 Lhe pregue co' esta flor a natureza.

XLIX.

Outras flores suaves, e admiraveis
 Bordão com varia côr campinas bellas,
 E em varia multidão por agradaveis,
 A vista encantão, transportada em vellas:
 Jasmims vermelhos ha, que innumeraveis
 Cobrem paredes, tectos, e janellas;
 E sendo por miudos mal distintos,
 Entretecem purpúreos labyrinthos.

XLII.

As affucenas são talvez fragrantés,
 Como as noſſas na folha organizadas;
 Algumas no candor luſtráo brilhantes,
 Outras na côr reluzem nacaradas.
 Os bredos namorados rutilantes,
 As flores de Courana celebradas;
 E outras ſem conto pelo prado immenſo,
 Que deixáo quem as vê, como ſuſpenſo.

XLIII.

Das frutas do Paiz a mais louvada
 He o Regio Ananas, fruta tão boa,
 Que a meſma Natureza namorada
 Quiz como a Rei cingilla da coroa:
 Táo grato cheiro dá, que huma talhada
 Surprende o olfacto de qualquer peſſoa;
 Que a não ter do Ananas diſtincto aviſo,
 Frangencia a cuidará do Paraifo.

XLIV.

As fragrantés Pitombas delicadas
 São, como gemmas d' ovos na figura;
 As Pitangas com cores golpeadas
 Dáo refrigerio na febril ſeccura:
 As formoſas Guaiabas nacaradas,
 As Bananas famoſas na doçura,
 Fruta, q̃ em cachos pende, e cuida a gente
 Que fora o figo da cruel Serpente.

XLV.

Distingue-se entre as mais na fôrma, e gosto,
 Pendente de alto ramo o coco duro,
 Que em grande casca no exterior composto,
 Enche o vaso interior de hum licor puro:
 Licor, que á competencia sendo posto,
 Do antigo nectar fora o nome escuro;
 Dentro tem carne branca, como a amendoa,
 Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

XLVI.

Não são menos que as outras faborosas
 As várias frutas do Brazil campestres,
 Com gala de ouro, e purpura vistosas,
 Brilha a Mangabá, e os Mocujes silvestres:
 Os Mamões, Moricis, e outras famosas,
 De que os rudes Caboclos forão Mestres,
 Que ensinárão os nomes, que se estillão,
 Janipapo, e Cajú vinhos distillão.

XLVII.

Nas preciosas arvores se conta
 O cacão, droga em Hespanha tão commua,
 Pouco n'altura mais que arbusto monta,
 E rende novo fruto em cada Lua:
 A Bainilha nos sipós desponta,
 Que tem no chocolate a parte sua,
 Nasce em bainhas, como pãos de lacre,
 De hum succo oleoso, grato o cheiro, e acre.

XLVIII.

XLVIII.

Optimo anil de planta pequenina
 Entre as brenhas incultas se recolhe;
 Tece-se a roupa do algodão mais fina,
 Que em cópia abundantissima se colhe:
 Que se a abundancia á industria se combina,
 Cessando a inercia, que mil lucros tolhe,
 Houvera no Algodão, que alli se topa,
 Roupa, com que vestir-se toda a Europa.

XLIX.

O uruçú, fruto d'arvore pequena,
 Como lima, em pyramide elevada,
 De que hum extracto a diligencia ordena,
 Que a escarlata produz mais nacarada:
 De immortal tronco a Tarajaba amena
 Rende a aurea côr dos Belgas desejada,
 O páo Brazil, de que o engenhoso Norte
 Costuma extrahir côr de toda a sorte.

L.

Ha de balsamos arvores copadas,
 Que por legoas, e legoas se dilatão;
 Folhas cinzentas, como a murta, obradas,
 E em grato aroma os troncos se desatão:
 Se nelles pelas Luas são sangradas:
 E uso vario fazendo os que contratão,
 Lavrão remedios mil, e obras lustrosas,
 Contas de cheiro, e caixas preciosas.

LII.

A Copaiba em curas applaudida,
 Que a Médica Sciencia estima tanto,
 A Bicuiba no oleo conhecida,
 A Almecega, que se usa no quebranto.
 A preciosa madeira appetecida,
 Que o nome nos merece de Páo santo,
 O Salfafraz cheiroso, de que as Praças
 Se vem cubertas com formosas taças.

LII.

Quaes ricas vegetaveis amethyftas
 As agoas do Violete em varia casta,
 O aureo Pequiá com claras vistas,
 Que n'outros lenhos por matiz se engasta:
 O vinhatico páo, que quando avistas,
 Massa de ouro parece extensa, e vasta;
 O duro páo, que ao ferro competira,
 O Angelim, Tataipeva, o Supopira.

LIII.

Troncos varios em côr, e qualidade,
 Que inteiriças nos fazem as canoas,
 Dando a grossura tal capacidade,
 Que andão remos quarenta, e cem pessoas:
 E ha por todo o Brazil em quantidade
 Madeiras para fabricas tão boas,
 Que trazendo-as ao mar por vastos rios,
 Póde encher toda a Europa de navios.

LIV.

Nutre a vasta Região raros viventes
 Em número sem conto, e em natureza
 Dos nossos animaes tão differentes,
 Que enchem a vista da maior surpresa:
 Os que tem mais communs as nossas gentes,
 Ignora esta porção da redondeza;
 O boi, cavallo, a ovelha, a cabra, e o cão;
 Mas levados alli sem conto são.

LV.

Todo o animal he fero alli; levado
 Onde tinha o seu pasto competente;
 Nem era lugar proprio ao nosso gado,
 Que fora o bruto manso, e fera a gente:
 Como entre nós he o Tigre arrebatado,
 Cruel a Onça, o Javali fremente,
 Feras as Antas são Americanas,
 E proprias do Brazil as Suraranas.

LVI.

Vem-se Cobras terriveis monstruosas,
 Que affugentão co'a vista a gente fraca;
 As Giboias, que cingem volumosas
 Na cauda hum touro, quando o dente o ataca:
 Voa entre outras com forças horrorosas,
 Batendo a aguda cauda a Jararaca,
 Com veneno, a quem fere tão presente,
 Que logo em convulsão morrer se sente.

LVII.

LVII.

Entre outros bichos, de que o bosque abunda,
 Vê-se o espelho da gente, que he remissa,
 No animal torpe de figura immunda,
 A que o nome puzemos da Preguiça:
 Mostra no aspecto a lentidão profunda;
 E quando mais se bate, e mais se atixa,
 Conserva o tardo impulso por tal modo,
 Que em poucos passos mette hum dia todo.

LVIII.

Vê-se o Camaleão, que não se observa,
 Que tenha, como os mais, por alimento
 Ou folha, ou fruto, ou nota carne, ou herba,
 Donde a plebe affirmou, que pasta em vento:
 Mas sendo certo, que o ambiente ferva
 De infinitos insectos, por sustento
 Creio bem que se nutra na Campanha
 De quantos delles, respirando, apanha.

LIX.

Gyra o Sarehué, como pirata,
 Da criação domestica inimigo;
 A' Canção da Guariba sempre ingrata
 Responde o Guassinin, que o segue amigo:
 Da varia caça, que o Caboclo mata,
 A Narração por longa não profigo,
 Veados, Capivaras, e Coatiás,
 Pacas, Teús, Perias, Tatus, Cotias.

LX.

O mono, que a espessura habita astuto,
 De hum ramo n'outro buliçoso salta;
 E para não se crer que nasceo bruto,
 Parece que o fallar sómente falta:
 O riso imita, e contrafaz o luto;
 E a tanto sobre os mais o instincto exalta,
 Que onde a especie brutal chegar lhe véda,
 Tem arte natural, com que o arremeda.

LXI.

Entre as volateis caças mais mimosa,
 A Zabelé, que os Francolins imita,
 He de carne suave, e deliciosa,
 Que ao Tapuia voraz a gula incita:
 Logo a Enha-popé, carne preciosa,
 De que a titela mais o gosto irrita,
 Pombas verás tambem nelles paizes,
 Que em fabor fórma, e gosto são perdizes.

LXII.

Juritiz, Pararis, tenras, e gordas,
 A Hiraponga no gosto regalada,
 As Marrecas, que ao rio enchem as bordas,
 As Jacutingas, e a Aracan prezada:
 E se do lago na ribeira abordas
 De Galeirões, e patos habitada,
 Verás, correndo as agoas na canoa,
 A turba aquatil, que nadando voa.

LXIII.

LXIII.

Negou ás aves do ar a Natureza,
 Na maior parte a Musica harmonia;
 Mas compensa-se a vista na belleza,
 Do que póde faltar na melodia:
 A penna do Tocano mais se preza,
 Que feita de ouro fino se diria,
 Os Guarazes pelo ostro tão luzidos,
 Que parecem de purpura vestidos.

LXIV.

Vão pelo ar loquazes papagaios,
 Como nuvens voando em cópia ingente,
 Iguaes na formosura aos verdes Maios,
 Proferindo palavras, como a gente:
 Os Periquitos com iguaes ensaios,
 O Canindé, qual Iris reluzente;
 Mas fallão menos da pronúncia avaras,
 Gritando as formosissimas Araras.

LXV.

Como melros são negros os bicudos,
 Mais déstros, e agradaveis no seu canto,
 Na terra os Sabiás sempre são mudos;
 Mas junto d'agoa tem a voz, que he encanto:
 Os Coleirinhos no entoar agudos,
 As Patatibas, que o saudoso pranto
 Imitão, requebrando com sons varios,
 Os Colibres, e harmonicos Canarios.

LXVI.

LXVI.

Das especies maritimas de preço
 Temos perolas netas preciosas,
 Nem melhores aljofares conheço,
 Que os das ostras Brazilicas famosas:
 Ambar Griz do melhor, mais denso, e espesso,
 Nas costas do Ceará se vê espaçosas,
 Madres-perolas, conchas delicadas,
 Humas parecem de ouro, outras prateadas.

LXVII.

Piscofo o mar de peixes mais mimosos,
 Entre nós conhecidos rico abunda,
 Linguados, Saveis, Meros preciosos,
 A Agulha, de que o mar todo se inunda:
 Robalos, Salmonetes deliciosos,
 O Xerne, o Voador, que n'agoa affunda,
 Pescadas, Gallo, Arraias, e Tainhas,
 Carapãos, Encharrocos, e Sardinhas.

LXVIII.

Outros peixes, que proprios são do clima,
 Berupirás, Vermelhos, e o Garopa,
 Pampanos, Corimás, que o vulgo estima,
 Os Dourados, que préza a nossa Europa:
 Carepebas, Parus, nem desestima
 A grande cópia, que nos mares topa,
 A multidão vulgar do Chareo vasto,
 Que ás pobres gentes subministra o pasto.

LXIX.

LXIX.

De Junho a Outubro para o mar se alarga,
 Qual gigante marítimo a Balêa,
 Que palmos vinte seis conta de larga,
 Setenta de comprido, horrenda, e feia:
 Opprime as agoas com a horrivel carga,
 E de oleosa gordura em roda cheia,
 Convida o pescador, que ao mar se deite,
 Por fazer, derretendo-a, util azeite.

LXX.

Tem pôr espinhas ossos desmarcados,
 O ferro as duras péllles representão,
 Donde pendem mil busios apegados,
 Que de quanto lhe chupão se sustentão:
 Não parecem da fronte separados,
 Os vastos corpos, que na arêa assentão,
 Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
 Que ondas vomita, como aquatil bomba.

LXXI.

Na boca horrivel, como vasta gruta,
 Doze palmos comprida a lingua pende,
 Sem dentes; mas da boca immensa, e bruta
 Barbatanas quarenta ao longo estende:
 Com ellas para o estomago transmuta,
 Quanto por alimento n'agoa prende,
 O peixe, ou talvez carne, e do elemento
 A tez immunda, que lhe dá sustento.

LXXII.

LXXII.

Duas azas nos hombros tem por braços,
 Que aos lados vinte palmos se diffundem,
 Com aza, e cauda os liquidos espaços
 Batendo remão, quando o mar confundem:
 E excitando no pélagos fracços,
 Chorros d'agoa nas náos de longe infundem;
 E andando o monstro sobre o mar boiante,
 Crê que he Ilha o inexperto navegante.

LXXIII.

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
 Que, vendo prevenida a gente armada,
 Matar se deixa n'agoa combatendo,
 Por dar fuga, morrendo, á prole amada:
 Onde no filho o arpão cação mettendo,
 Com que attrahindo a mái dentro á Enleada,
 Desde a longa canoa se alancêa,
 Ao lado de seus filhos a balêa.

LXXIV.

Sobre a costa o marisco appetecido
 No arrecife se colhe, e nas ribeiras
 As Lagostas, e o Polvo retorcido,
 Os Lagostins, Santólas, Sapateiras:
 Ostras famosas, Camarão crescido,
 Caranguejos tambem de mil maneiras,
 Por entre os Mangues, donde o tino perde
 A humana vista em labyrintho verde.

(1) *Troféo*. Allude-se á Imagem de Catharina Alvres, pintada sobre a casa da polvora na Bahia.

(2) *Bolandeiras*, e *Tapitis*. Instrumentos, com que se fabrica a farinha de Mandioca. Puba (ou fubá) he a flor da mesma farinha.

LXXIII.

Bilha o transeuntem no mesmo horroto
 Que, vendo a provincia a gente amada
 Mas se deixam alyos compãrinhos
 Por dar luz, amando a patria amada
 Onde no silbo o apão acação temendo
 Com que arrabado a malhermosa lãçada
 Deste a longa canoa de alãça
 A cada de levãlhos a dala...

LXXIV.

Sobre a colza o marlio apparella
 No arcolito do colhe os nas ribeirã
 As lãças e o balvo recordo
 Os lãgõs e a dala, e a dala
 Olla tamora, Capãto e a dala
 Caramurus tamora de mil manã
 A lãmanã e a dala e a dala

CAN:



CANTO VIII.

I.
Tres vezes tinha o Sol no gyro obliquo
 A carreira dos Tropicos voltado,
 E tres de Europa pelo Clima aprico,
 Tinha as plantas o Abril resuscitado:
 Depois que do Brazil se tinha rico,
 A' França o nobre Diogo transportado,
 Buscando nas viagens meio, e lume,
 Com que reforme o barbaro costume.

II.
 Mas da misera gente na lembrança,
 Que lhe excita da Esposa a cara imagem,
 Meditava deixar a amiga França,
 Repetindo a Brazilica viagem:
 Na generosa empreza não descança
 De instruir a rudeza do salvagem,
 E cuida com razão que he humanidade,
 Amançar-lhe a cruel barbaridade.

III.

III.

Em quanto não, e embarque negocea,
 Do amigo Du-Plessis solicitado,
 Foi-lhe do Rei Francez proposta a idéa,
 De erguer as Lizes no paiz buscado:
 Terás (lhe disse, e he facil que se crea,
 Que lho dizia do seu Rei mandado,)
 Terás da França auxilio, e Tropa immensa,
 E maior que o serviço a recompensa.

IV.

Que se o empenho te occupa generoso
 De amansar do Genticio a mente impia,
 Trazendo a França hum povo numeroso,
 Melhor se amansará na companhia:
 Que engano fora a Europa pernicioso,
 Quando Colonias derramando envia,
 Extinguir sem remedio a infeliz gente,
 E despovoar-se com a Tropa ausente.

V.

Desta arte Roma o Imperio seu fazia,
 Que as Colonias pelo Orbe derramando,
 Do paiz conquistado outras unia,
 Com que hia a falta propria reparando:
 N'hum seculo, que o barbaro vivia,
 Na grã Roma Romano hia ficando,
 E neste arbitrio de pensar profundo,
 Foi Mundo Roma, e foi Romano o Mundo.

VI.

POEMA EPICO. CANTO VIII. 223
VI.

Este meio por tanto eu te fuggiro, (1)
Que se a tua prudencia hoje executa,
Verás em pouco tempo, como aspiro,
Franceza pelo trato a gente bruta:
Vive sempre brutal no seu retiro,
Quem ninguem communica, e nada escuta,
Nem o Salvagem tiráras da toca,
Se outro paiz não trata, e o seu não troca.

VII.

E em tanto que o terreno nosso habita,
Transmigrada a infeliz Gentilidade,
A gente, que perdemos infinita,
Supprirá com commua utilidade:
Assim a Agricultura mais se excita,
Cresce a plebe no campo, e na Cidade,
E a turba inerte, que corrompe a terra,
Ou se deixa emendada, ou se desterra.

VIII.

Disse o Francez prudente, e o nobre Diogo,
Leal á amada Patria respondendo,
Sábio projecto das (replicou logo)
Sobre a população; nada o contendo:
Mas não posso convir no exposto rógó,
Sendo fiel ao Rei, Portuguez sendo,
Quando o Luso Monarca julgo certo
Senhor de quanto deixa descoberto.

IX.

IX.

Vivendo ex lege hum povo na Anarquia,
 Tem direito o vizinho a sujeitallo,
 Que a Natureza mesma inspiraria,
 Ao que fosse mais proximo a amansallo:
 Deixo que o Ceo parece que o queria, (2)
 Dando a Cabral o instinto de buscallo,
 E o sei em caso tal commum conceito,
 Que quem primeiro o occupa, tem direito.

X.

E sem que offenda a França a minha escusa,
 He bem que esta conquista a Lísia faça;
 Mas em quanto a Bahia o não recusa,
 Ser-vos-ha no commercio a melhor praça:
 Cópia de drogas achareis profusa,
 E o lenho precioso alli de graça;
 E durando eu na Patria obediencia,
 Serei Francez na obrigação, e agencia.

XI.

Admirou Du-Plessis no peito nobre
 O generoso ardor, e o patrio zelo,
 Que a illustre condição no obrar descobre,
 Novo motivo para mais querello:
 Sem mais receio que o contrario elle obre,
 Na nova expedição quer socio tello;
 Mas antes de embarcar-se o heróe prudente,
 Avisa o Luso Rei da empreza ingente.

XII.

XII.

Já pelo falso Oceano navega,
 A França não, e o Cabo se divisa,
 Donde á Europa no Occaso ao termo chega,
 Tido do antigo nauta por balisa:
 A terra alli se vê, que o Minho rega,
 Correndo a colta da feliz Galisa;
 E o rumo então seguindo do Occidente,
 Ao meio dia se navega ardente!

XIII.

Não longe do Equador o mar cortava,
 Quando Paraguaçu, já Catharina,
 Como era seu costume, attenta orava,
 Implorando o favor da Mão Divina:
 E eis que a vista da turba, que a observava,
 Em quanto adora a Magestade Trina,
 Em somno fica suspendida, e aborta,
 E algum cuida que dorme, outro q' he morta.

XIV.

Brilha no aspecto humar do affecto interno;
 Mas em funda abstracção com doce calma,
 Bem se lhe vê pelo semblante externo,
 Que occupa em grande objecto a feliz alma.
 Vê-se nella arraiar do lume eterno,
 Que no Ceo goza, quem já logra a palma,
 Admiravel vislumbre, que suspende,
 E infunde hú pio affecto em quem o attende.

XV.

Affim por longas horas abstrahida
 Deixava o caro esposo na anxiedade,
 Se era somno, em que estava suspendida,
 Se era effeito de cruel enfermidade:
 Ora suspeita que perigue a vida,
 Ora na Celestial tranquillidade
 Crê que do claro Empyreo habitadora,
 Immortal sobre o Ceo reinando mora.

XVI.

Até que a si tornada docemente,
 Corre a turba co'a vista em grato gyro;
 E como quem esta aura ingrata sente,
 Rompe os longos silencios n'hum suspiro:
 Oh doce, (disse) oh Patria permanente!
 Que escuro este ar parece, que respiro!
 Feliz quem contemplando o Ceo formoso;
 Vive no seio do celeste esposo!

XVII.

Pasmado Diogo, e a multidão, que a ouvia,
 Calão todos no affombro de admirados,
 Nem já duvidão que visão senia,
 Em que ouvira os mysterios revelados:
 Quando occultos segredos Deos confia,
 Não devem ser (diz Diogo) propalados;
 Mas se em parte, como este, he manifesto,
 Temerario não sou, se inquirio o resto.

XVIII.

Narra-nos, feliz alma, a visão bella,
 Quem sabe se por ti nos manda aviso
 A Providencia, que ao governo véla,
 Do mortal nos seus fins sempre indeciso:
 Não nos cales tem tanto o que revela
 Por nosso lume, o excelso Paraíso,
 E a nossos rōgos com memoria prompta,
 Dizendo quanto viste, tudo conta.

IXIX.

Calárão todos com ouvido attento,
 Pendendo da expressão de Catharina;
 E tomando na poppa em roda assento,
 Dão-lho sobre hũ canhão, q' ao bordo inclina:
 Mandais-me (a Dama disse) que o portento
 Haja de expôr-vos da impressão divina:
 Quem poderá contar cousa tão alta,
 Quando o lume cessou, a sciencia falta?

XX.

Nem inculco em meu sonho hum sacro instinto,
 Que tudo fingir pôde a fantasia;
 Porque a imagem talvez que n'alma pinto,
 Por força natural se fingiria:
 Pôde ser, se presaga a idéa sinto,
 Que sem extraordinaria p'fotecia,
 Antevêja o successo, o tempo, e o prazo;
 E depois não succeda, ou seja acaso.

XXI.

Vi, não fei s'era impulso imaginario;
 Hum globo de diamante claro, e immenso;
 E nos seus fundos figurar-se vario
 Hum Paiz opulento, rico, e extenso:
 E applicando o cuidado necessario,
 Em nada do meu proprio o differença;
 Era o aureo Brazil tão vasto, e fundo,
 Que parecia no diamante hum Mundo.

XXII.

Fixo os olhos attenta no estupendo
 Milagroso espectaculo, que via,
 E em tres legoas de boca vi correndo
 Por doze de diametro a Bahia.
 Seis rios pelo golfo discorrendo,
 Engenhos, povoações, que descubria,
 Erão como ornamentos da Cidade,
 De que se ergue no plano a Magestade.

XXIII.

Parecia em seis bairros dividida,
 Com duas Praças de extensão formosa;
 Fortaleza alli vi na barra erguida,
 Outra a parte de terra magestosa:
 A enseada por oito defendida,
 E outra em Taparica poderosa;
 Duas casas de polvora, e na entrada
 Vi-me a mim de huma dellas retratada.

XXIV.

Dentro a hum Templo magnífico se via
 De seus Prêlados turma numerosa,
 De que hum ás mãos dos barbaros morria,
 Outro a espada cingia valerosa:
 Muitos de alta virtude os matos via,
 Com caridade discorrer zelosa,
 Sem poupar tẽpo, estudo, ou vida, ou gal-
 Por propagar a Fé no Sertão vasto.

XXV.

No grão palacio em tintas retratados
 Os que o governo do Brazil tiverão,
 Os Souzas na Bahia decantados,
 Os nobres Coftas, que depois vierão:
 Mas entre outros na guerra celebrados,
 Por troféos, que vencendo merecêrão,
 Mendo de Sá de gloriosa fama,
 Que Pai da Patria no Brazil se acclama.

XXVI.

Deste era prole o intrepido Fernando,
 Que alli vi fulminando a forte espada;
 E contra a feroz gente peleijando,
 Deixou a morte com valor vingada:
 Mas da Bahia os olhos levantando,
 Vi discorrer no mar potente Armada,
 Que as Ilhas occupando, e a vasta terra,
 Movia no Brazil funesta guerra.

XXVII.

XXVII.

Parecia-me a frota bellicosa
 Franceza gente, que o Brazil tentava,
 Pedro Lopes de Sousa em furiosa
 Naval batalha o mar lhe contestava:
 N'outra acção com Esquadra numerosa
 Luiz de Mello e Silva peleijava;
 Christovão Jaques, que este mar corria,
 Dous navios lhe affunda na Bahia.

XXVIII.

Era de França sim a adversa gente;
 Mas pôr culto inimigo ao Rei contraria,
 E ao rito Calvinístico adherente,
 Enviava ao Brazil Tropa advertaria:
 E protegida da facção potente
 Com as forças, e Armada necessaria,
 Querião para a infanda cerimonia
 Fabricar a Calvino huma Colonia.

XXIX.

Cavalheiro de Malta, e Franco nobre
 Era Villagathon de forte peito,
 Soldado antigo, que o valor descobre,
 E entre os Hugnoes do maior respeito:
 De mil promessas o Partido cobre,
 Havendo-o a empreza do Brazil eleito;
 E abonada de hum Chefe de esperança,
 Dá-lhe a mão a Heresia em toda a França.

XXX.

Este vi navegando a Cabo-Erio,
 Seguido de outras náos na forte empreza;
 E que tratando affavel co' Genticio,
 Explorava do sítio a natureza;
 Mostrava aos naturaes animo pio;
 E arguindo-lho a gente Portugueza,
 Induz a Nação bruta a que lhe assista
 Na empreza do commercio, e da conquista.

XXXI.

Voltou a França o Cabo diligente,
 Tendo de ricas drogas carregado;
 E convocando ás náos armada gente,
 Torna de turba ingente acompanhado:
 Nem tarda do Sertão cópia potente
 De hum povo, que nas armas alliado,
 Por amigo estimava mais sincero,
 Menos inculto sim, porém mais fero.

XXXII.

Alli Villagallon, que o troço aloja,
 A's gentes do Sertão se confedera;
 E toda a costa a dominar se arroja,
 De donde os nossos expulsar já espera:
 Do seu commercio o Portuguez despoja,
 Na fertil Paraíba, em que util era;
 Nem ha na costa do Brazil enseada,
 Que o Hugonote não tenha bloqueada.

XXXIII.

XXXIII.

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
 Tres náos, que em guerra cuidadoso armára,
 Com oito de commercio tem consigo,
 Além das que em soccorro convocára:
 E por ter força igual ás do inimigo,
 Sobre longas canoas, que ajuntára,
 Guia contra os Tamoios prepotentes
 Do bravo Carijó turmas valentes.

XXXIV.

Nbige-teroi se chama a vasta enseada,
 Que estreita boca, como barra encerra,
 Fechando em vasto porto á grande Armada
 Hum lago, que em redondo cinge a terra:
 Vê-se Ilha penhascosa sobre a entrada,
 Com fortaleza, que disposta em guerra,
 Por boca dos canhões rumor fazendo,
 Fechava a barra ao valeroso Mendo.

XXXV.

Era a Ilha de róchas guarnecida,
 Que em torno tem por natural muralha,
 Donde a força das balas rebatida,
 Faz inutil dos Lusos a batalha:
 Tres dias foi dos nossos combatida,
 Sem que o fogo incessante aos nossos valha,
 Até que fatigado o invicto Mendo,
 Invade á escala vista o forte horrendo.

XXXVI.

XXXVI.

Entre fréchas, e balas destemido
 Na penha o Portuguez trepando falta;
 E deixando o Francez esmorecido,
 Degolla, mata, fere, invade, e assalta:
 Nem do antigo valor cede esquecido
 O Francez animoso, até que falta
 De sangue a brava gente na contenda,
 Faz a perda, e canção que a Ilha renda.

XXXVII.

Nem mais demora teve o invicto Mendo
 Ao ver a gente adversa dissipada,
 E a excelsa fortaleza desfazendo,
 A costa visitou na forte Armada:
 E tudo ao nome seu sujeito havendo,
 A' Bahia tornou, que illuminada
 Entre o som do clarim, e alegre trompa,
 Em triunfo a Mendo recebeu com pompa.

XXXVIII.

Mas a facção do Hugnote enfurecida
 Villagalhon potente ao Brazil manda,
 Que a Ilha recobrando já perdida,
 Guerra intenta fazer por toda a banda:
 Vê-se a nossa Marinha combatida,
 E a forte Esquadra, q' o Francez commanda,
 Dominante no Oceano por modo,
 Que impedia o commercio ao Brazil todo.

XXXIX.

XXXIX.

Mais não tolera a Lusá Monarquia,
 Que ao Rei Christianissimo adherente,
 Contra a rebelde heretica porfia,
 Armada pôe na America potente:
 Chefe Estacio de Sá prudente envia,
 De válidos galeões com forte gente,
 Que o Herege expulsando da enseada,
 Deixe nova Cidade alli fundada.

XL.

Obsequioso abraçava o claro Mendo
 O valeroso Chefe seu conjunto,
 As forças da Bahia unido tendo
 As que trouxera sobre o mesmo assumpto:
 Contra os esforços do Tamoio horrendo
 Accommette o rebelde em liga junto,
 Incorporando á Armada Lusitana
 Vasto esquadrão da turba Americana.

XLI.

Chama-se Pão de açúcar o penedo,
 Em pyramide ás nuvens levantado,
 Onde de hum salto tinha já sem medo
 A turba militar desembarcado:
 Nadava pelo mar vasto arvoredo
 Do Gentio em canoas habitado;
 E do ardente Francez luzida Tropa,
 Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

XLII.

Destes o Luso campo accommittido
 De dardos, fréchas, balas se embaraça,
 Em sombra o feio todo escurecido,
 As náos occultáo nuvens de fumaça:
 E ao echo dos canhões entre o ruído,
 Tudo está cego, e surdo em campo, e praça;
 E no horrivel relampago das peças
 Cahem por terra os bustos sem cabeças.

XLIII.

Voáo as náos de chammas occupadas,
 Enchendo a enseada do infernal estrondo,
 As canoas dos nossos abordadas,
 E os galeões, que em linha se vão pondo:
 Os golpes, que retinem das espadas,
 O golfo, que arde em chammas em redondo,
 Eráo na terra, e mar em sangue tinto
 Hum abyfimo, hũ inferno, hum labyrintho.

XLIV.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
 Dura a batalha com commum perigo,
 Cessando o impulso do contrario fogo,
 Todo o estrago apparece do inimigo:
 Tinha cedido da contenda logo
 Receoso o Tamoio do castigo;
 E os Francezes, que as náos mal sustentaváo,
 Entre as penhas o asylo procuraváo.

XLV.

XLV.

Não cessa o bravo Sá contra o Gêtio,
 E a forte tropa pelo mato avança;
 Porque abatendo o orgulho, e insano brío,
 Se apartasse o Sertão da infame alliança:
 Nem receia o Tamoio o desafio,
 Tendo no seu valor tanta confiança,
 Que fugindo da aldeia ao mato, e gruta,
 A liberdade ao Portuguez disputa.

XLVI.

Era áspero o combate, e lenta a guerra,
 E sem effeito o assedio ao Francez posto;
 E o barbaro, embrenhado dentro a terra,
 Tinha emboscada ao Portuguez disposto:
 Mendo, que n'alma o grão cuidado encerra,
 Tendo de Estacio foccorrer proposto,
 Faz levas, busca náos, e a gente incita,
 E em auxilio dos seus partir medita.

XLVII.

Já dobra o frio Cabo a esquadra ingente,
 E á vista do penhasco lança a amarra,
 Pasma o rebelde, vendo a Armada á frente
 Occupar numerosa a estreita barra:
 Une-se a frota alli da Lusa gente,
 E os mutuos casos vanglorioso narra,
 Irmão a irmão, e o filho ao Pai, festivo
 Por ter chegado são, e achallo vivo.

XLVIII.

XLVIII.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo;
 E por festiva salva estrepitosa,
 Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,
 Contra a Ilha, que avistão penhascosa:
 E largamente consultado havendo
 Os dous Chefes da empreza gloriosa,
 Contra o penedo tentão no mais alto,
 A peito descuberto, hum fero assalto.

XLIX.

Vem-se entre as penhas formidaveis bocas
 De canhões, e mosquetes trovejando;
 E nas quebradas espantosas rocas
 Do barbaro Tamoio o immenso bando:
 Muitos alli das asperas barrocas
 Vão os nossos fuzis precipitando,
 Outros da rota penha em meio ás gretas,
 Cubrião contra nós todo o ar de settas.

L.

Não cessava o rebelde bellicoso
 Com vivo fogo o assalto rebatendo,
 Em quanto sobe o Luso valeroso,
 Trepando em furia no penedo horrendo:
 Quem no meio do impulso impetuoso,
 Cahe na ruina o proximo envolvendo,
 Quem ferido da frécha, ou veloz bala,
 Do mais alto da penha ao mar resvala.

.III.IX.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
 Em quanto o mar em roda em châmas ferve,
 Entre o tracaço, e fumo que sabia,
 De nada o ouvido vale, e a vista ferve:
 A terra toda em roda estremecia,
 E sem que a agoa do incendio se preserue,
 Parecia ferver do fogo infano,
 Elcondendo a cabeça o Padre Oceano.

.LII.

Qual do Vesúvio a boca pavorosa,
 Quando rios de fogo ao mar derrama,
 Arroja ao ar com furia impetuosa,
 Parte do vasto monte involta em chamma:
 A cinza cobre o Ceo caliginosa,
 Muge o chão, tieme a terra, o pégo brama,
 E o mortal espantado, e tremebundo,
 Crê q' o Ceo caia, e que se funda o Mundo.

.LIII.

Tal de Villagalbón na penha dura,
 Do horrífico trovão freme a tormenta,
 E a châma entre a fumaça horrenda, e escura
 Do infernal lago as furnas representa:
 Porém do proprio fumo na espessura
 A pontaria, que o rebelde intenta,
 Evita o Portuguez, que ataca incerto
 A escala vista, e a peito descuberto.

LIV.

E já no grão penedo tremolavão
 As Lulas Quinas pelo forte Estacio,
 E as Lifes do penhasco se arrancavão,
 Donde a Villagalhon se ergue hum palacio:
 Pela roca os Tamóios se arrojavão,
 E o valor Luso dando inveja ao Lacio,
 A guarnição Franceza investe á espada,
 E obriga em duro choque á retirada.

LV.

O valente Francez, que a bellica arte
 Já com valor na Europa professára,
 O peito á fuga oppõe por toda a parte,
 E faz que volte o fugitivo a cara:
 E vendo Estacio só junto ao Estandarte,
 Que por Chefe dos Lusos se declara,
 Cuida de hum golpe terminar a empresa
 No General da gente Portugueza.

LVI.

Não desfalece o Capitão valente,
 E de hum, e de outro lado accommettido,
 Rebate as balas sobre o escudo ingente,
 E atroja-se ao rebelde enfurecido:
 Lebrun despoja do mosquete ardente,
 Com que muitos de hum golpe tem ferido,
 Outros do ingremie posto ao mar despenha,
 E alguns expulsa da soberba penha.

LVII.

LVII.

E já fugia a tímida caterva,
 Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
 Donde a viseira descuberta observa,
 Lhe aponta desde longe ardente bala.
 Cahindo o heróe na espada, que conserva,
 Adora humilde a Cruz, e perde a fallá:
 Banha-se em sangue o chão, e em tanta gloria
 Regada a terra produzio victoria.

LVIII.

Porque em quanto em seguillo divertido,
 Abandona o Francez a fortaleza,
 Tinha parte do Exercito subido,
 A dar fim com victoria á forte empreza:
 Admira Mendo o braço esclarecido;
 E bem que do sobrinho o valor preza,
 No juvenil ardor notou magoado
 O tomar Chefe as partes de soldado.

LIX.

A Patria (o nobre Sá diz lagrimando)
 Victima irás da fé, da liberdade,
 Vigor no sangue heróico á terra dando,
 Donde se erga immortal nova Cidade:
 O caso acerbo aos posteros contando
 Tenhão seus Cidadãos da heroicidade
 Clara lição no Fundador primeiro,
 Gloria eterna do Rio de Janeiro.

LX.

Tal nome deo á enseada no recorde
 Do mez, que illustre foi por caso tanto,
 E á Cidade deixou com justo acordo
 A clara invocação de hum Martyr Santo:
 E havendo as Tropas recolhido a bordo,
 Descançadas do bellico quebranto,
 Faz immortaes no tempo transitorio
 Os Correas, e Sás no novo emporio.

LXI.

Em tanto do Tamoio a gente bruta,
 Mais feroz sempre na Marcial contenda,
 Contra a nova Cidade em fera luta,
 Movia guerra pelo mar tremenda:
 Mas Mendo para a barbara disputa
 Faz que hum Chefe Tapuia o mar defenda,
 Ararigboia aos seus nomea a fama,
 Martim Affonso por Christão se chama.

LXII.

Principe foi nas Tabas respeitado,
 Que ao nome Portuguez na guerra addicto,
 Tinha com Mendo os seus capitaneado,
 Sempre contra o Tamoio em campo invicto:
 Quatro guerreiras náos tinha avançado
 O rebelde, depois do grão conflicto,
 E em oito lanchas Ararig buscando,
 Do Cabo Frio a ponta hião dobrando.

LXIII.

LXIII.

Saltão da noite no silencio escuro
 As bellicofas mangas guarnecidas,
 De immensas chulmas do Tamoio duro,
 Que obrar devião na campanha unidas;
 E em quanto tem o campo por seguro,
 Jazião pelas praias estendidas,
 Para investir co' a luz, que já arraiava,
 A aldea de Ararig, que os esperava.

LXIV.

Mas o bravo Tapuia bellicoso
 Antevendo o descuido do inimigo,
 Busca o manto da noite infidiolo,
 Para investillos no nocturno abrigo:
 Convoca os seus guerreiros animoso;
 E sem dizer-lhes mais do seu perigo,
 Depois q' hum breve espaço os olhou mudo,
 Disse cheio de ardor, batendo o escudo.

LXV.

Sú, valerosa, intrepida caterva;
 Que esperamos no nosso alojamento?
 Acafo até que o campo em chufma ferva,
 E nos busque o Francez no proprio assento?
 Sei por espia, que o seu campo observa,
 Que dorme sobre as praias defattento,
 Onde se o surprendermos de improvisô,
 Sentirão todo o damno antes do aviso.

LXVI.

Basta que em marcha procedais quieta,
 E que invadindo a turba descuidada,
 Não cuideis de empregar a bala, ou setta,
 Mas que tudo leveis á pura espada:
 E quando o vasto campo se accommetta,
 Deixando-lhe ás canoas livre entrada,
 Antes que o ferro vibre os seus revezes,
 Desarmai, se puderdes, os Francezes.

LXVII.

Chamão corpo da guarda, onde o soldado
 Costuma pôr as armas nas vigias;
 Alli correi com impeto apressado,
 Seguindo o passo sempre das espias:
 Que nada o Francez pôde desarmado,
 E sem as chammas que derrama impias,
 Ficarâ desde o impeto primeiro
 Nas mãos da nossa Tropa prizioneiros.

LXVIII.

Disse o astuto Ararig, e a lento passo
 Cada hum pela brenha vai disperso,
 Devendo a dado tempo, e a certo espaço
 Qualquer unir-se em batalhão diverso:
 E achando em somno descuidado, e tasso,
 Sem sentinellas ter, o campo adverso,
 Hum a hum, pé ante pé, em marcha tarda,
 Assaltão juntos a sopita guarda.

LXIX.

Juntas as armas de improviso apanhão,
 Matando as guardas meio adormecidas;
 E depois que a armaria toda ganhão,
 Quantos as vem buscar perdem as vidas:
 O somno com as mortes acompanhão;
 E outros vendo sem armas as partidas,
 Porque a causa não sabem do tumulto,
 Buscão as lanchas, por fugir do insulto.

LXX.

Ararigboia, como hum raio ardente,
 Huns dormindo degolla pela arêa,
 Outros sem armas, que rendidos sente,
 Prizioneiros com cordas encadea:
 A fiel Tropa pela praia ingente
 Toda deixa a campanha de horror chea,
 Cubrindo de cadaveres o plano,
 Alagado co'a espada em sangue humano.

LXXI.

E já nōs Ceos risonha apparecia
 A Estrella d'alva as trévas apartando,
 E com tremula luz o incerto dia,
 No extremo do Horizonte hia arraiando:
 Quando o estrago da noite apparecia,
 E prezo, ou morto o Franco demonstrando,
 Nem as lanchas se salvão, que a vasante
 Em seco as poz na mão do triunfante.

LXXII.

Não cessava Martim contra a espantada
 Multidão de Tamoios, que se embrenha;
 E deixando-lhe a aldea derribada,
 Não se lhe esconde algũ no mato, ou brenha:
 Muitos no Averno lança com a espada,
 Fugindo outros ao mar n'agea despenha,
 Nem fulminando a massa a algum perdoa,
 Occulto na cabana, ou na canoa.

LXXIII.

Fez este marte do Brazil constante
 A Nação dos Tamoios tanta guerra,
 Que elle só com a espada fulminante
 Lhe extingue o nome, e despovoa a terra:
 Mais não oufa o rebelde mariante,
 Em quanto Ararigboia no campo erra,
 Desembarcar na costa, sem que o bravo
 O deixe cõbatendo, ou morto, ou escravo.

LXXIV.

Vi que do excelso throno vinha em tanto
 Huma Augusta donzella adormecida,
 De quem brilhava sobre o aspecto santo
 A piedade, a abundancia, a sciencia, a vida:
 Do feio derramava do aureo manto
 A opulencia no mundo appetecida;
 E logo que foi vista sobre a terra,
 Submergio-se no Averno a infauستا guerra.

LXXV.

LXXV.

Era a Divina paz, que o Ceo nos manda,
 Premio de hum sceptro, que da fé zelante
 Propaga o santo culto, onde commanda,
 E as Leis defende da Justiça amante:
 Sem os estragos de huma guerra infanda
 Gozará o Brazil de paz constante,
 Por setenta annos de hum governo justo,
 Tendo tranquilla a terra, e o mar sem susto.

LXXVI.

Nem mais a espada, e bomba pavorosa
 Se ouvirá na Marinha, e Sertão vasto,
 A voz só do Evangelho poderosa,
 Simples, sem artificio, industria, ou fasto:
 A semifera gente viciosa
 No jugo conterà de hum temor casto;
 E ás mãos dos seus Apostolos se avista,
 Com as armas da Cruz feita a conquista.

LXXVII.

Mas vi em tanto o Lusitano Imperio
 Na Libya ardente em sangue submergido,
 E o seu dominio no Indico hemisferio
 Do Batavo nas agoas invadido:
 E ou por descuido do governo Hesperio,
 Ou de mil contra-tempos combatido,
 Cedeo no vasto mar por toda a banda
 O Imperio do Brazil á fria Hollanda.

LXXVIII.

LXXVIII.

Dezeseis longos seculos contando,
 Com annos vinte quatro a vulgar Era,
 Vi a Batava esquadra o mar furcando,
 Onde Wilhekens General modera:
 Petre Petrid os mares assombrando,
 Por Almirante aos nauticos se dera,
 Poder que á India navegar fingia,
 E contra a expectação veio a Bahia.

LXXIX.

A frente descubri da excelsa Praça,
 As armas governando o bom Furtado,
 Que antevendo os effeitos da desgraça,
 Tudo dispunha com valor frustrado:
 Convoca quanto encontra, e tudo abraça
 Por oppôr-se ao perigo ameaçado;
 Mas dissipa-se a gente sem batalha,
 Por faltar não valor, mas vitualha.

LXXX.

Dispunha assim o Batavo experiente,
 Antevendo que a turba mal unida,
 Sem cauta providencia que a sustente,
 Esfriando no ardor toma a fugida:
 E vendo a multidão menos frequente,
 E a plebe na tardança esmorecida,
 Quando menos o espera a chusma fraca,
 Occupando hum castello, o povo ataca.

LXXXI.

LXXXI.

Ruiter, e Duchs com legião potente
 A porta invadem de S. Bento em furia;
 Mas rebatidos de impressão valente,
 Cefsão, fugindo da intentada injúria:
 Mas tão funesto horror concebe a gente,
 Que a guerra ignora com profunda incuria,
 Que quando faz que Ruiter não se arroje,
 Deixa o terreno, e do vencido foge.

LXXXII.

Furtado de Mendoça, que não vira
 Já mais do medo vil a fronte escura,
 Com setenta sómente a face vira,
 E sem mais que o seu peito a praça mura:
 O amor da Patria, que o furor lhe inspira,
 Faz que da vida, desprezando a cura,
 Se arroje o Luso ao Batavo, que o inunda,
 E hum fira, hũ despedace, outro confunda.

LXXXIII.

Mas vendo na manhã, que o Ceo descobre
 A Cidade do povo abandonada,
 Nem mais que o peito de Furtado nobre
 Com poucos dos setenta na esplanada:
 Teme que n'hum só peito o valor sóbre,
 E que deixando a empreza retardada,
 Socorro venha, donde bom partido
 Ao bravo Chefe se offerceco rendido.

LXXXIV.

LXXXIV.

Não tarda a fama a divulgar voando
 Da Capital Brazilica o successo,
 Em quanto o Belga, q̃ lhe occupa o mando,
 Recolhe da victoria o immenso preço:
 Treme em Madrid o throno, receando
 Que o Belgico Leão, com tanto excessso,
 Prostre o de Hespanha, e como o vulgo narra,
 No Mexico, e Perú lhe imprima a garra.

LXXXV.

Cobre-se o mar de Esquadras numerosas
 Move-se a Lusã, e Hispana Fidalguia,
 Vão-se embarcando legiões famosas,
 Todo em nautica chulma o mar fervia:
 Fadrique as náos Hispanas poderosas,
 Menezes as de Lisã prevenia,
 Vendo-se terra, e mar no caso incerto,
 De petrechos, canhões, e armas cuberto.

LXXXVI.

Já pela barra entrava da Bahia,
 Com sessenta e seis náos soberba a Armada,
 Doze mil homens de alta valentia
 Occupavão sobre ellas a enseada:
 De tanto nome em militar porfia,
 Que a guarnição da Praça de affombrada;
 Bem que finja valor nesta Conquista,
 Antes que ao ferro se lhe abate á vista.

LXXXVII.

LXXXVII.

Dispõe-se em meia lua a Armada inteira,
 Cerrando a fuga ao Belga esmorecido,
 Ocupa o forte exercito a ribeira
 Em dous quarteis aos lados dividido:
 Mas o Batavo Quif na acção primeira,
 Tendo o campo a Fadrique accommettido,
 Com sortida deixou no ardor insana
 Suspensa a Lusa gente, e rota a Hispana.

LXXXVIII.

Cheio o Belga de orgulho na acção brava,
 Porque mais prove pela Patria o zelo,
 Contra a Esquadra, que os muros varejava,
 Em dous baixéis arroja hum mongibelo:
 Crê que he fuga o Menezes, que observava,
 E move toda a Esquadra sem prevello,
 E parece que Deos o impulso inspira,
 Com que do occulto incendio as náos retira.

LXXXIX.

Hum gyro a Lua fez na azul esfera,
 Em quanto os Belgas de valor já faltos,
 Ceder dispunhão na contenda fera
 Ao furor incessante dos assaltos:
 E quando mais socorro não se espera,
 Vendo que os mares se empollavão altos,
 Cede o Batavo humilde ao Luso Hispano
 A Capital do Imperio Americano.

XC.
 Fallando profegua Catharina,
 Tendo a assemblea no discurso attenta,
 Quando com furia o bordo ao mar inclina
 A não, batida de horrida tormenta:
 Tudo á manobra o Capitão destina;
 E vendo que onda horrivel se apresenta,
 Lança-se o marinheiro á véla em pressa,
 Acode Diogo, e Catharina cessa.

(1) *Este meio.* Projecto admiravel de fazer uteis as Conquistas á população das Nações que as fazem, pois he certo que com esta politica se formou, e cresceu a antiga República de Roma.

(2) Note-se que Colon não foi o descobridor do Brazil, mas Pedro Alvres Cabral; que ao mesmo Colon então habitante na Madeira deo os roteiros, com que descobrio a America Francisco Sanches, o qual fazem huns Andaluz, outros Biscainho; mas o Hespanhol Gomara Author coevo, e que militou entre os soldados de Colon, atesta que era Portuguez. Não he por tanto occasião de notar-se a expressão: *dando a Cabral o instincto, &c.*

(3) *Os Correas, e Sás.* Esta he a rama nobilissima dos Condes de Penaguião, que passando ao Brazil, deo os primeiros Conquistadores áquelle Estado; familia, que existe com a antiga gloria na Excellentissima Casa de Affeca, e nos dous dignissimos ramos da mesma os Excellentissimos Senhores Sebastião Correa de Sá, e João Correa de Albuquerque, Fidalgos, que o Brazil deve considerar por seus perpetuos Pais, e Proteciores.

III.

Petrid e Iolo raios da Marinha,
 Com Esquadras do pélagos Senhoras,
 Qualquer do lado feu queimado tinha,
 Com chammas o Brazil desfoladoras:
 Petrid a frota que das Indias vinha
 Com procellas de fogo abrazadoras,
 E nas náos lavra de thesouros cheias,
 Ao infausto Brazil novas cadeas.

IV.

Máquinas move o Belga ambiciosas,
 Supprindo os gastos com a immensa prata;
 E armando em guerra Esquadras numerosas,
 Occupar Pernambuco ao Luso trata:
 Nem ás forças da Hollanda poderosas
 Oppõem o Hispano com a nova ingrata,
 Tal soccorro, que a Praça na contenda
 Do grão poder dos Batavos defenda.

V.

Rege de Pernambuco a terra extensa
 O intrepido Albuquerque, a tudo attento:
 Guarnece a Praça, os Esquadrões condensa,
 Dispõe ao fogo o bellico instrumento:
 Quando á maneira de floresta densa
 Se vio cuberto o liquido elemento,
 Onde proas ferenta o mar rompião,
 E o Wandemburgo General seguião.

VI.

Chamão *Páo amarello* hum sitio ao lado
 Da Cidade, que a frota accommettia,
 Commo ao desembarque, e mal guardado
 De Albuquerque, que as praias defendia:
 Alli com quatro legiões formado,
 A' bella Olinda o Batavo se envia,
 Onde com turmas de inexperta gente
 Se oppoz o Luso Chefe ao Belga ardente.

VII.

Nem muito dura ao fogo defusado
 O tímido esquadrão da gente Lusa,
 Que do insolito horror preocupado,
 A fuga emprehende em multidão confusa:
 Hum sobre outro ao fugir precipitado,
 Render-se ao fero Belga não recusa;
 E a Cidade infeliz deixando aberta,
 Qualquer se salva donde mais o acerta.

VIII.

Entra o Hollandez na Praça abandonada;
 E quando de riqueza a cuidou chea,
 Em triste solidão desamparada;
 E acha sem premio a cubicosa idéa,
 Vingão nos templos a intenção malvada,
 E o Altar profanão com infamia fea,
 Tratando o pio Rito, e o santo culto
 Com sacrilega mente, e horrendo insulto.

IX.

IX.

Mas não soffre da fuga o torpe medo
 O valente fortissimo Temudo;
 E tendo ao lado o intrepido Azevedo,
 A espada empunha, embaraçando o escudo:
 Ao ver do faco no funesto enredo
 A fórma do Hollandez turbar-se em tudo,
 Une alguns, que odiando a vil fugida,
 Dão por preço da gloria a heroica vida.

X.

O, disse, honra immortal do nome Luso,
 Corações valerosos, que em tal sorte
 Fazeis da doce vida o melhor uso,
 Comprando a gloria com a invicta morte:
 Vedes sem fórma o Batavo confuso,
 Da valerosa espada exposto ao córte:
 Corra-se ás armas, que se os não vencemos,
 Sem a Patria vingar não morreremos.

XI.

Disse; e empregando a fulminante espada,
 Huma Esquadra invadio que discorria,
 Com calices da Igreja profanada,
 Que com insulto em derisão mettia:
 De huns a fronte no chão deixou truncada,
 De outros o peito com o ferro enfia,
 De alguns, que insano accómettendo freme,
 Talhado o braço sobre a terra treme.

XII.

Azevedo entre os mais, que no chão lança,
 Tendo das balas empregado o impulso,
 Com fero golpe de alabarda alcança,
 De Ruitter, q' o accommette, o horrivel pulso:
 Despoja-o da arma, e furioso avança,
 Deixando-o em terra com tremor convulso,
 Cornelisten derriba, e o ferro emprega
 Em Blá, que todo o chão com sangue rega.

XIII.

Com furia igual, e impulso destemido
 Invade contra o Batayo a caterva,
 E bem que a legião em corpo unido,
 Em roda ao Lulo disparando ferva:
 Resiste o Portuguez nunca rendido,
 Em quanto a vida com vigor conserva,
 Até que sobre os Belgas denibados,
 Cahirão mortos sim, porém vingados.

XIV.

Tem por nome Arrecife hum forte posto,
 Que hum Istmo separou do Continente,
 Donde o Castello de S. Jorge opposto,
 Defende o passo ao transito imminente:
 Alli fazia aos inimigos rosto
 O bravo Lima, que do Belga ardente,
 Sem mais que trinta invictos detentores,
 Trezentos sacrifica aos seus furores.

R

XV.

129

XV.

Pasma de affombro Wandemburgo insano,
 Nem pôde crer, se o não convence a vista,
 Que com força tão pouca o Lusitano
 De dous mil Belgas ao furor resista:
 Sahe com todo o poder, e occupa o plano,
 E em fôrma regular tenta a conquista,
 E nem assim o Lima ao fogo cede,
 Em quanto auxilio ao General não pede.

XVI.

Recobrava-se em tanto valerosa
 Do primeiro terror a Lusa gente,
 Que inexperta da pugna bellicosa,
 Cedêra no improviso do accidente:
 E acompanhando em Tropa numerosa
 Do intrepido Albuquerque o ardor valente,
 O Belga usurpador pelas ribeiras
 Cercarão com reductos, e trincheiras.

XVII.

Plantão depois hum forte acampamento,
 Donde se insulte o Batavo inimigo,
 Nem deixavão que hum só pudesse isento
 Sahir sem damno ao campo, ou sem perigo:
 Cortão-lhe o passo, e impedem-lhe o sustento,
 Nem lhe concedem no terreno abrigo;
 E occupando-lhe o gyro dilatado,
 O Belga cercador deixão cercado.

XVIII.

XVIII.

Dous mil dos seus guerreiros escolhidos
 Contra Albuquerque Wandenburg avança ;
 Mas achavão os Lusos prevenidos
 Do seu valor na nobre confiança :
 Cahião das trincheiras rebatidos
 Do fogo os Belgas , ou da espada , e lança ;
 E sem que combatendo a mais se arrojem ,
 Em desordem do campo á praça fogem.

XIX.

Com quatro Companhias n'uma Armada
 Socorro de Lisboa recebendo ,
 Foi outra vez a Tropa reforçada (do :
 Com gente , e munições n'outra de Oquen-
 Mil mosqueteiros , Tropa exercitada ,
 No duro jogo de Mavorre horrendo ,
 S. Felice conduz Mestre de guerra ; (1)
 Mas menos apto na que usava a terra.

XX.

Com socorro maior de Hollanda armado
 Contra Itamaracá corre o inimigo ;
 Duas vezes porém foi rechaçado
 Com perda o Belga para o noto abrigo :
 A' Paraíba , e Rio Grande enviado
 Mudava de lugar , não de perigo ;
 E já menos bisonha a Lusa Tropa , (pa.
 Põe em fuga o Hollandez , se em campo o to-

XXI.

A Wandemburgo no Hollandez Imperio
 Succedêra Rimbach em guerras noto,
 Que estimando dos Belgas vituperio,
 Ser cada dia pelos nossos roto:
 Em quanto celebrava attento, e sério
 A Pascoa o campo em Procissão devoto,
 Com todo o poder Batavo accommette,
 E o campo em confusão batendo, mette.

XXII.

Não se interrompe a cerimonia augusta,
 Orando o Clero com o sexo pio,
 Sahe o Orthodoxo contra a turma injusta,
 Tomando por sagrado o desafio:
 E fundando no Ceo confiança justa,
 Peleijão com tal fé, com tanto brio,
 Que matando Rimbach em feio estrago,
 Derão aos Belgas da blasfemia o pago.

XXIII.

Mas o Ceo, que o flagello destinava,
 Poder tão grande aos Batavos concede,
 Que nada a Vandescop, que os moderava,
 Depois desta campanha o curso impede:
 Fica Itamaracá de Hollanda escrava,
 Desfaz-se o campo, a Paraíba cede,
 Perde-se o Rio Grande, e n'outra empreza,
 Rende o Luso o Ponial, e a Fortaleza.

XXIV.

XXIV.

Salva-se o resto da facção perdida,
 Nas Alagôas, sitio defensavel,
 Onde do fero Belga perseguida,
 A sylo busca a turba miseravel:
 Mas foi da Hespanha em breve soccorrida
 Com brava Tropa em frota respeitavel,
 Roxas de Borja a Pernambuco enviado;
 De Albuquerque o bastão tomou deixado.

XXV.

Roxas prompto no obrar, posto em batalha
 De Vandescop as Tropas investia;
 Mas o Belga Arquichofe a marcha atalha
 Com soccorro que valido trazia:
 Com tenebrosa sombra os lutos talha
 A noite, que começa, á morte ímpia,
 Dispondo Roxas em defesa armado,
 Esperar o soccorro convocado.

XXVI.

Mas logo que a manhã mostrou formosa
 Da batalha inimiga a fôrma unida,
 Mais não socega a chamma generosa,
 E investe ardente a Batava partida:
 Cobre os Ceos a fumaça tenebrosa, (vida,
 Perde o Hispano, e Hollandez na empreza a
 E nem este, nem o outro alli vencêra,
 Se o temerario Roxas não morrêra.

XXVII.

XXVII.

S. Felice na guerra Mestre astuto,
 Succede no governo ao brayo Hispano,
 E Brazilico Fabio em tanto luto
 Salvou na retirada o Lusitano:
 Foi das palmas Batavicas produto
 Governar o Paiz Pernambucano
 O Conde de Nassau, que o Belga envia,
 General das Conquistas que emprendia.

XXVIII.

Era Nassau nas armas celebrado,
 Com que illustrava o excelso nascimento,
 Principe então no Imperio respeitado,
 Nutrindo igual ao sangue o pensamento:
 Entrou de forte Armada acompanhado,
 E no Arrecife situando o assento,
 Levantou fortes, e em paizes bellos
 Guarneceo as Colonias com Castellos.

XXIX.

Mas aspirando a empreza memoravel,
 Todo o exercito, e Armada prevenia,
 E achando Pernambuco defensavel,
 Invadio no reconcavo a Bahia:
 S. Felice com resto miseravel
 Alli novo socorro ao Rei pedia,
 Quando ao bravo Nassau dispunha a forte
 Hum Chefe nelle oppor prudente, e forte.

XXX.

Tudo dispunha o Conde em fórma, e arte
 De rebater do Batavo a interpreza,
 Dispõe pela Cidade em toda a parte
 Os meios, e instrumentos da defeza:
 Faz grossas levas, e esquadrões reparte,
 E tudo preparando á forte empreza,
 Nada esqueceo de quanto na Milicia
 Inventa a militar sábia pericia.

XXXI.

Entrava em tanto pela vasta enseada
 Nassau, que as praias enche da Bahia,
 Com a terrivel magestosa Armada,
 Que com quarenta náos linha fazia:
 E ao som da trompa Marcial tocada
 Em gratos écos de horrida harmonia,
 Enche a horrenda procella em taes ensaios
 A enseada de trovões, e o Ceo de raios.

XXXII.

Em tanto o claro Silva que occupava
 Do supremo governo o excelso mando,
 A S. Felice o posto renunciava,
 Ficando por soldado ao seu commando:
 Heróica acção, que pela Patria obrava,
 Maior pericia em outrem confessando,
 E merecendo nella em tanta empreza
 Da Corte aclamações, do Rei grandeza. (2)

XXXIII.

XXXIII.

Desembarca Nassau com turba ingente
 Junto de Tapagipe, e emprenhe o oiteiro,
 Que nomear costuma a vulgar gente
 Do antigo habitador, *Padre Ribeiro*:
 Mas S. Felice, que o antevio prudente,
 De posto o bate, que occupou primeiro;
 E depois que seiscentos destro mata,
 Em grande parte o Belga disbarata.

XXXIV.

Largos dias Nassau bate a trincheira,
 Que lhe oppoz ao Quartel Banholo á frente;
 Mas o Belga em batalha verdadeira
 Por muitos dias se avançava ardente:
 Cobre-se a terra em horrida maneira
 De hum monte de cadaveres ingente,
 Vendo os Belgas cahir, sem que desista
 Nassau com tanto fangue da conquista.

XXXV.

E já desfeito o exercito se via,
 Ferido o Official, e a gente morta,
 Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
 Que o S. Felice rege, e o Silva exhorta:
 Pede tregoas Nassau nesta porfia,
 E tudo com a Tropa as náos transporta,
 Fugindo do perigo o infausto effeito,
 Com perda igual de gente, e de conceito.

XXXVI.

XXXVI.

Dous dias na enseada por vingança
 Bate a Esquadra a Cidade sem perigo,
 Com balas, e granadas, que em vão lança,
 Parecendo mais salva, que castigo:
 Sobreveio ao Brazil nova esperança
 De expugnar com mais forças o inimigo;
 Mas foi o effeito das promellas vario,
 Impedindo o soccorro o mar contrario.

XXXVII.

Vi neste tempo em confusão pasmosa
 A Monarquia em Lisboa dominante,
 E a Casa de Bragança gloriosa
 Nos quatro Imperios triunfar reinante:
 A Bahia com pompa magestosa
 Festejar o Monarca triunfante,
 E o Pernambuco de desgraças farto,
 Invocar Pai da Patria D. João Quarto.

XXXVIII.

Tratava o novo Rei com fé provada
 A Batavica paz, que sem justiça,
 Deixava ao mesmo tempo quebrantada
 O Belga injusto pela vil cubiça:
 Occupa o Maranhão Batava armada, (ça,
 E outra Esquadra em Sersepe o incendio ati-
 Pertendendo occupar com falso engano
 Toda Africa, e Brazil ao Lusitano.

XXXIX.

XXXIX.

Cede do seu governo de affrontado
 O General Nassau, tornando a Hollanda,
 Tendo o conselho do Arrecife armado
 Mil artificios de calumnia infanda:
 Nem contra os habitantes moderado
 O duro freio no governo abranda,
 Onde a plebe aggravada que o experimenta,
 O jugo sacudir com gloria intenta.

XL.

João Fernandes Vieira foi na empreza
 O instrumento da Patria liberdade,
 Heróe, que soube usar da grã riqueza,
 Libertando o Brazil desta impiedade:
 De amigos, e parentes na defeza
 Tentou furtivamente a sociedade,
 E como a pedra a Estatua de Nabuco,
 O Belga derribou de Pernambuco.

XLI.

Nomeou Cabos, Tropas, Companhias,
 Pedio soccorros, e invocou prudente,
 Expondo do Hollandez as tyrannias
 O Governo Brazilico potente:
 Ayisa sem demora Henrique Dias, (3)
 Capitão dos Ethiopes valente,
 E o forte Camarão, q̄ em guerra tanta, (4)
 Com os seus Carijós o Belga espanta.

XLII.

Ouve o Hollandez com fusto o movimento ;
 E querendo opprimir nascente a chamma,
 Com dous mil homens prevenia attento
 A nova guerra, que o Vieira inflamma:
 Deixára o Luso Chefe o alojamento,
 E os Belgas, que á cilada occulto chama,
 Empenhou de hum lugar nas duras rocas,
 A que o monte chamarão das Tabocas.

XLIII.

Entre arbustos, e canas de improviso
 Dispara o Luso sobre a incauta gente ;
 E precedendo o damno antes do aviso,
 Disbarata o Hollandez com furia ardente :
 Suspende a marcha o Batavo indeciso,
 E sem ver o inimigo, o golpe sente,
 Até que vendo o estrago dos soldados,
 Cedem o campo, e fogem destrozados.

XLIV.

Hollanda era potente, e o Luso afflito,
 Onde enchendo Lisboa de ameaças,
 Por ter noticia do infeliz conflito,
 Meditava ao Brazil novas desgraças :
 Mas por guardar os seus o Rei invicto,
 Dispoz piedoso nas Provincias lassas,
 Providencias, que á paz chamar pudessem
 O tumulto, em que os nossos permanecem.

XLV.

XLV.

Vão com dous Regimentos destacados
 O Moreno, e Negreiros da Bahia
 A dar paz (se he possível) destinados
 Na guerra, que o Vieira então movia:
 Virão veigas, e campos abrazados,
 E o colono infeliz, que perecia,
 Com lastima da Tropa, que observára,
 Todo o estrago, que o Belga alli causára.

XLVI.

Avistado o Negreiros, e o Vieira,
 Venho (disse o primeiro) a prizão dar-vos,
 Por haver provocado a ira estrangeira
 A huma guerra, que acabe de assolar-vos:
 He justo que eu tambem prender-vos queira,
 Mas será (disse o heróe) com abraçar-vos;
 E assim dizendo alegre move o passo,
 E os dous recebe com festivo abraço.

XLVII.

Outro tanto fazia a Tropa unida
 Ao invicto Esquadrão Pernambucano;
 E applaudindo a victoria conseguida,
 Detestão do Hollandez o enorme engano:
 Nem muito tarda a gente fementida,
 Que não abraze a Esquadra ao Lusitano,
 Onde embarcado pela paz chegára,
 Como o Batavo proprio o convidára.

XLVIII.

XLVIII.

Ouvem-se em tanto os miseros clamores
 De turba feminina, que invocava
 O soccorro dos seus libertadores
 Contra o Belga cruel, que as cativava:
 Mais não cessa o Vieira, e sem rumores
 O Engenho, aonde incauto descanzava
 O Belga General cercado, bate;
 E rendendo-o á prizão, vence o combate.

XLIX.

Henrique Hus do Arrecife Commandante
 Era o Cabo dos Belgas prisioneiro,
 Blac rendido também, Chefe importante;
 Subalterno nas armas do primeiro:
 Foge do Luso o Batavo arrogante,
 Espalhando os fuzis no grão terreiro,
 E a chamma teme, q̃ no horrendo empenho,
 Lançara o Vieira pelo vasto engenho.

L.

Com fama de victoria tão brilhante
 Toma as armas a plebe, e o Belga invade,
 Serinhaem tomou, Villa possante,
 O partido commum da liberdade:
 Segue Iramaracá com fé constante,
 Porto Calvo, e os contornos da Cidade,
 Deixando no Arrecife sem remedio,
 Encerrado o Hollandez com duro assedio.

LII.

Mas não cessa na Hollanda a companhia,
 E ao numeroſo exercito, que ordena,
 Sigismundo Van-Scop por Chefe envia,
 Munido em guerra de potencia plena:
 Do experto General, que desconfia
 O premio ao valeroſo, ao fraco a pena,
 E emprendendo com forças o combate,
 O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

LIII.

Abordando o Arrecife então cercado,
 A inercia dos ſeus Chefes reprehende,
 Nem muito tarda, que no campo armado,
 Não faia a Olinda, que expugnar emprende:
 Em affalto a accommette duplicado,
 E a brava Tropa, que ao preſidio attende,
 Com tanto alento o Batavo rechaça,
 Que ferido Van-Scop ſe acolhe á Praça.

LIII.

Sem que deſiſta da paſſada instancia,
 Tenta de novo a empreza da Bahia;
 Mas notando nos Luſos a conſtancia,
 Que injúria do poder lhe parecia:
 Conſome do Reconcavo a abundancia
 Com frequentes ſortidas, que emprendia;
 E porque creſça na Cidade o tédio,
 Occupa Tapavoa, e põe-lhe o aſſedio.

LIV.

LIV.

Telles em tanto, que expulsar pertende,
 Sem igual força o Batavo contrario, (de,
 Contra o cômum conselho o ataque empre-
 E tudo expõe no impulso temerario:
 Mas vendo o Luso Rei, que a nada atrende,
 O Belga nos seus pactos sempre vario,
 Manda Armada ao Brazil, que poderosa
 A Batava Nação dome orgulhosa.

LV.

Teme o golpe Van-Scop, e desampara,
 Por guardat o Arrecife, Taparica,
 Antevendo que a Esquadra se prepara
 Contra a Praça, que auxilio lhe supplica:
 Barrero de Menezes, que chegara
 De novo General patente indica,
 E em Pernambuco sublimado ao mando,
 Com prudencia, e valor foi governando.

LVI.

Nove mil homens, Tropa valerosa,
 E com frequentes palmas veterana,
 Manda o Batavo a empresa perigosa,
 Que á guerra ponha fim Pernambucana:
 Ocupa o mar Armada poderosa;
 E dominando a praia Americana,
 Usurpa em mar, e terra alto dominio,
 Ameaçando dos Lusos o exterminio.

LVII.

LVII.

Põe-se em campanha o Batavo terrível,
 Com sete mil de veterana Tropa,
 Vão denfos bandos do Genticio horrível,
 Com destro gastador vindo da Europa:
 E estimando a potencia irresistível,
 Cede ao Belga a Barreta, e quanto topa, (5)
 Em quanto em defensiva o Luso fica,
 E o campo contra o Belga fortifica.

LVIII.

Sigismundo porém, que os bastimentos
 Em Moribeca assegurar procura,
 Dispunha alli tomar alojamentos,
 Estimando a victoria já segura:
 Mas Barreto, e Vieira a tudo attentos,
 Na justiça, que a causa lhe assegura,
 Confião que na empreza o Ceo lhe valha,
 E tudo vão dispondo a huma batalha.

LIX.

Nem com tanto poder Van-Scop recusa,
 Decidir n'huma acção toda a contenda,
 Antevendo, se a perde a gente Luta, (da:
 Que outra força não tem q' a guerra empen-
 E já na marcha a multidão confusa,
 A acção começa pelo fogo horrenda,
 E turbando dos Belgas toda a fôrma,
 Combatem com valor, porém sem norma.

LX.

Nos montes Guararapes se alojava
 Formado o Portuguez , que o Belga espera ;
 E a escaramuça , que emprendêra brava ,
 Traz a fitio o Hollandez, que adverso lhe era :
 Desde alto monte o Luso fogo obrava ,
 Com ruina dos Batavos tão fera ,
 Que ou seja ao lado , ou na espaçosa frente ,
 Se cubrio de cadaveres o monte.

LXI.

Reune os batalhões Van-Scop irado ,
 E á frente com valor da linha posto ,
 Tenta desalojar do alto occupado
 O invicto Camarão , que lhe faz rosto :
 Mas com chuva de balas rechaçado ,
 Perde tres vezes o ganhado posto ;
 E já ferido com mil mortos cede ,
 Em vil fuga , que a noite lhe concede.

LXII.

Noventa dos seus perde o Lusitano ;
 E em quanto o Belga se retira incerto ,
 Descobre a aurora todo o monte , e plano
 De bandeiras , canhões , e armas cuberto :
 Muitos alli do Batavo tyranno ,
 Perdidos pela noite em campo aberto ,
 Deixa o dia , inexpertos nos roteiros ,
 Nas mãos da nossa Tropa prizioneiros.

S

LXIII.

LXIII.

Horroriza-se Hollanda, pasma Europa,
 Exalta Portugal, canta a Bahia,
 Vendo-se triunfar tão pouca Tropa
 Da terrível Potencia, que a invadia:
 Nada de humano o pensamento topa,
 Que em tudo a mão de Deos clara se via,
 Pois sempre elege para os seus portentos
 Os mais fracos, e humildes instrumentos.

LXIV.

Tinha exhausta a ambição, mas não cansada
 A cubiçosa Hollanda em tal conquista;
 E para novo empenho aparelhada,
 Escolhe os Capitães, e a gente alista:
 Mas do Britanno ás armas provocada,
 Sobre interesse que mais alto avista,
 Suspende o influxo na famosa empreza,
 Deixando em Pernambuco a guerra acceza.

LXV.

Brinc a este tempo, Coronel valente,
 Impetra de Van-Scop tropa luzida,
 Com petrechos, e número potente,
 Que em batalha cruel tudo decida:
 Sinco mil homens de escolhida gente,
 De canhões, e petrechos guarnecida,
 Põe no campo assombrado da Potencia,
 Igualando o valor co'a diligencia.

LXVI.

LXVI.

Com dous mil e seiscentos veteranos
 Faz-lhe frente Barreto, e o Belga invade,
 Correm de toda a parte os Lusitanos
 A sustentar á Patria liberdade:
 Aloja o Luso sobre os mesmos planos,
 Onde fora a passada mortandade;
 O Belga na montanha se distingue,
 Hum q̃ o estrago renove, outro q̃ o vingue.

LXVII.

Mas Brinc a tudo attento desde o cume
 Com pericia guerreira occupa o monte,
 Onde seguindo o militar costume,
 Dá fôrma á retaguarda, e ordena a frente:
 Nem tão ousado o Portuguez presume,
 Que em vantajoso posto o Belga affronte,
 Esperando a occasião dalli opportuna,
 De poder atacar com mais fortuna.

LXVIII.

Reconhece Barreto o sitio, e fôrma;
 E vendo o ardor da Lusitana gente,
 Que, habil no passo, da subida o informa,
 Faz que o bravo Vieira ataque ardente:
 E cubrindo a invasão com sábia norma,
 Com o fogo protege o assalto ingente,
 Até que por mil casos duvidosos,
 Vê sobre o monte os campeões briosos.

LXIX.

Nova batalha alli com fogo vivo
 Move impavido o Belga , e firme insiste ;
 E por mais que o Vieira invada activo ,
 Onde hum corpo vacilla , outro resiste :
 Tal ha que ainda combate semivivo ;
 Tal que cadaver já na morte triste ,
 A terra morde , e em raiva enfurecida ,
 Blasfemando do Ceo , despede a vida.

LXX.

A toda a parte voa o Grão Barreto ,
 E hum anima , outro ajuda , outros exhorta ;
 E excitando no Luso o Patrio affecto ,
 Incita o forte , o invalido conforta :
 Bramava o fero Brinc em sangue infeto ,
 Entre a Batava turba oppressa , e morta ,
 Assalta horrendo hum batalhão potente ,
 E outros reprime com ferocia ardente.

LXXI.

Mas o invencivel Camarão , que o nota
 Hum forte troço da reserva abala ;
 E suspendendo a misera derrota ,
 Lança o Belga por terra de huma bala :
 Logo o Almirante da soberba Frota ,
 Vendo invalido Brinc cahir sem falla ,
 Occupa o mando , que já vago estima ,
 E o Batavo á peleija activo anima.

LXXII.

LXXII.

Não soffre Henrique Dias, que observava
 Do novo Chefe a intimação constante;
 E de hum tiro, que fero lhe apontava,
 Derriba morto o intrepido Almirante:
 Sem Commandante o Belga trepidava,
 E de hum, e de outro lado vacillante,
 Huma vil fuga tímido declara,
 E o campo com desordem desampara.

LXXIII.

O estandarte soberbo dos Estados,
 Tendras, peças, bandeiras numerosas,
 Mil e trezentos mortos numerados,
 Prizioneiros, bagagens preciosas:
 Muitos centos na fuga degollados,
 A caixa militar, armas custosas,
 Forão nesta occasião de tanta gloria
 O merecido premio da victoria.

LXXIV.

Cinge o Arrecife de hum assedio estreito
 Com prompta cura o Chefe Lusitano;
 Mas tendo longa guerra o Belga feito,
 Era contínuo sim, mas mutuo o damno:
 Até que Jaques ao commando eleito
 No campo se avistou Pernambucano,
 Conduzindo em fortuita derrota
 Para o Luso commercio a usada Frota.

LXXV.

LXXV.

Por mar, e terra sitiada a Praça,
 Depois do longo assedio de nove annos,
 Com mil defaltres fatigada e lassa,
 Cedeo todo o Brazil aos Lusitanos:
 Mercê clara do Ceo, patente graça,
 Que a tão poucos, e miseros paizanos
 Cedesse huma Nação, que enchia em guerra,
 De Armadas todo o mar, de espanto a terra.

LXXVI.

Affim modera o Padre Omnipotente
 Do ignorante mortal a incerta sorte,
 Por fazer com taes casos evidente (te:
 Que não he quem mais póde o q he mais for-
 Tudo rege na terra a Mão potente;
 Delle a victoria pende, a vida, a morte;
 E sem o seu favor, que o distribue,
 Todo o humano poder nada conclue.

LXXVII.

Triunfou Portugal; mas castigado,
 Teve em tal permissão severo ensino,
 Que só se logrará feliz reinado,
 Honrando os Reis da terra ao Rei Divino:
 E que o Brazil aos Lusos confiado,
 Será, cumprindo os fins do alto destino,
 Instrumento talvez neste Hemisferio,
 De recobrar no Mundo o antigo Imperio.

LXXVIII.

LXXVIII.

Vi no sonho mil casos diferentes,
 Que no curso virão de outras idades:
 Vi Provincias notaveis, e potentes,
 Vi nascer no Brazil aureas Cidades:
 Famosos Vice-Reis, e illustres gentes,
 Tantos successos, tantas variedades,
 Que sómente pintado, como em sombra,
 Confunde o pensamento, a vista affombra.

LXXIX.

Prelados vi de excelsa Jerarquia,
 E entre outros da maior celebridade
 O claro Lemos, que enriqueça hum dia
 De novas Sciencias a Universidade:
 Elle ornará depois a Academia
 Com construcções de excelsa magestade,
 E em doutrina a fará com sabio modo
 O Atheneo mais famoso do Orbe todo.

LXXX.

Deo Catharina fim, e arrebatada
 N'hum extase ficou, vibrando ardores;
 Corrião pela face em luz banhada
 Lagrimas bellas, como orvalho em flores:
 Fica a pia assemblea esperançada
 De outros successos escutar maiores;
 E dando tempo ao somno milagroso,
 No abraço a deixão do celeste Espoço.

(1) *S. Felice.* He o célebre Conde de Banholo, Official pratico, mandado de Hespanha para exercitar, e disciplinar as nossas Milicias.

(2) *Do Rei grandeza.* Por esta acção generosa, que salvou a Bahia, foi creado por Philippe IV. primeiro Conde de S. Lourenço.

(3) *Henrique Dias.* Negro valerosissimo, e Comandante dos Ethiopes, que tiverão grande parte na restauração do Brazil.

(4) *Camarão.* D. Antonio Philippe Camarão, Americano de origem, e nação, bravissimo Capitão dos Carijos, que se fez terrivel aos Hollandezes em frequentes combates, que lhes deo.

(5) *Barreta.* Fortaleza importante dos nossos junto ao Arrecife.

III.

De ouro fino os cabellos parecião,
 Que huma aura branda aos ares espalhava,
 E huns dos outros talvez se dividião,
 E outra vez hum com outro se enredava:
 Frechas voando, mais não feririão,
 Do que hum só delles n'alma penetrava;
 Cabellos tão gentis, que o Esposo amado
 Se queixa, que de hum delles foi chagado.

IV.

A frente bella, candida espaçosa,
 Cheia de celestial serenidade,
 Vislumbres dava pela luz formosa
 Da immortal soberana claridade:
 Vê-se alli mansidão reinar piedosa,
 E involta na modestia a suavidade,
 Com graça, a quem a olhava tão serena,
 Que excitando prazer, desterra a pena.

V.

Dos dous olhos não ha na terra idea,
 Que astros, flores, diamantes escurecem;
 Ou na belleza de mil graças chea,
 Ou nos agrados, que brilhando offrecem:
 N'hum olhar seu toda alma se encadea,
 E mil votos á roda lhe apparecem,
 Dos que a seu culto glorioso alista,
 Outorgando o remedio n'huma vista.

VI.

VI.

Das faces bellas, se na terra ha vera
 Imagem competente que a pintára,
 Às flores mais gentís da Primavera
 Pelo encarnado, e branco eu comparára:
 Mas flor não nasce na terrena esfera;
 Não ha estrella no Ceo tão bella, e clara,
 Que não seja, se a oppôr-se-lhe se arrisca,
 Menos que á luz do Sol breve faisca.

VII.

Da boca formosissima pendente
 Pasma em silencio todo o Ceo, profundo:
 Boca, que hum *Fiat* pronunciou potente,
 Com mais effeito, que se creasse hum Mundo:
 Odorifero cheiro em todo o ambiente
 Do labro se espalhava rubicundo;
 Fragrancia celestial, que amante, e pia
 No Filho com mil osculos bebia.

VIII.

Todos suspende em pasmo respeitoso
 O amavel formosissimo semblante;
 E mais nelle se ostenta poderoso
 O Soberano Author do Ceo brilhante:
 Pois quanto tem o Empyreo de formoso,
 Quanto a angelica luz de rutilante,
 Quanto dos Serafins o ardente incendio,
 De tudo aquelle rosto era hum compendio.

IX.

IX.

Nas brancas mãos, que angelicas se estendem,
 Hum desmaiado azul nas veias tinto,
 Faz parecer aos olhos, quando o attendem,
 Alabastros com fundos de jacinto:
 Ambas com doce abraço ao seio prendem
 Formosura maior, que aqui não pinto;
 Porque para pincel me não bastára,
 Quanto Deos já creou, quanto créara.

X.

Mas se não se dedigna o Verbo Santo
 Por nosso amor, de hum symbolo rasteiro;
 Dentro parece do Virgineo Manto,
 Pascendo em brancos lirios hum Cordeiro:
 Os olhos com suavissimo quebranto
 Lhe occupa hum doce somno lisongeiro,
 A' roda os Serafins, que o estrondo impedem,
 Para o não dispertar silencio pedem.

XI.

Aos pés da Mãe piedosa superada
 Vê-se a antiga Serpente infidiosa,
 De que a fronte na culpa levantada,
 Quebra a planta Virginea gloriosa:
 E enroscando os mortaes já quebrantada,
 Ao éco só da Virgem poderosa,
 No mais fundo do abyssmo se submerge,
 E o feral antro do veneno asperge.

XII.

Ao ver belleza tanta o pensamento,
 Que a linda Imagem sorprendia absorto,
 Ouve no centro d'alma hum doce accento,
 Que o peito enchia de vital conforto:
 E como infunde ás plantas novo alento
 O matutino orvalho em fertil horto,
 Tal dos doces influxos na abundancia
 Dentro d'alma eu senti nova constancia.

XIII.

Catharina (me diz) verás ditosa
 Outra vez do Brazil a terra amada;
 Faze que a Imagem minha gloriosa
 Se restitua de vil mão roubada:
 E assim dizendo, nuvem luminosa,
 Como véo, cobre a face desejada;
 E faz que na memoria firme exista
 Entre amor, e saudade a doce vista.

XIV.

Affim conclue Catharina, enchendo
 De duvidoso assombro a companhia:
 Que Imagem fosse aquella, hião dizendo,
 Ou qual delles acaso a roubaria?
 Se a Mãe de Deos mysterios envolvendo,
 D'outra copia intrior o entenderia?
 Ou queria talvez que em santo trato
 Se restitua n'alma o seu retrato.

XV.

XV.

Mas véla em tanto appareceo boiante,
 Que junto da Bahia o mar cortava,
 Onde em bandeira, que lançou flammante,
 O Leão das Hespanhas tremolava:
 Vem á falla com salva fulminante;
 E a Franca não, que á terra velejava,
 Posto á capa o Hespanhol, cortez visita,
 E o claro Diogo a visitallo incita.

XVI.

E depois que em festivo amigo abordo
 O bom Gonzales o Hospede festeja,
 Excitou-se nos dous claro recorde,
 De quem o Hispano foi, quem Diogo seja:
 Ambos nos braços, de commum acordo,
 Hum a outro mil ditas se deseja;
 Reconhecendo o Luso o nobre Hispano
 Por hum dos companheiros de Arelhano.

XVII.

Carlos o grande, o Imperador famoso
 Grato por mim a faudar-te envia
 (Disse a Diogo o Hispano generoso,
 Soccorrido a outro tempo na Bahia):
 Ouvio o invicto Cesar, gracioso
 O teu obsequio á Hispana Monarquia,
 E o serviço, que grande considera,
 Por mim no seu agrado remunera.

XVIII.

XVIII.

E porquet possa em caso equivalente
 Retribuir-te aquella acção piedosa,
 Salva aqui te offereço a infausta gente,
 Perdida nessa praia desditosa:
 De cativoiro barbaro, e inclemente
 Vivias na oppressão laboriosa,
 Até que destas armas protegida,
 Remio na liberdade a infausta vida.

XIX.

Garcés então da gente Lusitana
 O mais distinto, que o discurso ouvia,
 Confessa o beneficio á força Hispana,
 E a historia de seus casos principia.
 Depois que a gente abandonaste insana,
 Com teu aviso, a Lusã Monarquia
 Gentes aqui mandou, náos poderosas,
 Que as Nações sujeitassem bellicosas.

XX.

Foi Pereira Coutinho o destinado
 A fazer da Bahia a grã conquista;
 Heróe no Indico Imperio celebrado,
 Em quem nova esperança o Luso avista.
 Tudo tinha o bom Chefe preparado,
 Formosas náos ajunta, e gente alista,
 E á grã população, que meditava
 De hum sexo, e d'outro as gentes convidava.

XXI.

XXI.

E sem demora as praias occupando,
 Foi dos Tupinambas, com teu recorde,
 As potentes aldeas visitando,
 Com amiga alliança em firme accordo.
 Do Sertão vasto em numerofo bando
 Descião, festejando o nosso abordo,
 Os Carijos, Tapuias, e outras gentes,
 Por fama do teu nome obedientes.

XXII.

Gupeva, e Taparica celebrados
 Entre os Tupinambas, Nação, que habitã
 Os campos da Bahia dilatados,
 Antes de outros Coutinho sollicita:
 E por vellos contigo emparentados,
 Povoar o Reconcavo medita
 Da gente, que o teu nome reconhece,
 Onde de dia a dia o povo cresce.

XXIII.

Todo o fertil terreno utilizando,
 Donde riqueza se offerece tanta,
 Engenhos vai de assucar fabricando,
 Aldeas, casas, máquinas levanta:
 E as drogas preciosas commutando,
 A mandioca, arroz, e a cana planta;
 Nem duvida que seja em tempo breve
 A Colonia melhor, que Europa teve.

XXIV.

XXIV.

Escolha faz nas Tabas numerosas
 Dos que acha no trabalho mais activos;
 Mas guarda para empresas bellicosas
 Os que em ferocia reconhece altivos:
 A todos com maneiras amorosas
 Propõe da Fé Christá claros motivos;
 E a condição notando em cada raça,
 Huns doma com terror, outros com graça;

XXV.

Sabe que em gente tal nada se colhe,
 Depois de endurecer na idade adulta,
 Onde na puericia os mais escolhe,
 Por dar-lhe em breve a educação mais culta:
 Nem dos pais violento algum recolhe;
 Mas do proveito, que de alguns resulta,
 Induz a gente barbara que o segue,
 Que a prole á educação gostosa entregue.

XXVI.

Em cuidadosa escola o temor santo,
 Antes das Artes a qualquer se ensina;
 Dão-lhe lições de ler, contar, de canto,
 E o Catecismo da Christá Doutrina:
 Vendo-os o rude Pai, concebe espanto,
 E pelo filho a Mãi á Fé se inclina,
 Nem de meio entre nós mais apto se uza,
 Que aquella gente barbara reduza.

T

XXVII.

XXVII.

E estes serão, se a idéa não me engana,
 Meios á grande empreza necessarios,
 Que em breve a gente rude fora humana,
 Com Escolas, e Regios Seminarios:
 Foge, sem se domar a gente insana,
 Se em forças, e poder nos vê contrarios;
 Mas educada em tenra mocidade,
 Dilataria o Reino, e a Christandade.

XXVIII.

Mas no meio das bellas esperanças,
 Com que a nova Colonia florescia,
 Move a Serpe infernal desconfianças
 Entre os Tupinambás, e os da Bahia:
 Foi a causa infeliz destas mudanças
 Hum interesse vil de gente impia,
 Que os povos offendendo em paz amigos,
 Cobrirão toda a terra de inimigos.

XXIX.

Gupeva foi dos seus abandonado;
 Taparica foi morto; a Lusa gente
 Do Gentio nos matos rebellado,
 Contínua perda nas lavouras fente:
 Queimada a planta foi, perdido o gado,
 E cercado o arraial em continente,
 Vio Coutinho por barbara violencia
 Perdido o seu thesouro, e diligencia.

XXX.

Na geral afflicção do Luso povo
 A lugar se recorre mais tranquillo;
 Buscamos nos Ilheos hum sitio novo
 Contra a turba feroz, seguro asylo:
 E já Coutinho se dispõe de novo,
 Vendo manso o Gentio, a reduzillo,
 Fabricando Colonia de mais dura,
 Menos fecunda sim, mas mais segura.

XXXI.

Mas os Tupinambás, melhor cuidando,
 Com promessas os nossos convidavão,
 Com mil amigas provas protestando
 De conservar a paz, que antes guardavão.
 Creio o infeliz Coutinho celebrando
 Pactos, que segurança a todos davão;
 E sem temor de mais, voltar queria
 Ao Reconcavo antigo da Bahia.

XXXII.

E já no mar a frota se esquipava,
 E cada hum de nós na empresa absorto,
 Sem temor, ou receio só cuidava
 Em fazer ao Reconcavo transporte:
 Navegámos o espaço, que distava;
 E tendo á vista o desejado porto,
 Com furia o mar aos Astros se levanta,
 Em cerração do Ceo, que á vista espanta.

XXXIII.

O ar caliginoso, e em nevoa impuro
 Tirou-nos toda a vista, e sem destino
 Batemos cegos n'hum penhasco duro,
 Sem termos do lugar noticia, ou tino:
 Neste momento horrivel, transe escuro,
 Supplicando o favor do Ceo Divino,
 Vemos a não, com horridos fracços,
 Desfazer-se na penha em mil pedaços.

XXXIV.

Ficámos, como o entendes, alagados,
 Nadando em meio da procella horrenda;
 Huns das ondas se affogão devorados,
 Outros na praia em confusão tremenda:
 E eis-que os crueis Tupís encarniçados
 Com frechas se empenhárão na contenda,
 Por levar-nos da arêa semivivos
 A' forte dos seus miseros cativos.

XXXV.

Muitos vimos dos barbaros comidos,
 Alguns dispostos ao funesto occaso,
 Afflictos todos nós, e esmorecidos,
 E esperando qualquer seu triste praso:
 Mas de ti sobre tudo condoidos,
 Triste Coutinho, que no acerbo caso,
 Depois de triunfar d'Asia assombrada,
 Perdeste infelizmente a vida amada.

XXXVI.

Tu, que mil vezes no remoto Oriente
 Levantaste troféos de gloria onustos;
 A quem cedêra o Malabar potente
 Em Armadas, e Exercitos robustos;
 Tu, que foste o terror da Indica gente,
 Que da Lisia humilhaste aos Reis Augustos;
 Lá estava em tanto a tua forte escrita
 De vires a acabar nesta desdita.

XXXVII.

Mais profeguir não pode suffocado
 O bom Garcez em amargoso pranto;
 E condeco-se Diogo, recordado
 De ver-se em outro tempo em caso tanto:
 E havendo os naufragantes consolado:
 Não sou (diz) insensivel, que sei quanto
 Acerbo o caso he, cruel o artigo,
 E a piedade aprendi no meu perigo.

XXXVIII.

Recebei entre tanto valerosos
 Com magnanimo peito a adversidade;
 Conseguireis por tranfes perigosos
 Fazer-vos dignos da immortalidade.
 Deixareis monumentos gloriosos
 A huma longa, e feliz posteridade;
 E ganhando obtereis com tanta gloria
 Hum nome eterno nos padrões da Historia.

XXXIX.

Disse o piedoso Heróe, reconhecendo
 Ao Hispano Monarca pelo Enviado
 O distinto favor, e á mercê tendo
 Achar memoria no real agrado:
 A' não depois os socios recolhendo,
 No Reconcavo entrava desejado,
 Onde a vista formosa da Bahia
 Com perspectiva amena apparecia.

XL.

A ver na estranha não, que gente aporte,
 Desde o interior Sertão turba recete,
 E bem que diferente em trage, e porte,
 Catharina dos seus se reconhece:
 Entre applausos recebe a Nação forte
 O grão Caramurú, como merece,
 Mostrando pelo amor, e reverencia
 No antigo affecto a nova obediencia.

XLI.

Carrega em tanto o lenho desejado
 A não de Du-Plessis, que Diogo estuda,
 Que seja em toda a terra obsequiado,
 Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
 Hum Carijó porém nisto empregado,
 Em quanto a carga em toda a não se muda,
 Huma Imagem roubou formosa, e bella,
 Que a não venera na interior Capella.

XLII.

XLII.

Observou-a Diogo na cabana
 Tratada dos Tupís com reverência,
 Estimando-a por cousa mais que humana,
 Que excedia dos seus a intelligencia:
 Sorprendeo-se da Imagem soberana
 O Lusitano Heróe: e á competencia
 Com elles venerando a Mãi Divina,
 Chama a vella a piedosa Catharina.

XLIII.

Poz-lhe os olhos a Dama; e transportada:
Esta he (disse) he esta a Grã Senhora,
 Que vi no doce sonho arrebatada,
 Mais que o Sol pura, mais gentil q̃ a aurora:
 Eis-aqui! esta he a Imagem venerada:
 Este era aquelle roubo: entendo agora:
 Oh minha grande forte! Oh immensa dita!
 Isto me quiz dizer a Mãi bendita.

XLIV.

Dizendo assim com ansia fervorosa,
 Prostrada abraça a Imagem veneranda:
 Beija, aperta-a, e de gosto lagrimosa
 Mil faudosos ais ao Ceo lhe manda:
 Aqui vos venho achar, Mãi piedosa,
 No meio (disse) desta gente infanda!
 Infanda, como eu fui, se o vosso lume
 Não me emendára o barbaro costume.

XLV.

XLV.

Olha em tanto suspenſa a gente bruta;
 E os excessos, que vê, cuidando, admira;
 Nem concebe nas vozes, que lhe eſcuta,
 Se prazer ſeja, ſe de dor ſufpira:
 Mas como a Imagem celeftial reputa;
 Quanto á Dama piedoſa obrando vira,
 Qualquer á imitação fazer deſeja,
 E eſte a adora, outro a abraça, e aquelle a beija.

XLVI.

O Luſitano, e Franco Religioſo
 Venerarão com fé prodigio tanto,
 Lembrando-ſe do ſonho portentoso
 Com claro indicio do preſagio ſanto:
 Em quanto o brutal povo numeroſo
 Tudo nota em hum extaſe de eſpanto,
 Até que a hum Templo em pompa veneranda
 A pia multidão a Imagem manda.

XLVII.

Por ſanta invocação foi acclamada
 A Senhora da Graça, e com fé pia
 Foi deſde aquelle dia venerada
 Singular Protecçora da Bahia:
 Igreja primitiva dedicada
 Em meio as trévas deſſa gente impia;
 Memoravel (ſe a fama he verdadeira)
 Porque em todo o Brazil fora a primeira!

XLVIII.

XLVIII.

Neste festejo a plebe se entretinha,
 E eis-que huma salva se ouve estrepitosa
 De grande Armada, que estendendo vinha
 Galhardetes, e flammulas lustrosa:
 Tudo ao rumor da frota se encaminha,
 Vendo a bandeira tremolar famosa,
 Que no brazão das Quinas representa
 A redempção, que o Ceo na terra intenta.

XLIX.

Era Thomé de Souza o Commandante,
 Que alli Governador fora mandado
 Com multidão de gentes abundante,
 Para dar fórma ao povo começado:
 N'hum sitio com mil mangues verdejante,
 Que o grão Caramurú tinha habitado,
 Da Colonia, que ás Tabas se assemelha,
 O nome nos ficou de Villa-Velha.

L.

Alli por Principal constituido
 Foi dos Tupinambás o claro Diogo;
 Das Tabas do Sertão reconhecido,
 Como Dragão do mar, filho do fogo:
 Catharina por sangue esclarecido
 Herda de seus Avós o Imperio logo, (1)
 Convocando á Bahia nesta idéa
 Dos seus Tupinambás toda a assembléa.

LII.

A' Taba de Gupeva já habitada,
 Onde hoje he Villa-Velha, a turba corre;
 Das outras Tabas toda a gente armada
 Com os seus Principaes a ouvir concorre:
 Toda a Cidade em corpo congregada
 A' grande casa concorreo da Torre;
 Paço de Catharina, que na empreza
 Presidia aos Tupís, como Princeza.

LII.

A seu lado Diogo, e Sousa armado,
 A' Camara preside da Bahia: (2)
 O Clero santo a Deos tendo invocado,
 Ouvio-se dos clarins doce harmonia:
 A Tropa Portugueza occupa hum lado;
 Todo o outro espaço o Barbaro cubria:
 E em meio a cada casta alli presente,
 Brilha emplumado o Principal potente.

LIII.

De Varões Apostolicos hum bando
 Tem de innocentes o esquadrão disposto,
 Que hião na Santa Fé disciplinando,
 Todos assistem com modesto rosto:
 O Carecismo em cantico entoando,
 (No idioma Brazilico composto)
 Do Exercito, que Ignacio á Igreja alista,
 Para emprender a barbara conquista.

LIV.

LIV.

Sentio da Patria o público proveito
 O Monarca piíffimo, que impera;
 E estes Varões famosos tinha eleito
 A instruir o Brazil na Fé sincera;
 Elles toda a conquista houverão feito,
 E o immenso Gentio á Fé viera,
 Se cuidasse fervente o santo zelo, (3)
 Sem humano interesse em convertello.

LV.

São desta especie os Operarios santos,
 Que com fadiga dura, intenção reta,
 Padecem pela Fé trabalhos tantos;
 O Nobrega famoso, o claro Anchieta:
 Por meio de perigos, e de espantos,
 Sem temer do Gentio a cruel setta,
 Todo o vasto Sertão tem penetrado,
 E a Fé com mil trabalhos propagado.

LVI.

Muitos destes alli, velando píos,
 Dentro ás tocas das arvores occultos,
 Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
 Sem recear os barbaros insultos:
 Penetrão matos, atravessão rios,
 Buscando nos terrenos mais incultos
 Com immensa fadiga, e pio ganho
 Esse perdido mísero rebanho.

LVII.

LVII.

Mais de hum verás pela campanha vasta
 Derramar pela Fé ditoso sangue;
 Quem morto ás chammas o Gentio arrasta,
 Quem deixa a setta com o tiro exsanguê:
 Velloz-has discorrer de casta em casta,
 Onde o rude Pagão nas trévas languê;
 E ao Ceo lucrando as miseraveis almas,
 Carregados subir de inclitas palmas.

LVIII.

Com Corte tanta no sublime Paço,
 Que a grã Casa da Torre se appellida,
 Orando Catharina hum breve espaço,
 O throno occupa, e as attentões convida:
 Tinha emplumada a fronte, e o forte braço,
 Como insignia de Imperio conhecida,
 Hum marraque por sceptro sustentava,
 Que toda a turba com respeito olhava.

LIX.

Venturosos Paizanos, que o Ceo ama,
 (Disse a Dama Real) povo disperso,
 Que elle ao rebanho seu piedoso chama,
 Desde o antigo diluvio em sombra immerso:
 Hoje vos quer livrar da Averno chamma,
 Vendo arrastrar-vos do Dragão perverso,
 Esse Grão Deos, que de huma Cruz sublime
 A pena satisfaz, e a culpa opprime.

LX.

Da antiga Lusitania o Rei potente,
 Acompanhando o Sol no gyro immenso,
 Vai rodeando todo o Globo ingente,
 Desde o aurifero Tago ao China extenso:
 Por elle a Fé recebe todo o Oriente,
 O Mouro cede de pavor suspenso,
 E Europa admira pelo mar profundo,
 Que o seu Reino menor subjugue hú Mundo.

LXI.

Deste grande Monarca he tanto o Imperio,
 Que aonde a propria luz não se encaminha,
 Nos limites extremos do hemisferio
 O Lusitano Exercito caminha.
 A Africa, e Ilhas, o Arabe Cimerio,
 Duas vezes passando a immensa linha,
 Possue tantos povos, que a contallos
 São mais que os Portuguezes seus Vassallos.

LXII.

Este Rei glorioso foi o eleito
 Por Providencia da eternal Bondade,
 A fazer do Brazil hum povo accito,
 E digno de a gozar na Eternidade:
 Pudera desta gente o forte peito,
 Tendo n'Alia opulenta immensidade,
 Estes nossos Sertões trocar incultos
 Por Nações ricas, e terrenos cultos.

LXIII.

LXIII.

Pudera com as forças, que aqui manda,
 Com pouca utilidade, ou mais que fora,
 Domar o roxo mar por toda a banda,
 E o Reino todo possuir da Aurora.
 Mas a piedade faz, com que commanda,
 Que antepondo o Brazil a tudo agora,
 Mostre aos homens, q̄ o impulso q̄ o domina,
 He propagar no Mundo a Fé Divina.

LXIV.

Generoso pensar! sagrada empreza!
 Longe da vã Politica de Estado,
 Que se a Milicia, se o Commercio preza,
 Não tem da Santa Fé menor cuidado.
 Mas o que rege a vasta redondeza,
 E a sorte dos Imperios tem fixado,
 Lá virá tempo em fim que o zelo pague,
 E em outro o Tago do Brazil se alague.

LXV.

Hum Rei, senão me engana oculto instinto,
 Quando o Quarto remir as Lusas Quinas,
 Depois do Sexto Affonso, e Pedro extinto,
 Abrirá no Sertão famosas Minas:
 Fará de ouro Lisboa D. João Quinto,
 Altas disposições do Ceo Divinas!
 Pois no tremor, e incendio, que a ameaça,
 Prepara este subsidio á grã desgraça.

LXVI.

LXVI.

Tempo virá, que Dama magestosa
 Por Soberana a Lisboa reconheça,
 Epoca illustre, insigne, e venturosa,
 Em que tenha huma Santa por Cabeça.
 Descerá sobre o Reino a paz formosa,
 E com a paz fará que a gloria desça;
 Atlantes tendo do seu Regio Estado,
 Quatro Sabios, e hum inclito Prelado.

LXVII.

E tu, Monarca Justo, do Ceo vindo,
 Venha-te a palma sobre o Empyreo tarda,
 E Pai da Patria ao Reino presidindo,
 Com zelo a antiga Fé nos nossos guarda:
 Enche o grão nome, as portas reprimindo
 Do monstro Averno: que nos fundos arda;
 Que deixe Portugal, que na Fé medra,
 E Christo firma sobre a immovel pedra.

LXVIII.

Esta insigne Progenie o Ceo promette,
 Brazil agora rude, aos teus vindouros,
 O cóllo humilde em tanto ao Rei sobmette,
 E offerece-lhe contente os teus thesouros:
 E entre tantas Nações, que ao jugo mette
 A' sombra Portugal dos verdes louros,
 Sem provares da Guerra o furor vario,
 Chega ao Throno a humilhar-te voluntario.

LXIX.

LXIX.

E se Princeza me chamais sublime
 Dos vossos Principaes nascida herdeira ;
 Se ao Grão Caramurú , que o raio imprime ,
 Jurastes vassallagem verdadeira :
 Elle da sujeição tudo hoje exime ,
 Cedendo ao Throno Luso a posse inteira ;
 E eu do Monarca na Real Pessoa
 Cedo todo o direito , e entrego a Croa

LXX.

Dizendo assim a Dama generosa ,
 Desce do Throno , e o esplendido Diadema
 Entrega ao Soufa ; e toma magestosa
 Hum baixo assento com modestia extrema :
 Pasma o Tupinambá , vendo a formosa
 Nobre Paraguaçu de claro Estema ,
 Que o seu Regio Marraque ao Soufa dando ,
 Despia a pompa do Real Commando.

LXXI.

Logo o Caramurú na lingua , e estilo
 Dos naturaes fallando ao Chefe novo ,
 Posto tudo em silencio para ouvillo ,
 O escudo da Bahia mostra ao povo .
 A pomba de Noé , que ao noto asylo
 Com ramo de oliveira vem de novo ;
 Dando a entender a paz , que á crúa gente
 Com a Fé dispensava o Rei Clemente .

LXXII.

Este he o titulo (disse) verdadeiro,
 Com que occupa o Brazil, nesta Anarquia
 O muito Alto Senhor D. João Terceiro,
 A fim que em paz se tenha a turba impia:
 Porque ao supremo Ser, e Ente primeiro
 Reconheça o Sertão, sirva a Bahia;
 E porque propagada a Fé se veja
 No novo Imperio, que conquista á Igreja.

LXXIII.

Disse Diogo, e as Quinas tremolando,
Real, Real com voz clama expressiva
 Por D. João Monarca venerando,
 Principe do Brazil, que fausto viva.
 Responde a turba os vivas replicando,
 Com tão alto clamor, que o ouvido priva,
 E ao rumor dos canhões, e das cornetas
 Correspondem as bellicas Trombetas.

LXXIV.

Então sentado sobre o Solio ingente,
 Que já desoccupára a Dama bella,
 Como Governador da Lusa gente
 Thomé de Sousa cortejado della;
 Toma posse legitima, e parente
 Da Bahia, e Sertão, e sem querella
 Do habitante, que os campos desoccupa,
 Em nome dos seus Reis a terra occupa.

LXXV.

Depois ao povo, e illustre Magistrado
 Por Leis do novo Imperio manifesta,
 Que seja o Nome santo venerado,
 Que cesse nos Sortões a guerra infesta,
 Que o Homicidio se veja castigado,
 Que Antropófago atroz, que a Lei detesta,
 Que a Embaixada Evangelica, que envia,
 Se ouça com paz; q se honre o q a annuncia.

LXXVI.

Que o indigena seja alli empregado,
 E que a Tombra das Leis tranquillo esteja;
 Que viva em liberdade conservado,
 Sem que opprimido dos Colonos seja:
 Que ás expensas do Rei seja educado
 O Neofito, que abraça a Santa Igreja;
 E que na tanta empreza ao Missionario
 Subministre subsidio o Regio Erario.

LXXVII.

Por fim publica do Monarca reto,
 Em favor de Diogo, e Catharina,
 Hum Real honorifico Decreto,
 Que ao feu merecimento honras destina:
 E em recompensa do leal affeto,
 Com que a coroa a Dama lhe confina,
 Manda honrar na Colonia Lusitana
 Diogo Alvares Correa de Viana.

(1) *De seus Avós.* Vê-se ainda hoje a Inscricção da sua sepultura, que intitula *Princesa do Brazil.*

(2) *A Camara.* Ainda hoje por assento feito em Camara se faz na Bahia o Anniversario a Catharina Alvares, com esta memoria.

(3) *O santo zelo.* Não referimos esta expressão aos sujeitos; de que se falla, que fora huma contradicção; mas vagamente a quem houvesse sido causa de decahirem aquellas Missões.

F I M.

Vende-se na loja de João José Du Beux, defronte a Igreja de N. Senhora dos Martyres.

(1) De sem Adeir. Vê se ainda hoje a Insuperção
 de sua República, que insensivelmente se desvanece.
 (2) A. Quares. Ainda hoje por algum tempo em
 Canas se fazem bailes o Aniversário a Catharina Al-
 vares, com esta homenagem.
 (3) O tempo não não refugio esta expressão nos
 tempos, de que se falla, que fora huma contradição;
 mas vagamente a quem houvesse ido caula de de-
 huent aquelles tempos.

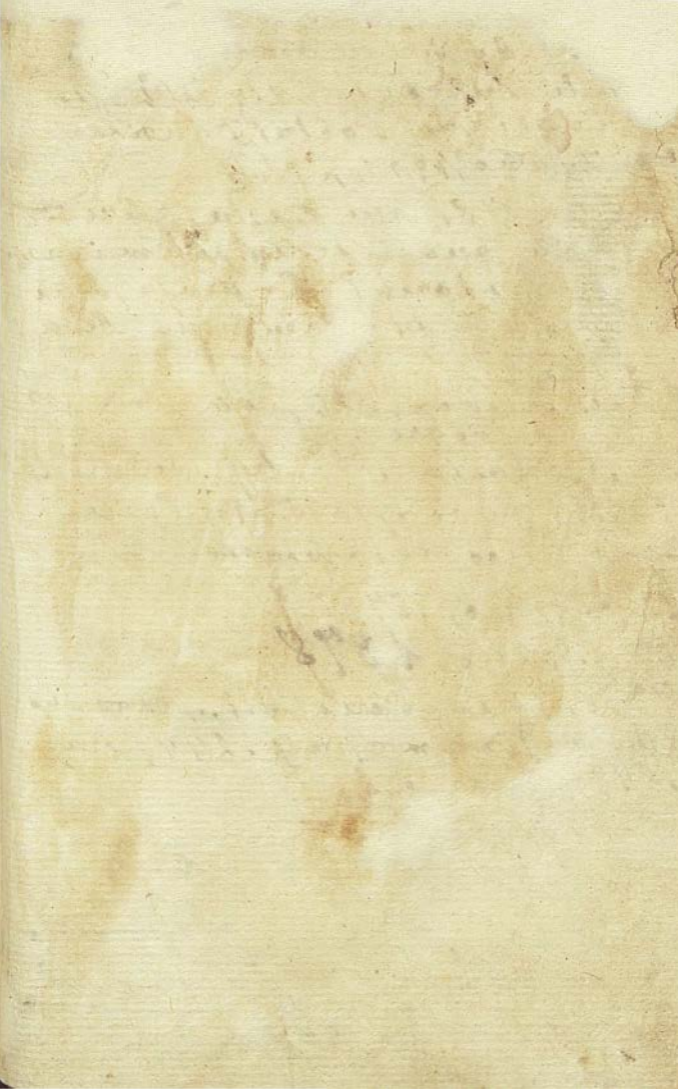
F. I. M.

Vende-se na loja de João José Du Rêno, de frontão
 da Igreja de N. Senhora dos Mártires.

864/8M

maniana

L9 R 03



1.º edição (Caramuru) 3
sete edições, diz Alberto
de Oliveira, Poetas Brasileiros
ed. 7, Rio, 1921, p. 21.

2.º ed.: 1781, que é esta, rariíssima
e por a qual se imprimiram
100 exemplares (Sr. Braga, Filha
de Elyseu de Almeida, Memórias da Academia
de Letras, p. 324)

3.º ed.: Lisboa, 1836, com uma gravura
em cobre.

4.º ed.: Bahia, 1837, typ. de Serra 16

5.º ed.: Lisboa, 1895. Nos Epicos

Brasilenses, de Tarnham

6.º ed.: Rio, 1870 (?)

7.º ed.: Rio, 1878

8.º ed.: Rio - Paris, s. d., mas se
trata do volume, a p. 294, Braz
1899 (Jannier).

9.º Bahia, 1877

10.º Rio (Jannier)

A não ser a de 1870, todas
foram as do Rio de Janeiro
de Oliveira -

1^a ed., rarissimo.

E R R A T A S.

- CANTO I. Oit. XL. v. 4.^o *ercada, creada*
CANTO III. Oit. I. v. 3.^o *affima, a cima*
Ibidem Oit. IV. v. 5.^o *Disse-me, Dize-me*
CANTO IV. Oit. I. v. 5.^o *Paraguaçu, Praguaçu.*
Ibidem Oit. XVII. v. 5.^o
Corrige *Se alguns se chegaõ mais por imprudentes,*
Se algum se chega mais por imprudente
CANTO V. Oit. LIX. v. 7.^o *em tanto, e tanto.*
CANTO VI. Oit. XX. v. 8.^o *offrece, offerece*
Ibidem Oit. LXXVI. v. 4.^o *donde, onde*
CANTO VIII. nas notas, nota 3.^a linha 2.^a
dos Condes de Penaguão
adde Ou como outros quei..., nos senhores da
Tapada,
CANTO IX. Oit. LI. v. 5.^o *que desconfia, que*
de'confia
CANTO X. Oit. LXIV. v. 8.^o *se alague, lbe*
alague

INDEX

CANTO I. Or. XLV. v. 1. 1.
 CANTO II. Or. XLVI. v. 1. 1.
 CANTO III. Or. XLVII. v. 1. 1.
 CANTO IV. Or. XLVIII. v. 1. 1.
 CANTO V. Or. XLIX. v. 1. 1.
 CANTO VI. Or. L. v. 1. 1.
 CANTO VII. Or. LI. v. 1. 1.
 CANTO VIII. Or. LII. v. 1. 1.
 CANTO IX. Or. LIII. v. 1. 1.
 CANTO X. Or. LIV. v. 1. 1.
 CANTO XI. Or. LV. v. 1. 1.
 CANTO XII. Or. LVI. v. 1. 1.
 CANTO XIII. Or. LVII. v. 1. 1.
 CANTO XIV. Or. LVIII. v. 1. 1.
 CANTO XV. Or. LIX. v. 1. 1.
 CANTO XVI. Or. LX. v. 1. 1.
 CANTO XVII. Or. LXI. v. 1. 1.
 CANTO XVIII. Or. LXII. v. 1. 1.
 CANTO XIX. Or. LXIII. v. 1. 1.
 CANTO XX. Or. LXIV. v. 1. 1.
 CANTO XXI. Or. LXV. v. 1. 1.
 CANTO XXII. Or. LXVI. v. 1. 1.
 CANTO XXIII. Or. LXVII. v. 1. 1.
 CANTO XXIV. Or. LXVIII. v. 1. 1.
 CANTO XXV. Or. LXIX. v. 1. 1.
 CANTO XXVI. Or. LXX. v. 1. 1.
 CANTO XXVII. Or. LXXI. v. 1. 1.
 CANTO XXVIII. Or. LXXII. v. 1. 1.
 CANTO XXIX. Or. LXXIII. v. 1. 1.
 CANTO XXX. Or. LXXIV. v. 1. 1.
 CANTO XXXI. Or. LXXV. v. 1. 1.
 CANTO XXXII. Or. LXXVI. v. 1. 1.
 CANTO XXXIII. Or. LXXVII. v. 1. 1.
 CANTO XXXIV. Or. LXXVIII. v. 1. 1.
 CANTO XXXV. Or. LXXIX. v. 1. 1.
 CANTO XXXVI. Or. LXXX. v. 1. 1.
 CANTO XXXVII. Or. LXXXI. v. 1. 1.
 CANTO XXXVIII. Or. LXXXII. v. 1. 1.
 CANTO XXXIX. Or. LXXXIII. v. 1. 1.
 CANTO XL. Or. LXXXIV. v. 1. 1.
 CANTO XLI. Or. LXXXV. v. 1. 1.
 CANTO XLII. Or. LXXXVI. v. 1. 1.
 CANTO XLIII. Or. LXXXVII. v. 1. 1.
 CANTO XLIV. Or. LXXXVIII. v. 1. 1.
 CANTO XLV. Or. LXXXIX. v. 1. 1.
 CANTO XLVI. Or. LXXXX. v. 1. 1.
 CANTO XLVII. Or. LXXXXI. v. 1. 1.
 CANTO XLVIII. Or. LXXXXII. v. 1. 1.
 CANTO XLIX. Or. LXXXXIII. v. 1. 1.
 CANTO L. Or. LXXXXIV. v. 1. 1.

Handwritten notes:
 1882
 10-09-01 R-03 side